

**PERCURSOS ANDARILHOS DE UMA HISTÓRIA:
Quem Bagé Pensa que é?**

JAQUELINE LIDORIO DE MATTIA

Pelotas, Dezembro de 2014

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

JAQUELINE LIDORIO DE MATTIA

PERCURSOS ANDARILHOS DE UMA HISTÓRIA: quem Bagé Pensa que é?

Pelotas, dezembro de 2014.

JAQUELINE LIDORIO DE MATTIA

PERCURSOS ANDARILHOS DE UMA HISTÓRIA: quem Bagé Pensa que é?

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-Rio-Grandense – Campus Pelotas para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Róger Albernaz de Araujo

Linha de Pesquisa:

Políticas e Práticas de Formação

Pelotas, Dezembro de 2014.

Ficha Catalográfica

M444p Mattia, Jaqueline Lidorio de.
Percurso andarilhos de um história : quem Bagé pensa que é? / por
Jaqueline Lidorio de Mattia. – 2014.
120 f. : il. ; 30 cm.

Orientador: Prof. Dr. Róger Albernaz de Araujo

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e
Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em
Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas,
2014.

1. História - Bagé. 2. Corpo-cidade. 3. Corpos-coletivos. 4. Marcas
cartográficas. I. Araujo, Róger Albernaz de. II. Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense - IFSul. III. Título.

CDD 981.65

Catálogo na publicação:
Bibliotecária Rosana Machado Azambuja CRB 10/1576
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

JAUQUELINE LIDORIO DE MATTIA

PERCURSOS ANDARILHOS DE UMA HISTÓRIA: quem Bagé Pensa que é?

Dissertação de Mestrado apresentada ao programa de Pós-graduação em Educação e Tecnologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e tecnologia Sul-Riograndense – IF-Sul.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Róger Albernaz de Araujo - Orientador

Prof. Dra. Viviane Castro Camozzato - Uergs

Prof.^a Dra. Cristhianny Bento Barreiro – IF-Sul

Prof.^a Dra. Valeska Fortes de Oliveira - UFSM

Aprovada pela banca examinadora em 12/12/2014

Pelotas, 2014.

Se por caminhos fosse possível contar histórias
As histórias seriam bem mais simples do que me parecem.
Caminhos são retas,
Nunca pontos, às vezes curvas.
Mas jamais voltas...
Histórias volteadas
Não poderiam ser caminhadas
Por estradas já trilhadas,
Gastas e dilaceradas.
Histórias... Histórias...
Nesse emaranhado de coisas
Um rizoma mostra parte de sua face
Surge um mapa sem norte, sem sorte.
E uma cartografia talvez se faça...
Mas não me pergunte por quantas mãos,
Nem por quantos autores,
Muito menos onde é o começo e o fim.
Ele apenas é.
(GUIMARÃES, 2010, p. 6)

Agradecimentos

Para que este trabalho pudesse vir à tona, na tentativa de descrever alguns pontos que compõem Bagé, muitos caminhos foram trilhados. Agradecer primeiramente a Deus pela oportunidade da vida e ao meu orientador por ter me acolhido. Sim, pois foi uma escolha, já que durante as entrevistas ele fez sua aposta e por ter compartilhado muitos ensinamentos e ter persistido em “domar” essa catarina, que carrega consigo muito xucrismo ainda, mas que têm no Rio Grande do Sul, raízes rizomáticas que não mais serão cortadas.

Aos professores do Mestrado IFSul Pelotas, pelos conhecimentos, pelas risadas, por cada momento único que passamos juntos nessa troca. Aos integrantes do grupo GeiSSo que pudemos trocar muitas experiências e conversas. Agradeço à disponibilidade das professoras Valeska, Cristhianny e Viviane a compor a banca.

Aos colegas do mestrado pelas trocas de conhecimento em cada seminário e pelas risadas, mates, pelos passeios na cidade. Nos trajetos até Pelotas, na companhia de grandes amigas que, no caminho nos “cruzamos”, no primeiro dia de aula do mestrado, fez com que a saudade de casa, fosse menos dolorosa. Foram muitas risadas e histórias que só a estrada foi testemunha e aprender a ser da Campanha, junto com vocês, foi maravilhoso. Obrigada Ana, Rosi e Verônica e o nosso sobrinho que está a caminho, por cada dia!

Não posso deixar de agradecer à coletividade de professoras da unidade da Uergs de Bagé, que se disponibilizaram para que eu pudesse me ausentar alguns períodos da semana para o mestrado. Em especial à professora Vivi que, com muita paciência, me ouviu, experimentou da culinária catarinense, e sugeriu muitas leituras: admiro muito sua trajetória professora. Meu muito obrigada também as outras Professoras. Aos alunos que ajudaram a compor novos olhares sobre a cidade e que muito aprendo com eles!

À minha família, em especial minha mãe e meus irmãos que “botaram fé em mim” e foram a Bagé, nos momentos em que eu não tinha como ir e a saudade apertava. Aos tios e tias, primos e primas, vizinhos e vizinhas que, no lazer de vocês, pra passear no RS, faziam minha alegria transbordar, até churrasco aprendi a fazer para recebê-los. Aos que ainda não vieram a Bagé também. E quando estava por SC, sempre estavam dispostos aos reencontros, churrascos, peixadas, festas juninas, festas de

verão, de inverno e em degustar minhas experiências gastronômicas. Ao nono Bepe, por ter deixado sempre a casa e o freezer à disposição pra nossos encontros! Pela receptividade, sempre que precisei de pouso em Porto Alegre: o tio Francisco e tia Iolanda (sempre presente), aos primos Domingos e Bela e a querida Vanessa Bittencourt por tantas vezes me acolher; obrigada de coração. E já em outro plano, mas não menos importante, pois sinto a presença constante, do Índio Velho, da nona Maria, do nono Juca, do tio Antonio, que acompanharam essa escrita de longe, desde o princípio. Obrigada pela luz e meu muito obrigado parentada.

Aos amigos que o RS me apresentou e que têm lugar cativo: compadres Celza e Eder, Mamá, meu afilhado Davi, O Cristiano, Mano, Lisandro, Bruna Moscat, Jusiane e Everton, a Luka, seu João, Cláudio, Eron, o professor e amigo Marcelo Paim, Daniela Redante, Fifa Quintana, Deise de Luca e ao meu Rafa.

Aos Potiguares: Inalda, Bianca, Ingrid, Roberto, Pablo, Simone, Tião, Raquel, toda família da Inalda, que hoje é minha também e me receberam no RN com muito carinho para férias com emoção.

E aos catarinenses que sempre estiveram presentes: Os amigos do grupo da *Escação Físka*, ao Paulo Henrique Eli, Cintia e Vinicius, Simone e o Renan, Helo, o Gu, à família da Talita, o Fernando meu paciente parceiro de surf e comilanças, aos amigos da “*casa de Itapira*” e aos da “*Toca dos Gambás*”, aos meus compadres, Tamires e Adriano. Meu obrigado por tamanha parceria.

Escrever requer foco e a casa de praia já foi cúmplice do TCC durante a graduação, aos projetos da especialização, aos estudos para o concurso da Uergs e que agora, novamente me acolhe para a escrita da dissertação que, com o barulho do mar, as corridas na beira da praia, tentativas de surf, junto aos caminhantes pensamentos na orla, proporcionaram essa escrita.

RESUMO

MATTIA, Jaqueline Lidorio de. PERCURSOS ANDARILHOS DE UMA HISTÓRIA: quem Bagé Pensa que é? 120f. Dissertação Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas, Pelotas – RS.

O presente trabalho surge como um espaço de debate e captura de percepções, a partir dos “pensamentos caminhanter” sugeridos por Nietzsche. Nesse percurso, um encontro com um andarilho acontece e a cidade passa ser contada com um novo olhar. É pôr-se à espreita na tentativa de mapear alguns desses caminhos, desvelar e narrar, a partir de diferentes pontos de vista, rastros de como ocorre essa relação de múltiplos atravessamentos, que compõem a cidade de Bagé; isso instiga a um olhar de estrangeiro, como forma de se poder tentar perceber como e por que acontecem estas composições no espaço-tempo da contemporaneidade, que se entrelaçam entre a cultura, os espaços, corpos individuais e corpos coletivos. Buscam-se possibilidades de aproximação dos modos de constituição de um corpo-cidade de Bagé, considerando a historicidade que a caracteriza e a corporeidade que lhe provém o movimento e agora, histórias andarilhanter. Deseja-se tentar entender como se engendram as possibilidades de constituição dos corpos que se percebem vazios de si e nos tensionamentos de controle aos quais estão sujeitos. Emerge, nesse contexto, o cenário vivificado pela composição de uma sociedade, potencializada na singularidade do olhar de personagens que produzem suas narrativas, a partir de um agenciamento com a cidade, da qual são nativos pela intensidade das relações estabelecidas ao longo do tempo. Transversalmente contar histórias, imiscuídas por entre as narrativas das personagens, na busca da criação de um arranjo, em que todos tenham uma história para poder contar.

Palavras-Chave: Corpo-cidade; corpos-coletivos; andarilho; histórias; marcas cartográficas

ABSTRACT

PATHWAYS HIKERS A STORY: Bagé who thinks it is?

This work arises as a space for debate and capture perceptions, from the "walkers thoughts" suggested by Nietzsche. Along the way, an encounter with a hiker happens and the city shall be reckoned with a new look. You put yourself on the prowl in an attempt to map some of these paths, to unveil and narrate, from different points of view, traces of this relationship occurs as multiple crossings, which make up the city of Bagé; it instigates a foreign look, in order to be able to try to understand how and why these compositions happen in contemporary space-time that intertwine between culture, spaces, individual bodies and collective bodies. Are sought possibilities of bringing the constitution modes of a body-city of Bagé, considering the historicity that characterizes and corporeality that it comes from the movement and now andarilhantes stories. You want to try to understand how to engender the creation of opportunities for bodies that are perceived voids itself and tensions of control to which they are subject. Emerges in this context, the setting enlivened by the composition of a company, enhanced the uniqueness of the look of characters that produce their narratives, from an agency with the city, which are native by the intensity of the relationships established over time. Across storytelling, through the narratives of the characters in the pursuit of creating an arrangement, in which everyone has a story to be able to count.

Keywords: Body-city; bodies-collective; wanderer; stories; cartographic marks

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1: Tecido não-tecido.....	59
Figura 2- Região da Campanha (google Imagens)	60
Figura 3- Bagé 2014.....	61
Figura 4- Localização geográfica	61
Figura 5 - Rainha da Fronteira	62
Figura 6 – Fragmentos do Manifesto 3.....	64
Figura 7 – Fragmentos manifesto 7.....	65
Figura – 8 Fragmentos manifesto 6.....	65
Figura – 9 Fragmentos manifesto 1.....	65
Figura 10 - Fragmentos manifesto 4	66
Figura 11 - Fragmentos manifesto 8	66
Figura 12 – Avenida Sete de Setembro em Bagé	67
Figura 13 - Fragmentos manifesto 5	68
Figura 14 - Fragmentos manifesto 10	72
Figura 15 - Fragmentos manifesto 2	73
Figura 16 - Fragmentos manifesto 9	74

SUMÁRIO

OS PRIMEIROS PASSOS	5
1.POSSIBILIDADES DE COMPOSIÇÃO DE UM CORPO-CIDADE.....	14
1.1 O corpo em diferentes pagos	18
1.2 Culturas e suas manifestações no espaço da cidade	24
2. POR UMA SOCIEDADE MAIS CONTEMPORÂNEA	30
3. METODOLOGIA	37
4. PERCURSOS DE UMA HISTÓRIA: QUEM BAGÉ PENSA QUE É?	44
4.1 Composição de novos olhares: quem pode contar histórias?	54
5. POSSIBILIDADES DE VIDA DE UM CORPO-CIDADE ANDARILHO.....	64
6. CONSIDERAÇÕES E ENCAMINHAMENTOS	76
Referências	81
ANEXOS	87

OS PRIMEIROS PASSOS

A educação física cuida do corpo... E “mente”
(MEDINA, 1986, p.1)

Os debates que levam a este estudo têm como base uma trajetória acadêmica na educação física e que tenta, ao longo dos anos, provocar e promover questões referentes ao estudo dos diferentes conceitos de corpos na contemporaneidade. Esse corpo, que muitas vezes é apenas físico e anatômico, é também um corpo que, ao longo da história, tenta se constituir enquanto singularidade e coletividade.

Percepções de uma crise anunciada na educação física surgem como pano de fundo ao debate desta pesquisa. Desde os anos 80 esse cenário está anunciado. Cabe pensar, mais propriamente, que “essa crise da razão é essencialmente contemporânea” (MOURA, 1996, p.94), algo que vem se constituindo, mas que possui nuances de que “não existe o “originário” e que, por isso mesmo, a “verdade” necessariamente se multiplica “(...) (MOURA, 1996, p.94)

O dualismo que Medina (1986) anuncia em seus estudos – “A educação física cuida do corpo... E mente” – se insere quando sinalizamos um significativo crescimento e interesse pelas atividades do corpo que cria condições mais favoráveis para pensar o conceito e aponta para a necessidade de encontrar um sentido mais humano para a nossa "cultura física", pensando esse corpo e mente, de forma mais humanizante.

O autor busca confrontar a realidade dos estudos e das práticas em educação física, sinalizando uma "crise" para um campo que historicamente se coloca como instrumento de poder e dominação. "A crise é um instante decisivo, que traz à tona praticamente todas as anomalias que perturbam um organismo, uma instituição, um grupo ou mesmo uma pessoa" (MEDINA, 1986, p. 19). Emerge a possibilidade de que “na teoria a prática é outra?” (EUZÉBIO; ORTIGARA, 2011, p.653). Como Medina (1986) salienta:

É nesse sentido que a nossa cultura está necessitando de uma revolução. Uma revolução que comece com uma ‘crise’. Mas uma crise que através do choque das contradições, amplie as possibilidades enquanto humanos. Uma crise que, com o tempo, permita a elaboração de projetos indispensáveis à superação de nossas alarmantes limitações na direção de uma realização existencial

e profissional, pessoal e coletiva, de maior amplitude. (MEDINA, 1986, p.13).

Foi a partir dessa anunciação que Veiga-Neto (2008) situa os “sintomas implicados da agudização contemporânea daquilo que se costuma chamar de crise da modernidade” (2008, p. 141, grifos do autor) que emergiu a possibilidade de pensar esta pesquisa.

A modernidade é alvo de estudos de Bauman (1998, 2001, 2009) e Giddens (1991, 2002, 2003), entre outros autores. A pós-modernidade é tratada por Lyotard (1986 E 1989) e Harvey (2005) e muitos outros. Já Augé (2012) trata da instantaneidade da supermodernidade. Todas estas leituras apontam as crises pelas quais a modernidade passou e passa, desde a segunda metade do século XX e o cenário cultural na sociedade aponta profundas transformações.

A modernidade produz marcas nos sujeitos. A economia, a mídia, o consumo, a transitoriedade dos acontecimentos, detém parcela significativa nessa constituição e trouxe consigo a instabilidade, insegurança e um maior contato com redes virtuais de comunicação. A tecnologia que conecta instantaneamente tudo e todos, talvez produza a necessidade de novos corpos – individuais e coletivos. O cenário se volta também para a hipermodernidade de Lypovetsky (2004, 2005, 2007, 2011).

As transformações estão implicadas na sociedade e aqui, o cenário atenta, mais especificamente, para o olhar voltar-se para a composição do corpo-cidade, enquanto fragmentos e histórias que vem constituindo Bagé.

[...] boa parte daquilo que chamamos de crise, que sentimos como sendo uma crise, é, na verdade, um conjunto de mudanças culturais que têm como resultado o estabelecimento de novas percepções sobre a realidade e novas práticas sociais. (VEIGA-NETO, 2000, p.44)

Como referência ao conceito de crise, podemos viabilizar que:

a palavra crise tem muitos significados. [...] a sociologia a entende como uma situação social decorrente da mudança de padrões culturais, e que se supera na elaboração de novos hábitos por parte do grupo. É a fase de transição em que, abaladas as antigas tradições, não foram ainda substituídas por novas. (MEDINA, 1986, p. 35-36)

A crise da modernidade, da sociedade e, junto delas, da educação física, trazem para o debate um cenário que vem se constituindo dessas composições e recomposições que atravessam a sociedade. Deleuze (2012) utiliza o conceito de

causalidade imanente¹. “Ilustrativamente, podemos comparar o conceito às imagens que surgem na visualização do caleidoscópio, onde surgem novas formas a cada virada de mão e cada imagem que surge tem sua característica própria” (Carvalho, p.57, 2013) próprias dessa sociedade, “mas, ao se movimentar, modifica-se parecendo que já estava apta a mudar da forma anterior e para receber as novas formas” (CARVALHO, p.57, 2013)

Desse modo, não devemos pensar a constituição desse corpo-cidade com identidade única. A identidade da cidade, “não implica em uma permanência e, ela só pode ser detectada pela não-identidade” (FOUCAULT 1987, p.37) pelo desapropriar-se de si”.

A modernidade acaba por se definir na crise. A contemporaneidade se constitui nela, se afirma como uma época em que se permite o questionamento da ordem estabelecida e o tradicional é questionado a todo instante. “Rupturas” de um tecido² que compõe a cidade “é desse começar e recomeçar de novo que em parte, nos vem a sensação de crise”. (VEIGA-NETO, 2008 p.41 e 42).

A constituição coletiva dos corpos, nesse cenário de crise, nos remete à busca de alguns apontamentos históricos. O corpo se constituiu não somente enquanto composição fisiológica, mas que já se tornava motivo de algumas discussões e que, não somente hoje, uma crise se desvela ao debate:

Sócrates possuía uma visão integral de homem, julgando como importante tanto o corpo quanto a alma para o processo de interação do homem com o mundo, diferente de Platão, que possuía uma visão mais dicotômica, na qual o corpo servia de prisão para a alma. As ideias de Aristóteles aproximavam-se mais das ideias de Sócrates do que das de Platão, pois partia do princípio de que, as ações humanas

¹ “O campo da imanência não é um interior ao eu, mas também não vem de um exterior ou de um não-eu. Ele é antes como o Fora absoluto que não conhece mais os Eu, porque o interior e o exterior fazem igualmente parte da imanência na qual eles se fundiram. (DELEUZE, 2012 p. 21)

² Tecido: Um tecido apresenta em princípio um certo número de características que permitem defini-lo como espaço estriado. Em primeiro lugar, ele é constituído por dois tipos de elementos paralelos: no caso mais simples, uns são verticais, os outros horizontais, e ambos se entrecruzam perpendicularmente. Em segundo lugar, os dois tipos de elementos não têm a mesma função; uns são fixos, os outros móveis, passando sob e sobre os fixos. [...] Em terceiro lugar, um tal espaço estriado está necessariamente delimitado, fechado ao menos de um lado: o tecido pode ser infinito em comprimento, mas não na sua largura, definida pelo quadro da urdidura; a necessidade de um vai-e-vem implica um espaço fechado. (DELEUZE; GUATTARI, 1997, p.180)

eram executadas em conjunto, corpo e alma, todas num processo contínuo de realização. (CASSIMIRO et all., 2012, p.65)

Essa pesquisa não se coloca a priori, em tentar desvencilhar como esse corpo-alma se constitui, mas em fazer apontamentos de que essas questões vêm ganhando espaço nos debates com a contemporaneidade em decorrência de contendas que se estendem por séculos.

Importante ressaltar que depois de Cristo, com grande influência da Igreja Romana, o corpo passa a sofrer repreensões e limites na sociedade. Continua sendo considerado corpo-alma, mas com um olhar unificado. Talvez tenhamos nesse debate uma das primeiras discussões acerca do “corpo-cidade”. Isso fica mais explícito ainda na carta que o Apóstolo Paulo escreveu aos Romanos, na qual refere que “a comunidade é um corpo vivo” (SAGRADA, 1990, p. 1454). Comunidade viva enquanto mística³ de uma proposta que compõe a sociedade e atravessa as questões culturais e permitem um debate na contemporaneidade. Posteriormente, Descartes faz algumas provocações:

O dualismo cartesiano marcou até hoje o pensamento ocidental sobre o homem, com a divisão em dois tipos de componentes distintos e separados: a mente e o corpo. Ao praticar essa cisão, René Descartes formulou um enigma que até hoje não foi resolvido de maneira definitiva, apesar de ter inspirado inúmeras hipóteses e teorias: qual é a natureza da consciência e qual sua relação com o mundo material? (SIBILIA, 2002, p.95)

Trago para o debate Sibilía (2006, p.106) “Será que o corpo contemporâneo ainda é prisioneiro dessa alma tirânica da modernidade, aquela que interiorizava as normas sociais para disciplinar e canalizar produtivamente as potências dos corpos na sociedade industrial?” “Ou a alma é a prisão do corpo?” (FOUCAULT, 1977, p.30).

Esse conceito ultrapassa “a distinção entre a consciência e o inconsciente, entre a natureza e a história, o corpo e a alma” (DELEUZE e GUATARRI, 1995, p. 08). As multiplicidades que compõe esse trabalho, “são a própria realidade, e não supõem nenhuma unidade, não entram em nenhuma totalidade e tampouco remetem a um sujeito” (DELEUZE e GUATARRI, 1995, p.08). Interessa-nos, a partir dessa problematização, discutir, a partir das condições históricas do tempo presente, o que

³ Mística enquanto encantamento e chamado pra compor uma comunidade (MOURA, 2012).

permeia as composições da cidade de Bagé/RS. Talvez “hoje o corpo se apresenta como uma grande âncora de subjetividades é na superfície corporal onde cada um exhibe as suas verdades” (SIBILIA, 2006, p. 110).

Atualmente, essa constituição recebe saberes dos contemporâneos modos de ser e que vêm buscando entender essa construção histórica de como vimos nos tornando o que somos. O que é, também, ponto de destaque em minhas inquietações, enquanto corpos que vem compondo a cidade de Bagé e que permita ser observado de diferentes pontos de vista. A intenção não é a de buscar desvelar as supostas origens do corpo-cidade em Bagé, mas tentar entender como essa relação contemporânea, de múltiplos atravessamentos⁴, compõe este espaço-tempo na urbanidade.

A percepção das transformações que a sociedade contemporânea vem passando ao longo dos anos deixa algumas provocações no sentido de pensar como esses acontecimentos⁵ ocorrem nesse espaço-tempo. Na tentativa de provocar essas percepções, no cenário que vem constituindo Bagé, emerge a possibilidade de perceber alguns acontecimentos que, coletivamente, compõem esse cenário da cidade.

[...] não há um modelo a priori de mundo, uma metanarrativa a nos guiar. Nesse caso, para dar um “passo engajado” o rumo não é determinado a partir de uma suposta estrutura de fundo ou de final-feliz a ser atingido; cada passo é decidido pelo exame das condições históricas (passadas) e das condições de possibilidades (presentes), todas elas condições que são deste mundo. (SIBILIA, 2002, p.48)

Nas leituras de Foucault (1966, 1979, 1984), o papel da filosofia como aquela que busca os fundamentos, seja do saber ou da ação no mundo, enquanto um discurso geral e englobante, não faz mais sentido. Ele destaca o papel do pensamento filosófico como uma reflexão sobre a atualidade, que é uma atitude crítica sobre o

⁴ Múltiplos atravessamentos: Atravessamentos se apontam na pesquisa, enquanto procedimentos que provocam uma travessia, que transpassa as composições que Bagé institui como suas verdades e aponta para compor um novo olhar para a cidade.

⁵ Acontecimento: “Aion, que é o tempo indefinido do acontecimento, a linha flutuante que só conhece velocidades, e ao mesmo tempo não para de dividir o que acontece num já-aí e um ainda-não-aí, um tarde-de-mais e um cedo-demais simultâneos, um algo que ao mesmo tempo vai se passar e acaba de se passar. [...] Aion, isto é, o tempo do acontecimento puro ou do devir, enunciando velocidades e lentidões relativas, independentemente dos valores cronológicos ou cronométricos que o tempo toma nos outros modos. (DELEUZE e GUATARRI 1995, p.48-51)

presente, sobre quem somos nós hoje, e não como uma busca de fundamentos.

Questão que nos movimenta por entre as condições históricas e de agenciamentos que se entrelaçam para a produção do corpo-cidade nas subjetividades.

Compreender filosoficamente a história significa também situar o problema da liberdade em um âmbito realizável, vislumbrar suas possibilidades. Por outro lado, e inversamente, faz-se necessário compreender a ideia de acontecimento histórico a partir de um trabalho da própria liberdade enquanto história, enquanto subjetividade construída nos jogos de saber e de poder, daí sua ênfase nas descontinuidades de que são portadoras as construções históricas da subjetividade. (VON ZUBEN, 2010, p. 02).

Com esse debate, atenta-se a possibilidade de criação de alguns pontos que possibilitem adentrar nessa composição, que vem constituindo os corpos individuais e coletivos no entrelaçamento de espaço-tempo da urbanidade, e que ajudam a compor nossa cidade nas relações estabelecidas com a cultura que a atravessa.

Talvez o cenário de cultura evoque um aspecto do modo de ser e de viver de um povo, que passa a ser expressa num corpo complexo de significações, aceito e transmitido pelo grupo e também a produção de mecanismos para a organização do grupo social. (HALL, 1997)

A partir de debates, estabelecemos alguns pontos iniciais. Peças de uma máquina colocada em funcionamento na composição de uma cidade que se produz na multiplicidade e nas/pelas conexões, entre os territórios da cultura que a atravessam, para que o trabalho possa de alguma maneira fluir⁶ e orientar essa busca.

Dentre os pontos, tentar analisar como se constituem os corpos-individuais e os corpos-coletivos que compõem a cidade de Bagé, em um olhar para além dos espaços instituídos, principalmente na relação com os caminhos e os entrecaminhos que se produzem no/pelo movimento e no/pelo ritmo que compõem o corpo-cidade. E, mais especificamente, com algumas histórias que atravessam a cidade de Bagé, atentando-se à produção das individualidades e das coletividades no contexto contemporâneo.

⁶ “‘Fluidez’ é a qualidade dos líquidos e gases [...] eles ‘não podem suportar uma força tangencial ou deformante quando imóveis’ e assim ‘sofrem’ uma constante mudança de forma quando submetidos a tal tensão” (BAUMAN, 2001, p. 7).

É a possibilidade de pensar no conceito de corpo-coletivo em uma tentativa de mapear as condições e possibilidades em que se produzem os encontros/desencontros na hipermodernidade enquanto algumas análises dos processos de diferenciação implicados nas práticas sociais cotidianas, que historicamente atravessam e produzem marcas de identidade nos corpos de Bagé.

Uma busca, procurando entender, por entre os signos que preenchem a urbanidade, como se produzem as ressonâncias de quem somos e a quem pertencemos, em uma estrita ligação com as práticas corporais vividas, as quais produzem sentidos e significados de alguns pontos que compõem Bagé e o que, neste contexto, possibilita a composição de um corpo-cidade.

O processo de constituição desta pesquisa tenta produzir seu movimento a partir da apropriação de um plano de organização, que possa trazer à superfície a estética das relações que estabelecem a cidade como ela é, conforme os processos de subjetivação que se compõem. Deste modo, busca-se produzir uma percepção por entre narrativas, individuais e coletivas, que preenchem a cidade de Bagé. Uma possibilidade de pesquisa para além de um método, em um programa de procedimentos, que não receitem um caminho, mas que, à espreita, não percam a oportunidade de se por no caminho. O desejo que move, coloca a cada novo pensamento outro percurso à frente. De algum modo, esta pesquisa persegue esse horizonte impreciso, que a cada passo, a cada conjunto de passos, revela a possibilidade de um novo horizonte por entre histórias, que nos permitam contar de outras maneiras, como a cidade se compõe.

O trabalho tenta organizar-se por entre os atravessamentos que possibilitam uma composição da cidade de Bagé, enquanto corpo de funcionamento individual e coletivo, que contem outras histórias, não menos importantes e que nem sempre fazem parte das histórias oficiais. “Prioridade era desviar dos temas frequentemente tratados nos livros de história da cidade, livros que priorizam processos gerais, institucionais e grandes personalidades da elite bajeense” (MOURA, 2012, p.79). Um cenário instituído historicamente nos referenciais tradicionalmente publicados, que segrega algumas histórias tidas como importantes, em virtude de outras. Não buscando estabelecer juízo de valores para quaisquer delas, mas colocando-se à espreita por novas histórias. Cenário que aponta muitas linhas.

Não fixa pontos; traça linhas. Linhas que conectam um pesquisador e seu entorno, conceitos e dados; um emaranhado de fibras onde não se distingue mais os contornos e os limites. Os fios deste tecido não se cruzam apenas em linhas horizontais e verticais, acontecem tecendo-se no atravessamento do tear em todas as direções, sem uma subordinação determinada a pontos específicos e demarcados a priori. Acontecem. (SOPENA, 2013, p.6)

Questões que intentam provocar alguns pontos para o debate. Será que Bagé é um simulacro⁷? Ou a cidade se compõe por entre simulacros⁸? Quem o corpo-cidade Bagé pensa que é?

Partiríamos de uma primeira determinação do motivo platônico: distinguir a essência e a aparência, o inteligível e o sensível, a Idéia e a imagem, o original e a cópia, o modelo e o simulacro. Mas já vemos que estas expressões não são equivalentes. A distinção se descola entre duas espécies de imagens. As cópias são possuidoras em segundo lugar, pretendentes bem fundados, garantidos pela semelhança; os simulacros são como os falsos pretendentes, construídos a partir de uma dissimilitude, implicando uma perversão, um desvio essenciais. (DELEUZE, 2000, p. 04)

Os corpos que compõem Bagé transitam por entre cópias e simulacros? “A cópia é uma imagem dotada de semelhança, o simulacro, uma imagem sem semelhança” (DELEUZE, 2000, p. 05).

Um corpo não é apenas um corpo. É também, seu entorno. Mais que um conjunto de músculos, ossos vísceras, reflexos e sensações, o corpo é também a roupa e os acessórios que o adornam, as invenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação de seus gestos [...] Enfim, é um sem limites de possibilidades sempre reinventadas e a serem descobertas. Não são, portanto, as semelhanças biológicas que o definem, mas, fundamentalmente, os significados culturais e sociais que a ele se atribuem. (GOELLNER, 2005, p.29)

Assim, numa tentativa, a primeira abordagem do trabalho se dá pelo corpo e as suas possibilidades, buscando “desvendar” o corpo na história e no contemporâneo. Posteriormente, o debate se dá pelo corpo enquanto “vazio”. Nos contemporâneos modos de ser, há o debate dos corpos disciplinados e dos corpos controlados. Busca-

⁸Definimos a modernidade pela potência do simulacro. (DELEUZE, 2000, p. 13). BAUDRILLARD, JEAN. Simulacros e simulações. Lisboa: Antropos,1981.

se, ainda, a composição da possibilidade de, minimamente, espreitar a constituição dos corpos individuais e coletivos que compõem a cidade de Bagé.

No segundo movimento busca-se desvelar a composição da sociedade, enquanto partícipes da construção de uma modernidade ou hipermodernidade; urbanidades e civilidades, cidades e cibercidades que vêm constituindo a cidade que se entremeiam por entre a cibercultura. Neste ponto do processo de delineamento de possibilidades que podem configurar a constituição da cidade de Bagé, adentraremos ao questionamento: Uma cidade tem vida? Por entre as narrativas que contam a história da cidade de Bagé, a partir de um olhar narrativo de personagens que não estão nos livros historiográficos acrescidas do olhar da pesquisadora, busca-se potencializar o entendimento sobre as relações que dão vida à cidade. Isso, a partir do agenciamento com as histórias contadas, cada qual com uma perspectiva e com o desejo e o prazer de quem olha. O que de algum modo, produz uma estética de pensamento sobre Bagé. Cada qual uma cidade. Cada qual uma Bagé. Nem menos, nem mais: sem quantificações, pelo menos aqui. O desejo de perceber se torna maior que o de contar, e o desejo de qualificar se torna maior que o de quantificar. O tempo se tornará signatário desta disputa, que reserva-se, infinitamente inacabada.

1. POSSIBILIDADES DE COMPOSIÇÃO DE UM CORPO-CIDADE

Os estudos que buscam compreender o corpo podem talvez ser um dos pontos de maior destaque de algumas inquietações. Busca-se tentar entender, alheio ao desvelamento das origens do corpo, a relação contemporânea de múltiplos atravessamentos que compõem um espaço-tempo da urbanidade. Alguns questionamentos em uma sociedade que se produz (des)organizada e em que os indivíduos tendem a se agrupar por características de cada grupo, promovendo uma coletividade e uma aceitação e, com isso, uma produção de identidades.

Pessoas, enquanto corpos individuais, grupos e espaços públicos, enquanto corpos coletivos e culturais produzem encontros que agenciam a possibilidade de uma produção de diferenças na cultura. Nisso estão implicadas práticas sociais cotidianas, as quais, historicamente, atravessam e produzem marcas nos corpos que se tornam característicos de um determinado corpo-cidade.

No processo de construção cotidiana de quem se é e a quem pertence, há uma estrita ligação com as práticas corporais vividas, que produzem temporariamente e constantemente sentido e significados que promovem ou não, o ser o que se é. Todavia, estes processos não potencializam, necessariamente, uma singularidade para o indivíduo. Por uma perspectiva próxima, pode-se olhar como acontecem algumas atividades do cotidiano tentando compreender os processos sociais e culturais e seus efeitos na constituição do corpo-cidade. Para isso parece importante compreender as transformações em “nossas vidas, nossos desejos, nossas expectativas em relação a tudo, nossos hábitos e movimentos, a cultura e tudo mais” (COUTO, 2012, p. 08).

O corpo-cidade, aqui estabelecido a priori enquanto a cidade de Bagé se compõe de pessoas, culturas, espaços e outros pontos que atravessam a composição da cidade. As histórias que contam a cidade e os sujeitos podem se efetivar enquanto alegorias de um presente. Esse corpo refere-se às individualidades e aos múltiplos acoplamentos que fazem parte da vida da cidade. O corpo-ciborgue Bagé, surge por entre culturas construídas, desconstruídas, nas transgressões que atravessam essas

relações de composição na contemporaneidade. Couto (2012) apresenta o corpo-ciborgue⁹ enquanto metáfora dos tempos contemporâneos.

Aproximar das possibilidades de diferenças que se podem produzir neste processo, na constituição de uma singularidade do espaço-tempo contemporâneo. Como destaca Souza(2001 p.120) (grifos meus), “essa história do que está próximo e é ocasional, portanto desse mundo, ensina-nos a rir dos mitos e das solenidades que *gostamos de acreditar existem no começo de todas as coisas e a interrogar as verdades produzidas na e pela história*”. A história de constituição que estabiliza os corpos, também se faz estratégica nessa construção, e, “suspeitar dos mitos fundadores e da tradição” (idem, p.120), que no olhar estrangeiro, no contexto da Campanha¹⁰, produz-se perceptível e, ao mesmo tempo, instiga a perceber as diferenças que se constituem na contemporaneidade, a qual:

[...] pode ser considerada um período de transição marcado pela incerteza, insegurança, imprevisibilidade, rapidez e fluidez dos modelos. Sociedade que passa pela desestabilização dos padrões da era moderna, mas também pela possibilidade de uma estética existencial em constante transformação. Uma sociedade que ao produzir artefatos tecnológicos se reinventa e se metamorfoseia pelo uso e pela experimentação, afetada por outros ritmos e deslocamentos. Entre tempos e espaços. Entre o que está posto e o que está por vir [...] (SOPEÑA, 2013, p.05).

Mesmo que ainda se tente naturalizar o processo de pensar o corpo como apenas biológico, ou ainda, um corpo que na história e com as crenças esteja desvencilhado do meio social e ambiental que o constitui, “os lugares por onde transita, as maneiras como vive e convive, os regimes que se encontra submetido” (SOPEÑA, 2013, p.121) influenciam esse contemporâneo modo de ser. Todos estes mecanismos podem ser considerados como constituidores dos corpos: a história, a genética, a cultura, o meio, os transeuntes que atravessam esses cotidianos em que, por essas inter-relações de multiplicidade, simultaneidade e continuidade, de maneira

⁹⁹ “Ciborgue é um organismo cibernético, um híbrido de máquina e organismos espaciais apropriados para os tempos em que vivemos, um composto biológico-técnico: uma parte é dada, outra constituída; uma criatura de realidade social e também de ficção”(COUTO, 2012, p. 20) O corpo-ciborgue acaba por surgir por entre as culturas na contemporaneidade transgredindo aquilo que culturalmente está construído e transgredir o cenário dado. o que é citação na íntegra? Inserir aspas

¹⁰ Campanha: denominação dada à região sudoeste do Rio Grande do Sul (Bagé, Aceguá, Caçapava do Sul, Candiota, Dom Pedrito, Hulha Negra e Lavras do Sul), que possui características peculiares no que se refere às baixas altitudes que apresentam inverno e verão rigorosos, vegetação composta por campos e pequenas matas e com extensas plantações de soja e arroz e destaque para criação de gado em campo nativo e cavalos de raça.

espiralada¹¹ ao longo da história, vêm constituindo a cidade e as coletividades, implementando e tornando possível, processos em que se produzem identidades, corpos individuais e coletivos, com as marcas de individualidade e de poder.

Intrinsecamente há um código de boas condutas e de moral que atravessa a composição de uma cidade. Carvalho (2013, p.56) comenta o seguinte:

“Código moral”, que é o conjunto prescritivo das normas e regras pré-determinadas, com algumas reservas; a moral propriamente dita, que é o comportamento real dos sujeitos na relação direta com as regras e os valores que lhe são determinados e a moralidade dos comportamentos, que é o nível de variação ou de transgressão do sujeito ou dos grupos com relação às regras e normas prescritas pela sua cultura e sociedade e das quais eles, têm uma consciência mais ou menos clara. Ainda no pensamento de Foucault, existe a maneira pela qual cada sujeito deve constituir a si mesmo, dentro dos comportamentos e ações determinados pelo código moral, caracterizando-se como sendo o “cuidado de si”. Seria um terceiro elemento na relação, onde o sujeito tem que identificar a maneira pela qual é necessário “conduzir-se”, além da regra de conduta propriamente dita e da conduta que se pode medir em relação às regras. (CARVALHO, 2013, p.56)

Em cada novo agenciamento, em cada nova inter-relação, nessa máquina que constitui os corpos binariamente, pode-se ter um processo de escolha entre possibilidades, de algo que é, e de algo que pode vir a ser. Uma relação entre dois ou mais atravessamentos em que se produzem as diferenças na construção histórica do corpo-cidade mutante, qual ao longo dos tempos, modifica a maneira de relacionar os individuais e os coletivos.

Esse olhar dado para a história não busca apenas no passado o que constituiu os corpos, mas tenta perceber que, nessa relação, os cotidianos e os contextos que habitam os corpos individuais e coletivos, modificaram-se e, ainda, podem vir a serem modificadores da urbanidade e da contemporaneidade.

Pelas novas possibilidades de um espaço-tempo urbano e contemporâneo, que acontece pelos novos modos de ser e vir a ser, a que se está sendo constituído, emergem as diferenças daquilo que a sociedade vem se tornando, alternando um

¹¹ Espiralado; ver conceito em Deleuze, 1996, p. 32-33.

individual e um coletivo que, ao mesmo tempo, submete-se¹² e se tem submetido. É um jogo de forças.

Pensando com Deleuze (1996), essa constituição dos corpos na história e na contemporaneidade, emerge a possibilidade de constituição por entre os atravessamentos culturais e sociais que atingem o indivíduo. Marcas produzidas nos corpos criam os novos e contemporâneos modos de ser. Para Deleuze e Guattari (1992) tratar da criação de conceitos implica em criar um elo de ligação e compreender que:

Não há conceitos simples. Todo conceito tem componentes e se define por eles. Tem, portanto, uma cifra. É uma multiplicidade, embora nem toda multiplicidade seja conceitual. Não há conceito de um só componente: mesmo o primeiro conceito, aquele pelo qual uma filosofia “começa”, possui vários componentes, já que não é evidente que a filosofia deva ter um começo e que, se ela determina um, deve acrescentar-lhe um ponto de vista ou uma razão. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p.23).

Com Deleuze e Guattari os conceitos tem amplitude. Carvalho (2013) nos aponta uma definição a respeito.

É múltiplo, nunca é exatamente mensurável. Um conceito recebe influência de outros conceitos e, por sua vez, vai influenciar outros conceitos. O conceito não tem área definida de limite, pois não se consegue delimitar com precisão o sentido final de um e o sentido inicial de outro. O conceito tem sua área de significação mais forte e vai abrando, como em *dégradé*, ao se “aproximar” de outro conceito, aonde, nessa área de intersecção, vai recebendo influências e influenciando novas conceituações. (CARVALHO, 2013, p.52)

As possibilidades de alguns pontos de entrada para o debate que atravessa culturas que compõem a cidade de Bagé emergem através da assertiva de criar alguns conceitos. A diversidade que possibilita novas “ideias, pensamentos, perspectivas e olhares em potência entre si, possibilitam a criação de novas ideias, novas perspectivas, novos pensamentos e novos olhares, fazendo movimentos espiralados” (CARVALHO, 2013, p.18). Um processo de criação que torna e retorna

¹² Submissão ao corpo: há nos contemporâneos modos de ser, tanto uma incitação quanto uma negação do corpo. Os processos de submissão se inserem como autocontrole que se propaga na sociedade Ocidental. O culto ao corpo perfeito opera uma submissão sobre a corporeidade. ORTEGA, Francisco. Da Ascese à bioascese ou do corpo submetido à submissão do corpo, 2002.

“às discussões dessas novas temáticas surgidas a partir desses pontos de entrada e saída de um território” (CARVALHO, 2013, p.18) de composição da cidade.

A “experimentação de um programa de procedimentos, de um processo de criação de dinamicidade contínua”. (CARVALHO, 2013, p.43). Assertiva de criar e recriar, o conceito – pela intersecção possível entre o individual e o coletivo na produção de corpo-cidade que aqui se estabelece.

A tentativa de estabelecer em Bagé “o lugar da cidade no processo de produção e integração do social e apontar a urbanidade como produção, efeito e experiência do urbano” (NETTO, 2011, p.1). A cidade exerce um papel importante nas experiências e na construção de uma vida social. Ela possui uma potencialidade que permite incluir “toda e qualquer forma de vida social, incluindo socialidades hostis, e os espaços de repressão e violência” (NETTO, 2011, p.2).

Precisamos reconhecer que funciona na cidade, um intensivo de forças e que duas delas, atuam diretamente na constituição do corpo-cidade, que são as “tensões de diferenciação social e seu desdobramento em redes de outras materialidades da interação” (NETTO, 2011, p.4) e geração de socialidades particulares. “Ainda que tensões de diferenciação sejam certamente intensificadas ao estarem inseridas em contextos de desigualdade socioeconômica, os riscos da desintegração ocorrem, sobretudo em outras esferas, não-instrumentais, da prática, as quais consistem de parte substancial da vida e reprodução sociais” (NETTO, 2011, p.4), assim “o Outro possa ser reconhecido em sua alteridade” (Idem).

1.1 O corpo em diferentes pagos¹³

Para iniciar o debate deste assunto, tentarei provocar algumas inquietações. Por se caracterizar como minha área de formação acadêmica, percebo que, há alguns anos, vários autores vêm nos alertando que a Educação Física (EF) está em crise, talvez de identidade. Essa crise de identidade se constituiu ao longo dos anos a partir de diferentes tendências que orientam a sua teoria e prática. Possibilidades que

¹³ Do Latim *pagus*: aldeia, lugar pequeno. (LESSA, 2008, p.21).

ocasionam debates na tentativa de entender que a EF não é “nem isso e nem aquilo”, mas se constitui a partir dos atravessamentos que sofreu e sofre contemporaneamente. Debates que nos intentam a pensar em como o corpo, individual ou coletivo, que é o objeto de destaque da Educação Física, vêm se tornando o que é.

Essa crise que há tempos foi anunciada, questionando se a EF, e a educação no geral, é ciência, num contexto atual de hipermodernidade, persiste. Mas a crise é também pensar no que nos alerta o prefácio de Lipovetsky (2005):

Estamos no vazio ou no excesso? Vivemos um tempo extremo ou um novo e instável equilíbrio? Caminhamos no fio da navalha e cortamos os nós que nos prendiam a um passado, cheio de correntes e de moralismo? Entramos numa fase de descalabro ético ou, finalmente, estamos pondo os valores a serviço dos homens e não os homens a serviço de uma moral da submissão? Atravessamos a fronteira do bem e do mal e ingressamos num deserto de certezas ou descobrimos que nossas verdades universais eram valores locais universalizados? (LIPOVETSKY, 2005, p. 09)

Essas perguntas também servem para o debate deste trabalho, enquanto a constituição dos corpos coletivos no espaço tempo da urbanidade. Com o advento dos novos olhares sobre os corpos não devemos, talvez, pensar com um ponto de vista apenas local. O corpo no vazio se encontra:

[...] menos carregado e mais livre, mais lúcido e menos dependente, mais exigentes e menos submissos, mais flexível e menos engessados por engrenagens de poder em nome de verdades que se apresentavam como transcendentais ou universais, embora não passem de formas locais de controle. (LIPOVETSKY, 2005 p.10)

Os novos adventos dos tempos contemporâneos produziram ao longo dos anos possibilidades de novas urbanidades. Os espaços e os investimentos nessa área foram ampliados e as pessoas passaram a ser responsáveis ou responsabilizadas pelo seu corpo individual no corpo-coletivo. Frente a essas mudanças, ocorre o processo de personalização que pode ser considerado uma nova maneira da sociedade se organizar e se orientar, e no qual o desejo individual corresponde aos novos modos de se comportar na sociedade. O direito a ser o que se é, de aproveitar a vida ao extremo, passou a ser a máxima em detrimento das coletividades (LIPOVETSKY, 2005).

Numa sociedade ocidental globalizada, que se configura com características peculiares, carrega consigo uma miscigenação de culturas, que num contexto histórico influenciam esses modos de ser na contemporaneidade.

As sociedades ocidentais contemporâneas apresentam características que merecem ênfase: o enfraquecimento dos coletivos institucionalizados, o culto do individualismo temperado pelo surgimento de novos coletivos, a importância do sucesso, a pressão da urgência, a prioridade dada ao ato e a ilusão da idéia do absoluto. (CARRETEIRO, 2005, p. 63)

A globalização trouxe consigo novas oportunidades no cenário social, cultural, e na composição da cidade e dos agenciamentos que os corpos vêm produzindo. Novos conceitos de corpo e “vazios” passam a emergir. Carreteiro (2005) comenta, nesse sentido, que:

O modelo então vigente colocava o sujeito social em primeiro plano, uma vez que podia se associar ao ideal democrático e enfatizava o sujeito social (trabalhador, cidadão, seja o que respeita a ordem social, seja o que quer transformar o mundo), e não o sujeito individual tomado por seus desejos. Naquele momento, entre o sujeito individual e o social, a primazia era dada ao segundo, sem que o primeiro fosse descartado. Foi a época dos grandes movimentos sociais, das lutas para criar fortes laços entre o indivíduo e a sociedade, entre a vida privada e a vida coletiva. No imaginário da época, o lugar do indivíduo pertencia a um quadro social bem estabelecido. Havia clara separação entre o sujeito individual e social, em outros termos, entre o mundo do primeiro e o do segundo. Compreendia-se que o indivíduo ocupava seu espaço interior – as noções aqui evidenciadas eram a interioridade e o espaço privado. (CARRETEIRO, 2005, p. 63)

Com o advento das possibilidades contemporâneas de se constituir, enquanto sociedade e individualidade, a situação estabelece-se de maneira bastante diferente. Ocorre diferenciação nas relações firmadas entre os corpos individuais e os coletivos com grandes mudanças nessa relação, como também com as relações estabelecidas entre o público e o privado. “Daí resultam consequências em todos os campos da existência, que geram outras construções subjetivas e modificam as formas de estabelecimento de laços sociais”. (CARRETEIRO, 2005, p. 64)

O mundo consumidor e consumista passa, assim, a exercer papel significativo em todas as esferas da sociedade, agora, sem exclusão de classes. A mídia continua vendendo a revolução do consumo, longe de um fim já que não cessa de ampliar suas fronteiras. Ainda nesse sentido, Lipovetsky (2005) nos deixa uma reflexão, já que:

[...] estamos destinados a consumir cada vez mais objetos e informações, esportes e viagens, formação e relações, música e cuidados médicos. Isto é a sociedade pós-moderna: não além do consumismo, mas sim, na sua apoteose, na sua extensão até a esfera particular, até a imagem e o devir do ego conclamado a conhecer o destino da obsolescência acelerada, da mobilidade, da desestabilização. Consumismo da própria existência por meio da mídia multiplicada, dos lazeres, das técnicas relacionais, o processo de personalização gera o vazio colorido, a flutuação existencial na e pela abundância de modelos, sejam eles enfeitados pela convivência, pela ecologia, pela psicologia. (LIPOVETSKY, 2005, p. 19).

Algumas características dessa nova cultura pós-moderna ou hipermoderna são identificáveis com uma busca pela qualidade de vida individualizada ao passo que tende a valorizar o lugar do todo e a vida simples. Funciona, assim, como uma lógica de pluralidades que emerge a construção desse ser que tenta ser o senhor do tempo ao passo que, concomitantemente, busca a simplicidade da vida. Os novos corpos coletivos se agenciam, se constituem se formam com a mídia que é constituidora dos indivíduos e de suas tomadas de decisões.

Alguns novos modos de ser corpo passam a ter um lugar de destaque. Carreteiro (2005) nos apresenta que o indivíduo pertence, igualmente, a coletivos baseados em valores sociais diferentes dos que estávamos acostumados a ser. “Esses são marcados pela labilidade, pela instantaneidade, pela passagem, [...] uma vez que podem ser considerados como trabalhados pelo efêmero, com tendência a ser rapidamente substituídos por outros corpos” (CARRETEIRO, 2005, p.65).

Em cada urbanidade, existe uma constituição de corpos diferentes e isso não ocorre somente em Bagé. É algo que vem acontecendo na contemporaneidade, em muitas esferas e espaços. Herança de uma nova modernidade que instantaneamente se instala e se dissolve ao mesmo tempo. Carrega ainda consigo uma coletividade e uma individualidade.

A possibilidade de uma constituição não Narcisista¹⁴, tanto no individual como no coletivo, pode configurar o olhar ao individual e ao coletivo que a cidade (re) produz.

¹⁴ “Narcisismo” é um conceito oriundo do campo da psicanálise que se refere a uma característica cultural moderna, bem contemporânea, de exacerbado individualismo e autocentramento do sujeito em si mesmo, exemplo do mito grego segundo o qual Narciso se enamora da própria imagem refletida no lago, caindo nele e morrendo embriagado nesta contemplação de si mesmo. Cumpre apontar que este

[...] o interesse pelo corpo não é gratuito ou despropositado. A enorme expansão dos saberes neste domínio – do avanço das ciências biológicas e das tecnologias médicas até a difusão cultural das espiritualidades asiáticas – nos faz perceber a realidade corpórea de maneira nova, atraente, curiosa, surpreendente. [...] O lado nocivo da obsessão pelo corpo é inegável. Ele aparece na estigmatização dos que se desviam da norma somática ideal, na proliferação dos transtornos da imagem corporal e na submissão compulsiva à moda publicitária. (COSTA, 2005, p.19)

Interessante perceber que ao mesmo tempo em que o culto ao corpo na sociedade contemporânea trouxe exageros, no que se refere ao narcisismo, emergiu, concomitantemente, a composição de uma sociedade – do corpo-cidade, corpo-individual e corpo-coletivo – com preocupação sobre esse corpo.

[...] Extraímos numerosas vantagens cognitivas, psicológicas e morais do aumento de interesse pelo corpo. Renovamos, por exemplo, o estoque de imagens sobre a vida mental, concedendo maior relevo ao desempenho do corpo físico, e alteramos a percepção da vida física, criando novos ideais de auto-realização. Pelo fato de nos tornarmos mais atentos à variação de formas e funções corpóreas, pudemos nos tornar mais sensíveis à ideia de que “para corpos diferentes, felicidades diferentes” (COSTA, 2005, p. 19).

O olhar se volta para a necessidade de se viver de maneira diferente. Os agenciamentos sociais passam a ter lugar de destaque e, a partir disso, os valores impostos por uma sociedade de controle podem ser questionados. A composição dos diferentes corpos na sociedade produz uma ressignificação.

A medida ética do interesse pelo corpo, portanto, não está no montante de cuidados a ele dedicados, mas na significação que os cuidados assumem. Se o interesse pelo corpo começa e termina nele, caímos na corpolatria, forma de ascese humanamente pobre e socialmente fútil. Se ao contrário, o interesse toma direção centrífuga, volta-se para a ação pessoal criativa e amplia os horizontes da interação com os outros, não vejo em quê, isso contraria nossos credos morais básicos. (COSTA, 2005, p. 20)

Ao passo que também nos interessa perceber que outros olhares ao corpo podem ser construídos ou controlados. Resultados de um cenário capitalista que, ao longo dos anos, vem interferindo nessa composição. Qual é o lugar enquanto corpo individual- coletivo que ocupamos na cidade? Uma metáfora que pode nos instigar a

centramento narcísico atual nada tem a ver com aquilo que Foucault (1964/1988) designa como “cuidado de si”. (FILHO; TRISOTTO, 2008, p.119)

pensar os espaços que ocupamos em Bagé. Será que estamos condicionados ao modelo que se destaca

[...] agora emergem outros tipos de corpos e outros tipos de subjetividades: **autocontrolados**, inspirados no modelo empresarial, imbuídos a administrarem seus riscos e seus prazeres de acordo com o seu próprio capital genético, avaliando constantemente o menu de produtos e serviços oferecidos no mercado, com toda responsabilidade individual necessária de um mundo onde impera a lógica automatizada do *self-service* e a exterioridade se sobrepõe à interioridade. Corpos permanentemente ameaçados pela sombra da obsolescência- [...] – e lançados, por isso, no turbilhão do *upgrade* constante, intimados a maximizarem a sua **flexibilidade** e a sua capacidade de **reciclagem**. Enfim: corpos investidos pelo impulso fáustico de ultrapassagem de todos os limites, que marca os saberes e as ferramentas da nova tecnociência. (SIBILIA, 2002, p. 206-207)

Nesse sentido, é possível afirmar que os olhares sobre os corpos podem ser analisados em diferentes aspectos. A questão dos corpos atravessa “vazios” que compõem novas urbanidades. Deleuze (2012) atenta, ainda, na possibilidade de criar para si um corpo diferente do que vem se constituindo. Denominação que o autor dá de “corpo-sem-órgãos”. De qualquer forma, tem-se vários eus que caracterizam cada indivíduo. Deleuze (2012) aponta que:

[...] de todo modo você tem um (ou vários), não porque ele pré-exista, ou seja, dado inteiramente feito – se bem que sob certos aspectos ele pré-exista – mas de todo modo você faz um, não pode desejar sem fazê-lo – e ele espera por você, é um exercício, uma experimentação inevitável, já feita no momento em que você a empreende, não ainda efetuada se você não a começou. (DELEUZE, 2012, p.11).

Essa constituição que influencia e faz questionar o que cada indivíduo pode se tornar, nada mais é que o advento das possibilidades em criar alguma coisa. De qualquer forma, tem-se um ou vários corpos sem órgãos – corpos-individuais, corpos-coletivos e corpos-cidade. Isso pode ser uma possibilidade de compor um desejo a partir das possibilidades disponíveis de construir esse corpo diferentemente do que vem se constituindo.

Assim, as inter-relações produzidas na sociedade deixam a possibilidade para pensarmos que, enquanto corpos coletivos ou individuais, há agenciamentos que tornam possível a produção de diferenças no processo. Esse é um dos olhares dos quais mais instigam, enquanto a possibilidade de vir a ser aquilo que se deseja.

Quando Deleuze fala que “desfazer o organismo nunca foi matar-se, mas abrir o corpo a conexões” (DELEUZE, 2012, p.25) é a possibilidade de pensar sobre os vazios construídos na sociedade.

1.2 Culturas e suas manifestações no espaço da cidade

Ao longo de nossos estudos, vimos tentando descrever alguns conceitos que parecem pertinentes no debate dos corpos-individuais e corpos-coletivos, e que podem auxiliar a pensarmos no que estamos nos tornando na contemporaneidade. Conquistas oriundas de batalhas históricas e de conflitos ao sistema que intenta manter o Status Quo e que vê, na disciplinarização e controle dos corpos um dos seus mecanismos de sujeição.

Alguns modos de ser e existir, de ser corpo-individual ou corpo-coletivo, configurados na composição de um corpo-cidade, passam por entre os atravessamentos constitutivos que recebem influências do passado e de um presente que possibilitam tornar-se o que se é na contemporaneidade. Deleuze (1997) diz que os corpos, assim como toda máquina de criação, acontecem num espaço-tempo e todo corpo produz uma sombra, assim, tanto os individuais quanto os coletivos, podem exercer e receber influências dessas sombras que intentam no sentido de capturar e possibilitar um olhar referido dessa constituição.

O corpo-cidade de Bagé vem se compondo com diferentes sombras, com um fuge e prende, volta e tensiona, um ir e vir que possibilita a estética da organização hegemônica da cidade. Pode haver um adestramento do corpo, individual e coletivo, e dos pensamentos ou de um simulacro das sombras. Talvez se configure como uma constante em que precise aprender coisas novas e esquecer outras, nesse cenário construtivo, considerando o alerta das “doses de prudência” de Deleuze (1997).

Uma cidade, não se compreende apenas pela sua história. “A história é o estudo dos homens no tempo [...] por isso pensar uma pedagogia da cidade é mister, uma vez que fazer história está associado ao compromisso de servir a vida”. (MEDEIROS NETA, 2010, p.213). O corpo-cidade, enquanto corpo cidadão, não

funciona como um “cenário inerte, mas como materialidade instintiva, corpo e campo gestor de educabilidade” (Idem, p.213).

O passado de uma cidade está inscrito no seu coletivo, nas ruas que funcionam como um corpo-vivo, um espaço de trânsito em movimento, como a Avenida Sete de Setembro no centro de Bagé, nas suas casas, nas figuras “importantes” que a cidade venera - seu ex presidente ditador Médici é um exemplo, nas praças, nas igrejas, dessa forma, a cidade é “passível de leituras através de sua disposição cartográfica, dos agentes produtores de espaço e de sociabilidades, das segregações dos sujeitos e de outros temas possíveis”. (MEDEIROS NETA, 2010, p.213)

Toda a organização espacial da cidade influencia na composição de coletivos. Isso produz um modo de pensar que privilegia um determinado ideal. É produto de um ideal coletivo que está a priori. O lugar que o corpo ocupa atualmente é uma das consequências do enfraquecimento dos coletivos e da configuração maior da cultura do narcisismo que se instaura em nossa sociedade (CARRETEIRO, 2005, p. 64). Não extinguir as individualidades, mas trabalhar num outro ser, numa outra estética de acontecimentos e de produção de subjetividades e de novos modos de se constituir no espaço-tempo das urbanidades que caracterizam o processo rizomático de constituição da cidade. Pensar Bagé é analisar que:

Nesses termos, a cidade é detentora de uma instrução socializadora e investida de uma função pedagógica, em que se moldam valores e modelos de conduta, pois podemos dizer que a cidade detém uma função social advinda da experiência da urbanidade, das vivências, das práticas e projetos cidadãos [...] Com o pulsar de vida, a cidade é envolvida nas tramas do poder que é representado por ações ou deliberações de constituições, leis, decretos e posturas que regulam os vínculos entre a urbe e a vida societária e a própria estruturação do espaço urbano que se dá na forma de texto, no campo do visível, mas também do invisível (MEDEIROS NETA, 2010, p.213).

Deleuze propõe produzir, a partir de Nietzsche (RAGO, ORLANDI & VEIGA NETO, 2002), outra forma de pensar ao ponto de produzir uma vida, aqui entendido como a vida da cidade, percebendo-a como múltipla, simultânea e contínua. Nesse sentido, não há como pensar uma sensibilidade de construção individual ou coletiva sem pensar o corpo-cidade. Subjetividades produzindo-se e entendendo que nenhuma relação é única, todas as relações das quais esses corpos vivem cotidianamente, são interligadas e podem ser controladas e manipuladas.

Cada tempo, nesse contexto da qual se constroem os indivíduos, e cada sensibilidade, geram um tipo de corpo, uma maneira de ser corpo, que é o corpo coletivo. Não necessariamente um corpo que é físico, mas que pode se constituir como conceitos. O corpo não se configura nem como um organismo ou uma máquina, mas um corpo-cidade que se abre para a subjetivação.

A constituição nessa subjetividade, entre interior e exterior, entre corpo-individual e corpo-coletivo, pode ser a possibilidade de constituir-se coletivamente e, assim, resultar em marcas singulares na formação tanto dos indivíduos quanto na construção de crenças e valores culturalmente difundidos. Afinal, são nessas experiências históricas e coletivas que se constituem a formação dos grupos e populações que compõem um corpo-cidade.

O público e o privado constituem o cidadão em processo constante de educabilidade, ou de forma mais ampla de pedagogização seja no lar e em família, nas escolas, seja nas cerimônias cívicas e religiosas [...] O cidadão contém a cidade e, ao mesmo tempo está contido nela. É essa relação entre um e outro que viabiliza uma dada pedagogização pela e na cidade. (MEDEIROS NETA, 2010, p. 214)

Analisando a coletividade, há a possibilidade de perceber que a subjetividade própria de cada indivíduo se constitui enquanto um devir, já que o devir se refere sempre às minorias. Esse devir é percebido diretamente na coletividade. Não pensando enquanto possibilidade de disciplinarização, mas de se produzir no processo, na realidade, na contemporaneidade e, assim, constituir um corpo-cidade que retorna à superfície diferente do que era. (DELEUZE, 1997)

Se produzir no processo com a “cidade como detentora e ao mesmo tempo produtora de pedagogias para os seus habitantes é uma construção possível na medida em que existe uma relação estreita entre a cidade e os seus cidadãos” (MEDEIROS NETA, 2010, p.215)

Em relação à ideia de que possa existir um controle e regulação dos corpos individuais e dos corpos coletivos, enquanto sua constituição, Deleuze (1997) nos auxilia com os conceitos de “corpo sem órgãos” e “sociedade de controle”. A compreensão do processo de criar para si um corpo sem órgãos (CsO) é bastante desafiadora. Ao sentido literal que a palavra remete, pode-se pensar num corpo em que não existam necessariamente órgãos distintos que o compõem de maneira

organizada, mas que funciona. Emerge a possibilidade de que uma cidade se constitua a partir desse conceito, agenciado com a historicidade que a compõem na contemporaneidade e a contribuição das inúmeras “sombras” que nela habitam.

Na sociedade disciplinar tratada por Foucault (1997) ao trato como as sociedades de controle de Deleuze (1992), refletem as mudanças da sociedade na passagem da modernidade para a contemporaneidade. Algumas leituras apontam que a sociedade de controle, aborda com maior profundidade, em que contexto atualmente vivemos, até por considerar que a sociedade disciplinar se situe na esfera do interior e a de controle, sai para o exterior, sem desconsiderar o interior. (COSTA, 2004)

O ponto que converge esse debate talvez se situe na subjetividade. “o indivíduo não pertence a nenhuma identidade e pertence a todos” (COSTA, 2012, p. 162). Deleuze (1992) percebe no enclausuramento a operação fundamental da sociedade que funciona como uma espécie de modulação constante e universal que atravessaria e regularia as malhas do tecido social.

Ele ainda aponta que é próprio à subjetivação resistir à sujeição e que ela não deixa de relançar a relação consigo redobrando-se, desdobrando-se, metamorfoseando-se. (DELEUZE, 1996). É um contínuo de forças que atuam sobre eles e que de maneira espiralada, “exige-se do homem uma formação permanente” (COSTA, 2004, p. 161)

Deleuze (1992) afirma que diante das próximas formas de controle incessante em meio aberto, é possível que os mais rígidos sistemas de clausura nos pareçam pertencer a um passado delicioso e agradável. Sibilia (2002), quando se refere à Deleuze sobre as sociedades de controle, afirma que:

Hoje as redes de poder tecem uma malha mais densa, e operam com uma lógica de dominação bem mais astuta e efetiva do que aquela que caracteriza os regimes ditatoriais tradicionais. Na nova configuração de poder, todos os corpos e todas as subjetividades são controlados o tempo todo: “a família, a escola, o exército e a fábrica não são mais espaços analógicos distintos que convergem para um proprietário, Estado ou potência privada, mas são agora figuras cifradas, deformáveis e transformáveis, de uma mesma empresa que só tem gerentes” (SIBILIA, 2002, p.152)

Foucault (1979) problematiza que a tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de “estatização do biológico”, se configura como um dos fenômenos característicos de nossa sociedade. As biopolíticas¹⁵, juntamente com o disciplinamento dos corpos individuais e, influenciados pelas composições existentes dos corpos coletivos na sociedade industrial, auxiliados pelas indústrias e pelo exército, constituem uma maneira de domesticar corpos e almas. Nesse cenário, chama a atenção que a composição da cidade de Bagé se deu a partir do entrincheiramento.

O início do domínio bio-disciplinar das subjetividades é que vêm compondo a cidade. A sensação que a cidade passa é de viver ainda nas mesmas trincheiras em 1923. O militarismo impregnou um passado que ainda é considerado delicioso. Deleuze(1992) afirma que aceitamos de maneira agradável essa instalação. Sibila (2002) ressalta que a disciplinarização se articula no contexto do capitalismo como uma das técnicas orientadas para a dominação enquanto conjunto específico de mecanismos e dispositivos de poder.

Outros autores atentam para a importância das obras de Deleuze e de Foucault para trilhar um olhar sobre os estudos do corpo, que aqui se configura como corpo-individual e corpo-coletivo que compõem a cidade de Bagé. Novas configurações que se apresentam como possíveis.

Para entender melhor isto que parece ser um paradoxo capaz de reunir controle e estimulação, exploração do corpo e sua valorização, nada mais sugestivo que os trabalhos de Foucault sobre biopoder e as reflexões de Deleuze sobre a sociedade de controle. É possível encontrar neles subsídios para perceber as novas configurações da dominação capitalista em relação ao corpo e à vida, cujas bases se situam na passagem de uma ordem político-jurídica para uma ordem tecnocientífica-empresarial. (SANT’ANNA, 2002, p.99)

Assim, pensar a constituição desses corpos desestabiliza alguns conceitos já estabelecidos a priori podendo modificar a relação dos seres humanos com seu corpo e com a sociedade (SANT’ANNA, 2002). Na sociedade contemporânea, em que a mudança é uma constante, os adventos da modernidade produzem, a todo instante,

¹⁵ Biopolíticas se refere ao conceito desenvolvido por Foucault denominado “como toda gama de tecnologias de poder com foco nas populações como conjunto de seres vivos coexistentes, que apresentam traços biológicos particulares e, em função disso, são investidos com técnicas e saberes específicos”. (SIBILIA, 2002, p.158)

novas maneiras de ser no espaço-tempo urbano. Com isso, percebe-se o receio coletivo que paira por entre os processos que produzem as mutações dos corpos, afinal, de algum modo, a modificação só se tem com o encontro com a diferença, o que, muitas vezes, dificulta o olhar – quando não, ainda, produz um estranhamento.

Entender esse corpo pleno, ao mesmo tempo em que repleto de “vazios de si”¹⁶, nos tempos contemporâneos, e com um olhar de se construir de modos a ser constantemente ressignificado, ainda causa preocupações. Mas, ainda assim, instiga a parar para que possa se dar esse reencontro. Mesmo sozinhos, os corpos constituem-se de maneira coletiva. A composição do corpo-cidade:

[...] é tecida pelos movimentos cidadãos que exploram e traduzem a cidade e o viver nela. A cidade se define por seus próprios cidadãos, mas, nesse processo, o urbano que vem de fora para romper com os limites físicos da cidade, constitui-se como um efeito imaginário que afeta os cidadãos. [...] Dessa forma, podemos então ressaltar que a pedagogia da cidade está intrínseca a uma ordem e, esta, implica uma hierarquia disciplinada e disciplinadora. Dessa maneira, a cidade educa mediante redes diferentes e superpostas. (MEDEIROS NETA, 2010, p. 216-217)

Podemos retornar à essência dos caminhantes pensamentos de Nietzsche na montanha e apontar também que “a hermenêutica urbana está, principalmente, no ato de caminhar, de ler, sentir e ver a cidade como um texto com uma dada gramatologia” (MEDEIROS NETA, 2010, p. 217).

O ato de caminhar está para o sistema urbano como a enunciação está para a língua ou para os enunciados proferidos. O ato de caminhar tem... é um processo de apropriação do sistema topográfico pelo pedestre; é uma realização espacial do lugar; implica relações entre posições diferenciadas. (MEDEIROS NETA, 2010, p. 218)

O transitar na e pela cidade se insere como um processo de enunciação, expresso “pela linguagem que é um tipo de prática do espaço, um modo de dar sentido ao mesmo [...] da e na cidade é possível em função dos movimentos cidadãos e da urbanidade, bem como pela monumentalização da cidade, pois esta é responsável por transmissão de saberes”. (MEDEIROS NETA, 2010, p. 219)

¹⁶ LIPOVETSKY, Gilles. A era do vazio: ensaios sobre o individualismo contemporâneo. 2005.

2. POR UMA SOCIEDADE MAIS CONTEMPORÂNEA

A possibilidade de se conceituar os novos modos de ser na contemporaneidade surge simultaneamente ao desenvolvimento da cidade. Os novos modos de constituir as relações, inter-relações, agenciamentos, vêm produzindo novidades. Alguns conceitos levam a compreender essas realidades que constantemente se modificam no contexto social atual e que atentam à percepção de como Bagé vem se constituindo frente esses conceitos contemporâneos que contribuem para compor a cidade.

A cidade pode ser considerada como “um assentamento humano em que estranhos tem a chance de se encontrar” (SENNET, 1978, p.39). Talvez, se esteja em um novo tempo em que há a possibilidade de que o outro já não exista ou mesmo deixe de ser considerado, enquanto configuração do corpo, mas que não deixa de estar materializado na coletividade. Devido à multiplicidade de encontros e desencontros que podem ser produzidos, a sociedade se configura por suas características sócio-históricas produzindo sentido e significado nas coletividades e individualidades.

Há algum tempo que essas questões causam algum desconforto, inclusive sendo problematizadas por alguns autores. Um deles, Vieira (2004, 2004, p.3), comenta que “a busca de um suporte conceitual que dê legibilidade ao aparente caos em que vivemos é uma verdadeira usina em que têm sido forjados os mais variados significantes”. Afinal, são múltiplos atravessamentos e “com relação a este trabalho de delimitação do estado da cultura, circunscrevem-se também suas repercussões na esfera pessoal” (VIEIRA, 2004, p.3)

O intuito é tentar perceber que a nova urbanidade pode produzir em uma mudança que já estava previamente anunciada. Lipovetsky se aponta como um dos grandes estudiosos das transformações no estado da cultura, que ele nomeia como hipermodernidade. Fica perceptível que, com o advento da sociedade pós-moderna, essa terminologia acaba por contrapor-se ao termo hipermodernidade. Esse rótulo “pós-moderno”, segundo Lipovetsky, serviu por um tempo, mas não respondia ao mundo que se apresentava. Em tempos atuais, se poderia dizer que, após o pós-moderno, há assim, a hipermodernização de todos os individuais e coletivos.

Lipovetsky acredita que vivemos já a era hipermoderna, dividida entre a cultura do excesso ao mesmo tempo em que tende à valorização da saúde, dos direitos humanos, dos afetos, da consciência ambiental. Vivemos não o fim da modernidade, mas o aprofundamento do mercado, do indivíduo e da escalada técnico-científica.

Na hipermodernidade, podemos perceber que a tecnologização trouxe consigo a rapidez e eficiência nas ações e potencializou a consolidação da sociedade. Em contrapartida, carregou consigo a alienação em relação ao futuro por estar marcada pelo consumismo e manipulação da comunicação de massa. Assim, se percebe que há individualização das condições de vida, o culto de si e do bem-estar privado.

[...] A pós-modernidade representa um momento histórico preciso em que todos os freios institucionais que se opunham à emancipação individual se esboroam e desaparecem, dando lugar à manifestação dos desejos subjetivos, da realização individual, do amor-próprio. As grandes estruturas socializantes perdem a autoridade, as grandes ideologias já não mais estão em expansão, os projetos históricos já não mobilizam mais, o âmbito social não é mais que o prolongamento do privado – instala-se a era do vazio, mas “sem tragédia e sem apocalipse”. (LIPOVETSKY, 2004, p.23)

Lipovetsky, em seus estudos sobre a constituição das sociedades contemporâneas, utiliza o termo hipermodernidade como sendo:

[...] uma sociedade liberal, caracterizada pelo movimento e pela fluidez, pela flexibilidade; indiferente como nunca antes se foi aos princípios estruturantes da modernidade, que precisam adaptar-se ao ritmo hipermoderno para não desaparecer. (LIPOVETSKY, 2004, p.26)

Nesse cenário, instiga-nos a tentar perceber algumas possibilidades de como emerge a composição e constituição de Bagé com o olhar cuidadoso para os debates que, contemporaneamente se configuram, atentos à possibilidade de um rompimento com a tradição. “Chegamos ao momento em que a comercialização dos modos de vida não mais encontra resistências estruturais, culturais nem ideológicas; e em que esferas da vida social e individual se reorganizam em função da lógica do consumo.” (LIPOVETSKY, 2004, p.31).

Nos cenários da modernidade, hipermodernidade e o mundo da supermodernidade, nosso pensamento é instigado a pensar o contexto citadino que “não tem as dimensões exatas daquele no qual pensamos viver, pois vivemos num

mundo que ainda não aprendemos a olhar. Temos que reaprender a pensar os espaços”. (AUGÉ, 2012, p.37)

É com esse olhar junto aos autores, que buscamos tentar desvelar “Quem Bagé Pensa que é” e como a relação existente entre os corpos-individuais e os corpos-coletivos, produzida ao longo dos anos, possibilita a configuração da cidade na contemporaneidade.

Pereira (2002) propõem o desafio de pensar, na contemporaneidade, a composição da cidade com outro olhar, desterritorializado, partindo das ideias de Guatarri;

O ser humano contemporâneo é fundamentalmente desterritorializado. O que ele estava querendo dizer (e com o que eu concordo) é que não existe mais um ponto geográfico específico, um lugar, um algo corporal que permita estabelecer a referência dos corpos, das tribos, das famílias, dos clãs, das corporações. (DELEUZE e GUATARRI, 2002, p.01)

Desse processo de constituir-se numa sociedade em constantes mudanças, que emerge em ressignificação constante, num cenário de múltiplos atravessamentos, advém o desejo de analisar como essa relação se dá no espaço-tempo com os sujeitos pertencentes a ela e os objetos que se relaciona, aqui caracterizados pela composição entre corpos-individuais e corpos-coletivos, compondo um corpo-cidade.

Além do peso maior dado, hoje, à referência individual, ou, se preferirem, à individualização das referências, é aos fatos de singularidade que se deveria prestar a atenção: singularidade dos objetos, singularidade dos grupos ou das pertinências, recomposição de lugares, singularidades de toda ordem, que constituem o contra-ponto paradoxal dos processos de relacionamento, de aceleração e deslocalização muito rapidamente reduzidas e resumidas, às vezes por expressões como “homogeneização”- ou mundialização - da cultura. (AUGÉ, 2012, p.41)

O cenário social e as características de constituição das sociedades urbana, rural, moderna ou contemporânea surgem junto aos espaços coletivos numa relação estabelecida em que “o meio urbano é civil” (BAUMAN, 2001, p.112).

Concomitantemente “a nossa percepção daquilo que também consideramos como natureza está profundamente marcada por construções estéticas e culturais que

nos permitem estabelecer ‘o que ver’, o que admirar, o que ‘conservar’ e ‘proteger’ no mundo dito ‘natural’ ”. (AMARAL, 2013 p.249-250), advém pensar que:

[...] nossos territórios se desmancham continuamente. Não temos território. Não nos encontramos onde estamos. Estamos em um “por aí” compulsivo, infinito. Somos beduínos, andarilhos, nômades compulsórios. Não temos mais território: estamos soltos na terra, tribo, gangue, bando, grupo, classe, categoria. A caminho. Nossos territórios não são físicos, são incorporais. O que nos gruda não é a casa, mas o sobrenome. Não é o lugar de trabalho, mas são as teorias que a gente defende, o partido que a gente prefere, a categoria a que pertence, a religião que pratica, as crenças que tem. (PEREIRA, 2002, p.4)

A construção de uma sociedade aflora para a necessidade de apurar o olhar sobre como a cidade vem se constituindo e o convite “é para que olhemos essas transformações que nós, habitantes humanos, engendramos na paisagem, também no complexo terreno da produção do nosso entendimento e das nossas possibilidades de significação dos espaços...”. (AMARAL, 2013, p.250)

Pensando com as ideias de Bauman (2001, p.112), emerge “lugares nas cidades contemporâneas a que cabe o nome de espaços públicos” e, remetendo ao cenário de Bagé, na Campanha, instiga-nos analisar essa composição que, por vezes, “por mais cheios que possam estar os lugares de consumo coletivo não tem nada de coletivo” (BAUMAN, 2001 p.114).

Mas, ao mesmo tempo, as coisas parecem paralisadas. Velozes e paradas. Tantas mas tão poucas, tão iguais. Mas é esquisito, isso. Tem uma coisa estranha aí: ao mesmo tempo, nunca fomos tão diferentes de todos, tão solitários, tão nôdas, tão casulos. Nunca estivemos tão isolados e tão próximos de nós mesmos. Nunca nos conhecemos tanto, nunca fomos tão familiares a nós mesmos, tão monótonos, repetitivos, “cada vez mais parecidos com a gente mesmo”, como diz um amigo meu. Somos uma espécie de “condomínios” de nós mesmos, dos tantos que somos. Cercas, muros, grupos, hábitos, todos confinados em uma espécie de isolamento subjetivo que dá uma sensação de particularismo, que cria a ilusão de um totalismo de si. Mas que, no entanto, é atravessado pelo modo de ser dominante. Isolados, não nos damos conta do quão isolados estão os outros, estamos todos. Isolados, não vemos quão iguais nos tornamos. Iguais a nós mesmos pela repetição, pela reiteração de nossas formas de expressão e iguais aos outros quanto ao modo de ser. Na cidade contemporânea, capitalista, a satisfação das necessidades só faz aumentar as necessidades. Isso porque seu motor principal está na proliferação de um estado permanente de insatisfação, numa falta de equilíbrio estrutural que nos faz viver de

crise em crise, numa busca contínua por um estado de repouso impossível. (PEREIRA, 2002 p. 5-6)

A multiplicidade que se coloca na sociedade e a incorporação de diferentes culturas numa relação de múltiplos desejos atentam a pensar, junto aos estudos culturais que, “saberes são nômades, que migram de uma disciplina para outra, que percorrem países, grupos, práticas, tradições,...” (COSTA, 2000, p.13), e que, os corpos-individuais e os corpos-coletivos que compõem o corpo-cidade são influenciados na/pela cultura, produzindo os novos e diferentes corpos-contemporâneos.

Afastados da lógica mecânica e investidos pelo novo regime digital, os corpos contemporâneos se apresentam como sistemas de processamento de dados, códigos, perfis cifrados, feixes de informação. Assim, entregue às novas cadências da tecnociência, o corpo humano parece ter perdido a sua definição clássica e a sua solidez analógica: inserido na sua esteira digital, ele se torna permeável, projetável, programável [...] enfim: o homem dispõe de ferramentas necessárias para se autocriar, arquitetando vidas, corpos e mundos... (SIBILIA, 2002, p. 19)

A influência desses novos corpos que vêm nos produzindo, “na verdade, cada um de nós é muitos. Cada um de nós é, já, um coletivo”. (PEREIRA, 2002, p.07), que compõem esse coletivo enquanto sociedade; atravessamentos que dão face à cidade e a sociedade em que vivemos.

Praticamente, posso dizer que somos muito parecidos com essa cidade [...]. Por um lado, somos seres impregnados de velocidade, estamos em um movimento intenso, fazendo cruzamentos, nos dissolvendo e nos recompondo a cada instante. Nem bem compomos uma forma e já a estamos abandonando. Nem bem somos pais e já vamos nos tornando professores ou torcedores ou machos. Aliás, nem é ou. É e. Vamos nos tornando pais e professores e torcedores e maridos e machos e crianças e animais e coisa nenhuma e todas as coisas. Em profusão. Tem dias, vezes, que essa velocidade é tão grande que a gente se sente mal, dá vertigem. A gente fica tonto *por existir*. Por outro lado, somos um casulo, um *engruvinhado* de modos de ser. Os resíduos de nós mesmos fazem com que a gente se olhe e se percebe sempre igual. Até porque, nesse quadro de viver de crise em crise, cada vez que somos assolados por um desassossego, uma tormenta, damos logo conta de nos agarrarmos nas representações que temos de nós mesmos, numa tentativa desesperada de voltar ao porto seguro, de se grudar na imagem conhecida do que costumamos estar sendo. Tratamos de responder às crises e inquietações com movimentos de retorno sobre nós mesmos, de repetição e restauro de estados passados de nós. Como se a gente voltasse ao velho corpo. Aliás, os outros se encarregam de reforçar bastante isso. Se cedemos

às diferenças que se produzem em nós, chamamos a atenção dos nossos parceiros e eles, frequentemente, nos pressionam a *voltar a ser como éramos*. Nunca falta um pra dizer que a gente *já não é mais o mesmo*, que está nos desconhecendo, que gostava mais como a gente era antes. E a gente, muitas vezes, cede a esse apelo. Por insegurança, por medo, por desconhecimento, por inabilidade, enfim. Faz que volta sobre si e trata de se agarrar, se cristalizar em modos de ser que se repetem indefinidamente. (PEREIRA, 2002, p.7)

A diferença sobre o corpo-cidade é produzida no caminho. Uma sociedade caracterizada por fortes influências econômicas configurada nas composições de individuais e coletivos, em que:

[...] o estado moderno criou o indivíduo socialmente desligado de seus semelhantes, mas este, em troca, cria por seu isolamento, sua ausência de belicosidade, seu medo da violência as condições constantes do crescimento das forças públicas. Quanto mais os indivíduos se sentem livres por si mesmos, mais exigem proteção regular, sem falha, por parte dos órgãos estatais; [...] a partir daí, a humanização dos costumes pode ser interpretada como um processo que visa destituir o indivíduo dos princípios refratários à hegemonia do poder total, que tem o projeto de colocar a sociedade sob a tutela completa do Estado. (LIPOVETSKY, 2005, p.165)

Os arranjos para um corpo-cidade que compõe a sociedade estabelecem uma ligação rizomática. A relação entre os sujeitos e os espaços configura a modernização das relações que atravessam essa coexistência e os processos de subjetivação que os constituem.

A subjetivação define-se pelo encontro dos corpos. O corpo é nosso ponto de partida. Qualquer outra instancia seria transcendente com relação aos processos de subjetivação, pois estes podem ser apropriadamente definidos como contração imanente dos elementos ou forças que compõem um corpo. Um corpos, por isso é sempre uma mistura devido seus encontros, misturas de elementos de vários corpos: químico-físicos, biológicos, corpos de linguagem, tecnológicos, etc. em suma, a ética dos processos de subjetivação é experimental e, por isso põe em foco o corpo e seus encontros. (RAGO, ORLANDI e VEIGA-NETO, 2002, p.189-190.)

O indivíduo na era moderna e no processo de identificação devem ser pensados em relação a uma “sociedade altamente complexa e fragmentada”. (FORBES et all., 2005, p.27). Algumas pistas dessas composições ficam evidentes no cotidiano.

Um novo campo histórico que se forma uma teoria da dominação das dominações, na busca da percepção da fabricação do sujeito, dos sujeitos. Se coube ressaltar estas relações, e não mais aquelas de soberania, o interesse para a análise desloca-se para as técnicas, a sua heterogeneidade e a seus efeitos de sujeição, o que remete a pensar a relação de força que se estabeleceu como uma relação de guerra. (RAGO, ORLANDI E VEIGA NETO, 2002, p. 39)

Os tempos vão se transformando. O caos se instaura, não como desordem, mas como possibilidade efetiva de poder, a partir de outros olhares, outras conexões, outros atravessamentos, numa relação múltipla, simultânea, espiralada. Bagé se corrompe nesse tempo-histórico rizomático. Um estar se transformando.

A sociedade que se apresenta é aquela na qual as forças de oposição à modernidade democrática, liberal e individualista não são mais estruturantes; na qual periclitaram os grandes objetivos alternativos; na qual a modernização não mais encontra resistências organizacionais e ideológicas de fundo. Nem todos os elementos pré-modernos se volatilizaram, mas mesmo eles funcionam segundo uma lógica moderna, desinstitucionalizada, sem regulação. [...] Tínhamos uma modernidade limitada; agora, é chegado o tempo da modernidade consumada. (LIPOVETSKY, 2004, p.54)

E, na cidade, emerge pensarmos que os nossos territórios, nossas referências são efêmeras, é como se não as tivéssemos mais. Os vínculos com os lugares e com as coisas são momentâneas, superficiais. Na verdade ocorre a incoerência de nós mesmos. Somos catalogados numa sociedade por um nome, um número. Mais um.

3. METODOLOGIA

Poderia me dizer, por favor, que caminho devo tomar para ir embora daqui?
 "Depende bastante de para onde quer ir", respondeu o Gato.
 "Não me importa muito para onde", disse Alice.
 "Então não importa que caminho tome", disse o Gato".
 "Contanto que eu chegue a algum lugar", Alice acrescentou à guisa de explicação.
 "Oh, isso certamente você vai conseguir", afirmou o Gato, "desde que ande bastante".
 (LEWIS CARROL, 2009, p. 76-77)

A provocação que Lewis Carrol, faz em Alice no País das Maravilhas, aponta que há outros caminhos possíveis. A intenção nunca foi chegar a um fim, mas fazer provocações, a partir do título do trabalho, que carrega consigo conceito com a Geologia da Moral, que instiga a desvelar Quem a Terra pensa que é?

Assim, o conceito não deve ser procurado, pois não está aí para ser encontrado. O conceito não é uma "entidade metafísica", ou um "operador lógico", ou uma "representação mental". O conceito é um dispositivo, uma ferramenta, algo que é inventado, criado, produzido, a partir das condições dadas e que opera no âmbito mesmo destas condições. O conceito é um dispositivo que faz pensar, que permite, de novo, pensar. O que significa dizer que o conceito não indica, não aponta uma suposta verdade, o que paralisaria o pensamento; ao contrário, o conceito é justamente aquilo que nos põe a pensar. Se o conceito é produto, ele é também produtor: produtor de novos pensamentos, produtor de novos conceitos; e, sobretudo, produtor de acontecimentos, na medida em que é o conceito que recorta o acontecimento, que o torna possível. (GALLO, 2007, p.49)

Essa pesquisa se apresenta enquanto possibilidades diferenciadas de analisar, por entre as histórias, o foco de nossas indagações, na composição do corpo-cidade Bagé. Não atentamos a uma resposta preestabelecida. Nosso objeto de estudo é ao mesmo tempo exterior e interior. É "pensar o trabalho num plano que se organize a partir do que está instituído e o que pode vir a ser" (SOPEÑA, 2013, p.21).

Para que esse caminho pudesse ser traçado, "múltiplos encontros/desencontros com Nietzsche" (GALLO, 2007, p. 14) se fizeram presentes. Os trajetos iniciais pensados para desvelar os espaços de corpos coletivos se transformaram em outros percursos. Os encontros com nossos personagens

intercessores, trouxeram novos olhares que contavam Bagé e que eu não percebia. Um espaço contemporâneo que possibilita contar, recontar histórias.

Contemporaneidade feita de multiplicidade, de diferentes referenciais, de distintas leituras e releituras. Essa multiplicidade dificulta claro, as classificações; quiçá daqui a um século o distanciamento temporal permita aos historiadores [...] perceber elementos de articulação que permitam o vislumbre de [...] de territórios demarcados no mapa do pensamento... (GALLO, 2007, p. 15)

Mas perceber que é só a partir da recontagem dessas histórias, que a diferença pode se fazer. Uma repetição incitando a diferença. Nos encontros com esses acontecimentos “é que proporcionam a matéria da produção conceitual” (GALLO, 2007, p. 17), de produção de novos conceitos. Novos modos de olhar para Bagé. “A produção depende de encontros, encontros são roubos e roubos são sempre criativos; roubar um conceito é produzir um conceito novo” (idem).

Pensar a composição do corpo-cidade e desses novos conceitos que tento desvelar no caminho, funciona como uma provocação. É a possibilidade de traçar uma linha não delimitada, com potência de resignificação do instituído. Deleuze; Guatarri(1995) salienta que essa análise é formada pela relação, pelo agenciamento, pelo povoamento que traça no percurso seus pontos, nos entrelaçamentos da pesquisa, entre a teoria e a prática, entre os fios do feltro, as agulhas da máquina de pensar e as tintas que tingem as fibras. É um não tecido. Um conceito que se estabelece por entrelinhas e que, formam um enredamento de possibilidades de capturar alguns pontos e trazê-los a superfície.

Bagé se compõe na subjetividade. Esse espaço dentro da pesquisa que pretende “promover possibilidades de experimentação de um programa de procedimentos, de um processo de criação de dinamicidade contínua” (CARVALHO, 2013, p.43), orienta o trabalho.

As questões metodológicas fazem parte do contexto da pesquisa acadêmica, funcionando como condição de possibilidade, não somente de auxiliar o pesquisador, como também de conduzir a própria pesquisa, o que proporciona que os esforços produzidos assumam um modo determinado de organização. Por esta perspectiva, ocorre a busca por uma garantia do sentido de rigor e de academicidade dos estudos realizados, o que possibilita que vários pesquisadores usufruam de um mesmo modelo de pesquisa, como forma de que possam garantir a aquisição dos resultados desejados. (DE ARAUJO, 2014 p.01)

As marcas que orientam percursos da pesquisa possibilitam um olhar que transita de maneira mutante. É a possibilidade de andarilhar pela pesquisa, não expresso apenas na “representação do objeto e na subjetividade do pesquisador, mas em um agenciamento de intensidades, um conjunto de linhas em conexão arrastando sujeito e objeto em uma atualização recursiva e contínua”. (SOPEÑA, 2013, p.47).

O delineamento dessa pesquisa, parte do conceito da cartografia para a composição de Marcas Cartográficas¹⁷ e se orienta enquanto um mapa móvel, que possibilita movimentos espiralados no traçado de um plano que trama suas redes. Não significa uma falta de direção, mas deslocamentos orientados por procedimentos advindos do plano de criação que potencializam uma atitude de envolvimento e de mergulho na experiência de novas descobertas. (SOPEÑA, 2013)

De algum modo, a escolha metodológica está sujeita a um determinado desejo da pesquisa e do pesquisador, o que acaba por produzir a posição que estes sujeitos assumem ante à necessidade da escolha do método de pesquisa. Talvez, o que se encontra em uma primeira análise como uma questão, qual seja, qual metodologia adotar na pesquisa, compõe já de antemão, uma inevitável problemática. Ou seja, escolher o modo como se deseja proceder com as atividades inerentes ao ato de pesquisar, também se compõe como uma problemática de pesquisa que necessita cumprir um espaço-tempo de problematização. (DE ARAUJO, 2014, p.3)

Na pesquisa, marcas cartográficas se mesclam com procedimentos que compõem um programa de pesquisa, que não estabelece um padrão, “mas uma articulação livre na composição de elementos, abrindo a pesquisa para uma mistura de possibilidades na montagem de dispositivos”. (SOPEÑA, 2013, p.47)

Não existem métodos, receitas ou percursos garantidos. As imagens ora opacas, ora visíveis se transformam em cada encontro, em cada acontecimento da pesquisa. Percursos desdobrados em um tempo

¹⁷ Marcas Cartográficas: conforme projeto de pesquisa desenvolvido pelo grupo de pesquisa GeiSSo no IF Sul campus Pelotas, sob a coordenação do professor Dr RógerAlbernaz de Araujo, o conceito de marca cartográfica funciona como um dos procedimentos possíveis para a composição de um programa de pesquisa. Neste contexto, não se faz referência à cartografia como um método, mas como mais um intercessor que pode vir a compor o plano de criação em um determinado escopo temático. No caso específico deste trabalho, a marca cartográfica implica e envolve pontos de passagem ao longo do percurso de pesquisa que funcionam como pontos de entrada e pontos de saída ao longo de um espaço-tempo de pesquisa-ação, ou seja, de algum modo, as marcas cartográficas produzem o desenho cumprido pela pesquisa e pelo pesquisador no e pelo acontecimento da produção da problemática. As marcas cartográficas não definem uma resposta para uma questão de pesquisa a priori, mas criam a possibilidade do desvelamento de trajetos que produzem uma problematização. (Notas do grupo de pesquisa GeiSSo, Outubro de 2014)

que se perde, que se reencontra, que se redescobre. (CARVALHO, 2013, p.66)

Nesta pesquisa, os percursos investigativos compõem-se no emaranhamento de procedimentos a serem experimentados, trazendo o mapa como possibilidade de uma pesquisa que se faz no caminho. Muito mais do que apontar resultados e metas fixas e determinadas, deseja-se um mapeamento de processos, de fluxos e de forças. (SOPEÑA, 2013). Nuances de marcas cartográficas, enquanto afirmações de determinados espaços-tempos que, ao longo do percurso marca uma coordenada de um possível retorno.

Produzir dentro da pesquisa, um roteiro do processo de produção, não como uma metodologia, mas como um modo de manusear os espaços de pesquisa. Existem duas maneiras a primeira vista, para tentar fazer esse delineamento e elas não são antagônicas, mas divergentes. A primeira é tentar produzir uma resposta para uma questão de pesquisa, que é tido como o método tradicional, com a qual, normalmente se trabalha em termos de metodologia, defino uma temática, e dentro dessa temática que é o meu território, eu vejo uma questão que vai responder o meu trabalho. Crio um modo de fazer isso para ver se consigo alcançar o resultado esperado, esse tipo de pesquisa é um tipo que produz um caminho, pois o método vai me fornecer o percurso por onde eu devo passar, de que maneira, qual o ritmo, com que vozes, para chegar ao meu ponto final. O trabalho de pesquisa assinala para uma resposta a uma questão, conforme uma visão hegemônica de pesquisa. (DE ARAUJO, 2014)

Não se caracteriza por falta de procedimento, mas por uma organização que se ordena pelo caminho e que se mantém a espreita para delinear mecanismos para compor a pesquisa.

Os procedimentos são a máquina de prensar o feltro, de produzir este conjunto de enredamento que não tem direito e avesso, não tem centro, não estabelece fixos e móveis, mas distribui uma variação contínua. Os procedimentos desta pesquisa se produzem nos entrelaçamentos de referenciais teóricos que possibilitam o movimento constante de retorno e variação em todas as etapas do trabalho. (SOPEÑA, 2013, p. 53)

O procedimento a partir de marcas cartográficas funciona como a ideia de João e Maria: jogar migalhas ao longo do caminho que oferecem a possibilidade de retornar

de maneira andarilha, onde a pesquisa não se faz na representação do objeto e na subjetividade do pesquisador, mas em um agenciamento de intensidades. Migalhas que muitas serão comidas pelos pássaros para não representarem sempre um mesmo caminho, mas para indicar um percurso - não para encontrar alguma coisa - (DELEUZE, 1997), mas para me perder na busca. Limites enquanto possibilidades de encontrar um novo limite e não para encontrar as verdades, respostas.

Procedimentos que acolhem as subjetividades produzidas entre as relações de saber, poder e ética. Relações que podem criar novos modos e estilos de existência pelo tensionamento entre os saberes legitimados de uma área de conhecimento e os elementos potenciais de um vir-a-ser em constante variação e atualização. (DE ARAUJO, 2014)

A escolha do modo como se produz a relação com a pesquisa: por uma orientação à obtenção de um resultado na aplicação de um determinado método ou pela composição de uma problemática na criação de um programa de procedimentos. De um modo e de outro, a escolha da metodologia que será adotada pela pesquisa, já se constitui enquanto movimentação de um método, visto que indica o modo como se deseja produzir o olhar da pesquisa e do pesquisador. Uma escolha de qual porta se deseja abrir. Neste caso, poder-se-ia inferir que a questão metodológica compõe um corpo de desejo, que permeia o percurso da pesquisa fornecendo o ritmo de cada movimento, antes mesmo do primeiro movimento visível e dizível. (DE ARAUJO, 2014, p.04)

Os delineamentos desse estudo que buscam compreender o processo de composição que contemporaneamente compõe Bagé e que acontecem por entre ritmos e meios que deseja exprimir uma necessidade de criar-se em ato. É “o pesquisar com a pesquisa, pelo ato de pesquisar... a pesquisa torna-se uma possibilidade, que a partir da articulação com seus intercessores pode vir a acontecer” (DE ARAUJO, 2014, p.4)

O outro modo é quando eu me preocupo em percorrer um determinado caminho e estabelecer um percurso e encontrar meus caminhos de pesquisa. O percurso permite a partir dos encontros, que eu crie uma problemática, mas estabeleça um ponto de entrada e o ponto de entrada é o desejo de se movimentar por algum caminho. A minha entrada no percurso foi pela educação física, através dos corpos coletivos da cidade, que com os intercessores, modificou minha composição. Vários caminhos me orientaram a chegar nesse percurso, dentre eles, os intercessores.

(Notas do Grupo GeiSSo, 2014). A possibilidade de escuta com algumas narrativas¹⁸, também atuam como intercessores nesse processo e auxiliam através de nuances dessas histórias, na tentativa de traçar pontos de quem Bagé pensa que é. A criação são os intercessores. Sem eles não há obra.

Podem ser pessoas – para um filósofo, artistas ou cientistas; para um cientista, filósofos ou artista – mas também coisas, plantas, até animais, como em Castañeda. Fictícios ou reais, animados ou inanimados, é preciso fabricar seus próprios intercessores. É uma série. Se não formamos uma série, mesmo que completamente imaginária, estamos perdidos. “Eu preciso dos meus intercessores para me exprimir, e eles jamais se exprimem sem mim: sempre se trabalha em vários, mesmo quando isso não se vê. E mais ainda quando visível: Félix Guattari e eu somos intercessores um do outro”. (DELEUZE, 1992, p. 156)

“Toda essa questão da metodologia que aqui evidenciamos, ela está funcionando nesse sentido, de um devir e controle. A metodologia acaba exercendo no território acadêmico a função instintiva, uma roupagem de função que delimita qual é o caráter de verdade da pesquisa. A verdade acadêmica forçada a acontecer a caráter de um rigor de um método. Um intercessor de funcionamento que prove a pesquisa de caráter humano, o aval da cientificidade, que é provável a partir do método.” (Notas do Grupo GeiSSo, 2014)

“Há a discordância dos discursos. Não estou trabalhando com o universal, mas, com um dispositivo que funciona no processo, sem necessitar de um método que funciona como um dogma. Ela acaba refém do funcionamento do método. Eu acabo não podendo encontrar ou descartar, pois elas podem não caber no método. Nossa tentativa é justamente o contrário. Não devemos nada de início, estabelecemos uma problemática e não uma resposta. Tentar não dogmatizar os modos de pesquisa. Muitos dos procedimentos que acontecem, funcionam na pesquisa para validar aquilo que a gente já conhece. A pesquisa educacional intenta validar um discurso em qual perspectiva devemos assumir. (Notas transcritas do Grupo GeiSSo, 2014)

A potência da cartografia, proposta por Deleuze, acaba por ser modelada e enquadrada como um método, que opera para um aparelho de estado. O processo cartográfico permite que se reinvente o percurso na relação com os meios a cada

¹⁸ Narrativas: A utilização das narrativas, não se configura neste trabalho, enquanto um método de pesquisa. Ela funciona como um dos intercessores que ajudam a compor um plano de organização da pesquisa.

possível retorno ao território em problematização. Há um plano de referência que funciona como aquilo que existe e que possibilita, e que estabeleça um plano de criação. Onde produzo os intercessores e eles vão criar as marcas cartográficas na relação com esse plano de referência e a cada momento posso criar novos intercessores, possibilita produzir relações transversais, diferentes atravessamentos. Com isso, não podemos dizer que o método cartográfico é isso. (Notas de diálogos do Grupo GeiSSo, 2014)

A marca cartográfica surge como um corte, como um dos procedimentos, em um fluxo de pesquisa dentro de um espaço-tempo. Produz-se uma marca, quando encontro alguns pontos que contam Bagé por outros olhares, outras histórias. As marcas produzem as diferenças que a pesquisa produziu dentro de nosso território, dão a coordenada de onde a pesquisa passou. (Notas de diálogos do Grupo GeiSSo, 2014)

4. PERCURSOS DE UMA HISTÓRIA: QUEM BAGÉ PENSA QUE É?

A primeira vez que tive contato com a denominação de “Pampa Gaúcho”, foi através da música “Herdeiros da Pampa Pobre”, de autoria do Gaúcho da Fronteira¹⁹ e Vainê Darde, na voz da banda Engenheiros do Hawaií. Isso se deu em 1998. Era minha música preferida daquele álbum. Mal sabia o que o “destino” me reservava: Habitar essa Pampa, 13 anos depois...

Em 2011, recém-chegada na região da Campanha, pude acompanhar a comemoração dos “200 anos da cidade”. Contudo, há indícios e dados históricos que propõem que ela vem se compondo há mais tempo. História essa, denominada oficial, por ser a contada nos livros e, é a que a cidade “acolheu por suas verdades”

Mas que pampa é essa que eu recebo agora
Com a missão de cultivar raízes
Se dessa pampa que me fala a história
Não me deixaram nem sequer matizes?

(Trecho da música Herdeiro da Pampa pobre, de Gaúcho da Fronteira e Vainê Darde)

Contar fragmentos dessa história por outros olhares pode ser “Uma possibilidade de relação, de desterritorialização de um plano sobre o outro. Uma nova paisagem que só aparece no movimento, [...] deslocando [...] os espaços, onde a pesquisa se reinventa nos movimentos espiralados dos percursos que” (SOPEÑA, 2013, p.19) questionam as trilhas históricas “delimitadas, e que se produz pelo meio, com múltiplas entradas e saídas” (Idem), entre os territórios da cidade, dos corpos e na composição de uma sociedade.

Pensar essa história, a partir de um cogito universal²⁰, que se orienta como sendo a verdade pura, é um dos pontos que orientam nossos caminhos. Esse cogito universal, (re)produz um senso comum, da vida, das coisas, ao ponto de acharmos isso natural, verdade pura. É uma origem, é inquestionável, é assim, sempre foi assim. A partir da opinião do instituído, produz-se o bom senso, que opera com esses valores universais. A criação não é da ordem do bom senso, ela só pode operar com o nonsense. É o aparelho de estado, a máquina que cria está fora. Quando saio do plano de organização, perco essas características. Não é a criação em si, mas o limite. Não

¹⁹ Gaúcho da Fronteira, nome artístico de Heber Artigas Armua Fróis.

²⁰ (DELEUZE, 2006, p. 191-192)

interessa a procura, mas a busca é o perder-se nos pensamentos e a possibilidade de pensar, de se criar perspectivas de acoplamento com as coisas que nos cercam.

Assim, a história conta que, antes mesmo dos Europeus chegarem à região, ela já era habitada por índios de diversas tribos. Fagundes (1995, p.13) aponta que “no ‘pampa’ gaúcho, região da campanha, viviam principalmente os índios Charruas, Guenoas e Minuanos” A colonização da coroa Portuguesa através do Tratado de Tordesilhas²¹, assinado em 1494, e o Tratado de Madri²² datado de 1750, propuseram a exploração, através das Sesmarias²³ nessa região que consideravam não habitada, e, cabe lembrar que em todo o Brasil também, firmando, portanto o estabelecimento de estâncias e povoações.

Enquanto as concessões do norte e nordeste exigiam que o concessionário fosse um elemento de posses, e possibilitavam enriquecimento, nas sesmarias concedidas nas regiões mais ermas, cerca de duzentos anos depois, como as dos extremos sul do Brasil, o sesmeiro, como regra, era um militar ou ex-militar, sem posses, que recebia a sua concessão em lugar que a possibilidade de enriquecer era remota. (BRASIL, 2009, p.29)

A exploração inicial, dessa cidade que se apontava “invisível²⁴”, teve seus espaços constituídos através de seu entrincheiramento.

Passam às mãos da minha geração
Heranças feitas de fortunas rotas
Campos desertos que não geram pão
Onde a ganância anda de rédeas soltas

(Trecho da música Herdeiro da Pampa pobre, de Gaúcho da Fronteira e Vainê Darde)

Durante o domínio espanhol, os jesuítas vindos de Buenos Aires fundam a Redução de São André dos Guenoas, região que hoje denomina a cidade de Bagé. Posteriormente, governador de Buenos Aires, tenta retomar a ofensiva castelhana para expulsar os portugueses da Província e marcha até os Cerros de Bagé,

²¹ Apenas para situar o contexto, sem aprofundamentos, o Tratado de Tordesilhas se configurou com a assinatura em 1494 entre a Espanha e Portugal, do acordo sobre a exploração das novas terras que descobriram ou estavam por descobrir, principalmente no Novo mundo. (FAGUNDES, 1995, p.16)

²² Em 1750 o assinado do Tratado de Madri redefinia as fronteiras antes fixadas pelo tratado de Tordesilhas. (FAGUNDES, 1995, p.16)

²³ As Sesmarias auxiliariam no avanço da agricultura em lugares que não estavam sendo cultivados no Brasil. (BRASIL, 2009, p.19)

²⁴ As cidades invisíveis, de Ítalo Calvino.

mandando construir o Forte de Santa Tecla para servir de marco definitivo da posse dos espanhóis sob seu poder que em 1773 foi destruído. (FAGUNDES, 1995)

Já no fim do século XVIII e início do século XIX, o governo português decide doar sesmarias na região, para criar fazendas de gado, tentando desenvolver economicamente a região. “Ademais, como trazer colonos sem nada ter a lhes oferecer, além do risco de habitar uma região inóspita, despovoada e sem comunicação com o governo central? Além disso, como ocupar o vasto território com tão escassa população?” (BRASIL, 2009 p. 29), configurando esse cenário, como um dos impasses ao povoamento na região. Figura-se nesse contexto que São Sebastião de Bagé, a partir de 1789, começa a abrigar alguns sesmeiros e acampamentos de militares e oficiais que guarneceriam a região fronteira do estado.

Nos estudos de Reis (1911), Salis (1955), Fagundes (1995) e Brasil (2009), apenas em 1811 foi que se instalou um grande acampamento de militares na cidade com três mil homens, 10 mil cavalos e 2 mil bois e, assim, 17 de julho de 1811 fica estabelecida que fosse a data oficial de fundação da cidade. Os militares partiram levando os animais em direção ao Uruguai e deixaram acampados, doentes, mulheres e mantimentos, os que se configuraram como a primeira vila ou de maneira concreta, se potencializam as primeiras trincheiras.

No local do acampamento, começou a surgir uma vila, com muitos ranchos de torrão cobertos de palha, que oferecia melhores recursos de água, lenha e proteção natural do que o aldeamento que já havia junto à antiga guarda de São Sebastião, o que levou-os a transferirem-se para o nascente vilarejo.(FAGUNDES, 1995, p.22)

Fato que chama atenção na cidade que até os dias atuais, o poder exercido através de forças internas e externas, sobre a questão militar, é algo bastante forte, uma máquina de guerra e funciona na pesquisa como uma marca cartográfica.

O Estado por si só não tem máquina de guerra; esta será apropriada por ele exclusivamente sob forma de instituição militar, e nunca deixará de lhe criar problemas. Donde a desconfiança dos Estados face à sua instituição militar, dado que esta procede de uma máquina de guerra extrínseca. Clausewitz tem o pressentimento dessa situação geral, quando trata o fluxo de guerra absoluta como uma Idéia, da qual os Estados se apropriam parcialmente segundo as necessidades de sua política, e em relação à qual são melhores ou piores "condutores". (DELEUZE, 1997, p.11)

Mas a história que conta Bagé cronologicamente, segue. Há, no entanto, no que se refere às datas de fundação que foram estabelecidas para a cidade, “divergências”, pois, recentemente, Brasil (2009) através de um minucioso levantamento histórico em cartórios e escrituras públicas no Rio Grande do Sul, considera que as reais datas para o início daquela que iria compor a cidade de Bagé, enquanto corpo-coletivo são outras. Fagundes (1995) aponta que em toda a região havia índios de diferentes tribos que antes aqui habitavam, enquanto composição de corpos individuais, porém a composição do corpo coletivo da cidade pode apontar outros caminhos.

Por todo exposto, entendo que Bagé deve homenagear as seguintes efemérides, as quais marcam o início de seu povoamento, de sua fundação e de sua história:

- 1- A data de 18-11-1789, na qual foi concedida a primeira sesmaria ao Capitão Serafim da Costa Santos, que marca o início da distribuição das sesmarias e do povoamento de São Sebastião de Bagé;
- 2- A data de *V de fevereiro de 1802*, na qual correspondência de Patrício José Correia da Câmara determina o traslado da Guarda de São Sebastião, instalando o primeiro núcleo urbano, estabelecido de forma permanente, em Bagé;
- 3- A data de 17-07-1811, na qual carta de Dom Diogo de Souza indica a existência de um acampamento, que deu origem ao segundo embrião de núcleo urbano de Bagé;
- 4- A data de 05-06-1846, na qual a edição da Lei nº. 65 eleva a *Capela Curada de São Sebastião de Bagé* à categoria de Villa de São Sebastião de Bagé, reconhecendo *status* de Bagé como centro urbano. (BRASIL, 2009, p.64)

Só pelo fato da leitura sugerir “homenagear as seguintes efemérides, as quais marcam o início de seu povoamento, de sua fundação e de sua história” o cenário nos coloca a espreita. Seria esse o cogito universal, que se orienta como sendo a verdade pura da história? Outros pontos de se colocar a espreita nessas histórias, funcionam como uma das marcas cartográficas que podem orientar nossos caminhos.

Chega o arame e a cerca. Com isso, há delimitações desse corpo-coletivo que começam a se compor, e a compor uma Bagé diferente do que vinha sendo. Fato que recordamos em não haver garantia de direitos a nenhum daqueles pioneiros na ocupação territorial que aqui habitavam, sem ter o estabelecimento de nenhuma fronteira, um espaço sem limites, de campo-aberto, que agora se dobra e retorna na região que hoje se denomina de Campanha. Cabe mencionar que esse não é um fato

que a priori, acontece somente aqui. Em todo contexto de povoação do Brasil, isso se repete, de maneira característica a cada região.

Mas a partir da chegada do arame na região, iniciariam as disputas por terras e demarcação de territórios, com isso, guerras, mortes. O “Pampa” deixou de ser um território que unia o Brasil e o Uruguai e passou a ser território de disputa.

Se for preciso, eu volto a ser caudilho
Por essa pampa que ficou pra trás
Porque eu não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai.

(Trecho da música Herdeiro da Pampa pobre, de Gaúcho da Fronteira e Vainê Darde)

Assim como em muitos estados, as comunidades indígenas e aqui na região, no primórdio do povoamento, foram obrigadas a buscarem novos espaços, para ceder aos caprichos das coroas portuguesa e espanhola, não mais havendo espaço para ali se estabelecerem. Os índios que não foram capturados, escravizados ou mortos, fugiram.

Nos relatos de Fagundes (2012) com a construção do forte de Santa Tecla, “cerca de 55 índios ajudaram na construção” (p.30). O termo ajudar, aqui soa com um peso histórico, já que com a chegada dos Portugueses e Espanhóis, com todos os conflitos pela manutenção das demarcações de toda região, os índios tiveram todo seu espaço ocupado e “ajudar” na construção do forte, sinaliza a opressão da liberdade, comum para esses colonizadores e que posteriormente foi substituído pela chegada dos negros. Há ainda o relato exposto no livro “Inventário cultural de Bagé”, de Fagundes, (2012) na qual a fala de uma antiga moradora da cidade e de origem africana, cita que “lá naquele ‘arto’ é que era meu antigo rancho. Os índios me correram de Lá” (FAGUNDES, 2012, p.39). Outro ponto que relata que já havia ocupação daqueles espaços por outras civilizações e que os conflitos por espaços territoriais perduraram por muito tempo. Quais raízes cultivar então?

Mas que pampa é essa que eu recebo agora
Com a missão de cultivar raízes
Se dessa pampa que me fala a história
Não me deixaram nem sequer matizes?

(Trecho da música Herdeiro da Pampa pobre, de Gaúcho da Fronteira e Vainê Darde)

Outro ponto que merece destaque nessa composição que vem constituindo Bagé se refere à Revolução Farroupilha. A região da fronteira do estado reclamava

do abandono e da falta de atenção da Coroa e que, nos dias atuais, esse mesmo cenário ainda se configura.

A elite rio-grandense considera-se muito importante, por ser uma elite fronteiriça, com uma atuação militar permanente. Esse pensamento era respaldado pela tradição, vinda através das gerações... Entretanto esta elite sentia-se derrotada, pois havia perdido a Guerra Cisplatina. Eles responsabilizavam o centralismo do governo brasileiro, como causador da ruína da Província. (FAGUNDES, 1995, p.26)

Com esse cenário, de se considerarem mais “importantes” no Estado do RS, e com um aparato militar grandioso, na fronteira, inicia a Revolução Farroupilha que teve dois enfoques como pano de fundo; o aumento dos impostos territoriais e a importação do charque uruguaio que concorria com o brasileiro.

Nesse contexto foi que os liberais farroupilhas resolveram não mais aceitar as imposições do governo central, eclodindo assim, um movimento liberal armado. O movimento juntava liberais que só queriam pressionar o governo central para obter maiores recursos para a província e os exaltados que sonhavam com a república. As ideias separatistas dos exaltados sobressaíram-se e iniciou então a Revolução Farroupilha. (FAGUNDES, 1995, p.26)

A revolução acontecia e a falta de defesa dos povoados, entre as quais, nem os federalistas e nem os imperiais conseguiam proteger as vilas e os povoados que estavam compondo a cidade de Bagé e, “desordeiros traziam saque e terror à população” (FAGUNDES, 1995, p.30). Algo bastante curioso chama a atenção. As casas que hoje configuram a urbanidade da cidade possuem inúmeros recursos de segurança. Talvez aí, se possa suspeitar que ela carregue consigo essa insegurança que o período de guerra e sangue deixou, de viverem entrincheirados.

Os republicanos, entendendo que a vitória na revolução seria impossível, iniciaram em 1844 na cidade, o acordo de paz. Em 20 de setembro, no Ponche Verde, atual cidade de Dom Pedrito, foi assinado o acordo de paz, colocando um fim à guerra civil. É a ganância andando de rédeas soltas.

Passam às mãos da minha geração
Heranças feitas de fortunas rotas
Campos desertos que não geram pão
Onde a ganância anda de rédeas soltas

(Trecho da música Herdeiro da Pampa pobre, de Gaúcho da Fronteira e Vainê Darde)

Na região fronteira do Rio Grande do Sul, é significativa ainda hoje, a presença do exército e de inúmeros quartéis. Quase todos os conflitos no estado e principalmente nessa região, se configuraram por disputas de terras e dos limites fronteiriços com a Argentina, Uruguai, e Paraguai, “aqui se corporificou o ideal de cidadão-soldado²⁵” (STRELIAEV, 2008, p. 25).

Chama a atenção também o fato de que, os primeiros sesmeiros ou adquirentes das sesmarias e os oficiais dos exércitos, compunham a cidade de pessoas alfabetizadas, com domínio da escrita com desenvoltura. Um cenário atípico para a época.

Acredito que, com o passar do tempo, houve uma lacuna no processo educacional, eis que inexistiam escolas na região. As famílias dos primeiros povoadores, como regra, transmitiam aos seus descendentes o hábito de leitura e da escrita. De qualquer sorte, as gerações posteriores dependeram do esforço de suas famílias na transmissão das primeiras letras e do estímulo à leitura [...]. (BRASIL, 2009, p.71)

Sem aprofundar esse debate, nos últimos resultados do IDEB (índice de avaliação da educação básica) de 2011, a cidade de Bagé apresentava uma média entre os anos iniciais e finais da educação básica de 4,15 pontos, relacionando a aprovação e alfabetização. O índice recomendado pelo Ministério da educação é de 6,0 pontos, levando a apontar que a educação pode ainda não ter dado conta de enfrentar esse “vazio” histórico, e não é somente a educação como também as condições econômicas e sociais desfavorecem.

Na distribuição das sesmarias, chama atenção, quando em uma época que as mulheres tinham parte de sua liberdade privada, constar nos registros que várias concessões foram cedidas para as mulheres. Bagé tentando se abrir para novas composições.

Outro ponto que merece destaque é a presença das mulheres entre os sesmeiros bajeenses, pois, em uma época em que as mulheres

²⁵ Cidadão-soldado: aqui considerado enquanto um ideal de população em ser militar, pois este é o elemento designado pela sociedade garantir, Segurança e Defesa para a cidade. É ao mesmo tempo, defensor de uma república e dos cidadãos. (Ferreira Neto, Walfredo Bento. Cidadão-Soldado. Soldado-Cidadão: uma investigação sobre as causas da apatia para com a república e seus reflexos sobre o significado do termo “civil” na relação huntingtoniana. In: Revista nacional dos estudo da defesa. UFRGS, 2012)

tinham severas restrições quanto a sua capacidade jurídica, treze delas foram sesmeiras em São Sebastião de Bagé (BRASIL, 2009, p.71)

Lemieszek & Garcia (2013) também expressam seu olhar sobre as mulheres bajeenses ao longo da história, de maneira a potencializar a ocupação de espaços nesse corpo-cidade. Porém nos cabe dizer que sempre ocupando um papel secundário. Eles afirmam que:

Não raras as oportunidades em que encontramos a mulher desempenhando um papel de relevante importância na construção de sua vida e na da sua cidade, nos mais variados segmentos. Por demais conhecidos estão os atos de heroísmo da mulher bajeense na defesa da família e da propriedade, enquanto seus maridos lutavam nas diversas revoluções que cruzaram as terras de Bagé, notadamente a revolução Farroupilha e as revoluções de 1893 e 1923. (LEMIESZEK & GARCIA, 2013, p. 76)

Com o caminhar por suas histórias e pelos livros, vê-se uma cidade que pretende produzir novos cenários para o devir – que sempre é minoritário- , a partir de uma dobra sobre si mesma, com a necessidade de aceitar alguns novos paradigmas. O gaúcho, por vezes, cuidava o cavalo com mais zelo que de suas mulheres (MATTOS, 2009).

Bagé se compõe historicamente de povos de diferentes pagos. Cada qual trouxe sua cultura e seus costumes que, nos agenciamentos com outras culturas e outros costumes, vêm constituindo, na contemporaneidade, a cidade. Não mais sendo o que era e nem precisando retornar. Mas ser múltipla, simultânea e contínua.

Se for preciso, eu volto a ser caudilho
Por essa pampa que ficou pra trás
Porque eu não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai

(Trecho da música Herdeiro da Pampa pobre, de Gaúcho da Fronteira e Vainê Darde)

Ponto que merece destaque nessa cidade são as fachadas das casas, tombadas pelo patrimônio histórico. História que carrega consigo uma arquitetura que expressa cultura. Pode até causar descontentamento para aqueles que ali habitam, pela impossibilidade de modernizar-se e atender ao apelo de um mercado especulativo da construção civil em expansão, mas, carrega consigo, fatos de uma

cidade inteira ter se constituído com a mistura de arquiteturas de diferentes lugares, daqueles que aqui vieram habitar. Influência de múltiplas culturas.

São poucas as cidades brasileiras que entendem a arquitetura como uma manifestação cultural, embora seja, dentre as artes, a de consumo mais frequente e difundida.

A arquitetura é a expressão do cotidiano de qualquer povo, em qualquer época. Através do patrimônio arquitetônico pode se reconstruir a história e resgatar as referências de um povo ou de uma comunidade. O espaço que se vive é resultado cultural. “Culturas neolíticas tendem as formas circulares, as urbanas à retidão de traçados”. A divisão dos cômodos de uma casa é resultado de séculos de conceitos, e de alguns preconceitos... Entrada de serviço, a antiga senzala, transformada em quarto de empregada e mais recentemente em “quarto reversível”, retrata a trajetória das relações sociais em nosso país.

As casas sem recuo frontal e compridos corredores, de influência portuguesa, dão até hoje, a feição das grandes cidades, mas aquelas com pátio interno, de gosto espanhol, mais comum no sul do Rio Grande do Sul, principalmente na nossa região, ainda persistem, mas correm o risco de desaparecer, em função da especulação imobiliária. (FAGUNDES, 2012 p. 583)

Mas... Herdei um campo onde o patrão é rei
Tendo poderes sobre o pão e as águas
Onde esquecido vive o peão sem leis
De pés descalços cabrestando mágoas

(Trecho da música Herdeiro da Pampa pobre, de Gaúcho da Fronteira e Vainê Darde)

Ainda chama a atenção na cidade as ruas. Elas funcionam como um corpo-coletivo - tem vida. E quase todas elas, levam nomes de pessoas ligadas aos círculos militares e às revoluções. Heranças de uma cidade que ainda vive em 1923²⁶,

²⁶ “A Revolução de 1923 luta ocorrida no Rio Grande do Sul teve a duração de onze meses foi o último conflito armado entre elites estaduais. Opuseram-se novamente maragatos e chimangos, alcunha pejorativa em alusão à ave de rapina, e que, outrora denominados pica-paus. A reeleição de Borges de Medeiros. Ele foi o sucessor de Júlio de Castilhos, e, foi indicado pela quinta vez consecutiva ao governo do estado motivou a revolta dos maragatos. Em 1922 utilizando-se do voto de cabresto Borges derrotou o candidato da oposição Joaquim José Assis Brasil provocou a indignação dos maragatos que não aceitaram o resultado e pegaram em armas dando início a Revolução de 1923. A campanha eleitoral ocorre sob um clima de repressão e violência. Opositores do governo são presos, espancados e até mortos. Locais de reunião dos assistidos são fechados e depredados pela polícia borgista. Os maragatos (vermelhos- por causa do lenço que usavam) estavam mal organizados e não tinham objetivos militares definidos e a falta de apoio das tropas federais deixou-lhes ainda mais perdidos... Estava claro que desde o começo os chimangos (brancos devido ao lenço que utilizavam) eram mais fortes e organizados. Os combates dos maragatos ficaram então restritos a ações isoladas de caudilhos. Mas, as ações se davam distantes de Porto Alegre o que não causa danos a superioridade

praticamente última revolução que aconteceu e que o império hegemônico da cidade, começa a ruir, mas que paira no ar, esse entrincheiramento. Nomes de mulheres praticamente não constam e aquelas ruas que tinham nomes que se referiam a elas, tiveram até a troca de sexo. Fagundes (2012, p.43) aponta que a cidade foi perdendo seus nomes de ruas que deram lugares a homenagens aos Almirantes, generais, condes, barões e doutores. Praticamente inexitem ruas femininas atualmente e num passado, nem tão distante, foram substituídas pelas homenagens prestadas aos militares e o cenário se configura ao poder que eles exerceram/exercem na região. É um desafio repensar sobre.

O que hoje herdo da minha grei chirua
É um desafio que a minha idade afronta
Pois me deixaram com a guaiaca nua
Pra pagar uma porção de contas

(Trecho da música Herdeiro da Pampa pobre, de Gaúcho da Fronteira e Vainê Darde)

Nessa composição que a cidade vem se configurando, surge também a Vila de Santa Thereza, que foi no cenário rio-grandense, a primeira charqueada não escravagista e que oferecia assistência médica e moradia aos mais de 800 trabalhadores da fábrica. O espaço contava com um Coreto para receber apresentações artísticas e um teatro. Na vila já havia um grupo de Arte Dramática e banda musical, composto por funcionários do estabelecimento e uma igreja. A vila tinha casas de material para 1000 pessoas e a estrada de acesso ao espaço, ainda hoje tem uma arborização intensa, que lembra um corredor de árvores. Sem pretensão um questionamento vem à tona: quem construiu toda vila?

Se for preciso, eu volto a ser caudilho
Por essa pampa que ficou pra trás
Porque eu não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai

(Trecho da música Herdeiro da Pampa pobre, de Gaúcho da Fronteira e Vainê Darde)

A cidade aponta como um cenário de cultivo de cultura, quando em meados de 1860, passa a ter um grupo de teatro, organizado por Izidoro Paulo de Oliveira (Fagundes 2012 p.111). Num devir, a cultura precisa funcionar como uma linha desse

das forças de Borges de Medeiros. Assis Brasil e alguns aliados buscavam então negociar com os adversários". (Blog do Prof. Julio Sosa <http://www.profjuliososa.com.br/>)

tecido que compõe Bagé. Um devir que se volte para valorizar os tempos e espaços que cultivam esse agenciamento da cultura nos tempos atuais

Outro olhar sobre a cidade, merecedor de destaque, se refere às construções de assistência que a cidade dispunha desde o século passado: Sociedade Espírita Bom Samaritano, Jardim de Infância Menino Jesus, Sociedade Protetora dos Artistas, Asilo Municipal Vila Vicentina, Orfanato Bidart. Uma preocupação com as classes menos favorecidas da cidade, tradições que se modificam nas multiplicidades de entrelaçamentos da população e que configuram um novo e específico jeito de ser na Campanha.

Eu não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai
Eu não quero deixar pro meu filho
A pampa pobre que herdei de meu pai

(Trecho da música Herdeiro da Pampa pobre, de Gaúcho da Fronteira e Vainê Darde)

Apontamentos que ao longo do texto, vimos buscando nos referenciais de livros, escritos por esses habitantes. Cabe pensarmos que, se esse universo Pampeano, era habitado por índios oriundos de toda bacia Cisplatina, não há herança para os colonizadores receber. O Pampa se tornou “pobre”, porque retiraram dele, aquilo que de mais sagrado tinha. Sagrado enquanto místico de um lugar habitado por “andarilhos” de todo continente da América do Sul. Uma marca cartográfica que funciona enquanto devir revolucionário. Talvez essas diferentes culturas herdadas, intentam definir o Gaúcho, como sendo o grande habitante desse espaço, mas que já se dizimou, sem ao menos, termos definido quem eram esses povos. Um simulacro de gaúcho talvez, habita esses espaços, filhos de todos esses povos andarilhos, que aqui vivem.

4.1 Composição de novos olhares: quem pode contar histórias?

Minha área de formação acadêmica sinaliza um significativo crescimento e interesse pelas atividades de um corpo, apenas enquanto físico. Pensar um conceito enquanto envolvimento em um corpo-cidade, talvez implique em encontrar um sentido mais humano ao que é dado para a nossa "cultura física". Talvez pensar esse corpo-

coletivo de forma mais completa. A crise que orienta a construção de novas perspectivas sinaliza não um caos de desordem, mas um caos que se abre para um devir.

Tecer por entre caminhos lisos e estriados, a busca pelas histórias de Bagé. Deixar-se contaminar com as experiências, com a vida do corpo-cidade Bagé que pulsa, e que ensina (MOURA, 2012). A possibilidade de estabelecer esses novos olhares sobre as histórias de Bagé se orientam em compor outros territórios, outros fragmentos, histórias e manifestos e “que adquirem a partir desse momento um valor de ‘propriedade’: mesmo os ritmos ganham aqui um novo sentido”. (DELEUZE;GUATTARI, 1997, p.218)

O foco da pesquisa se insere na tentativa de fugir dos escritos elitizados que permeiam as histórias de Bagé e nos aprofundar em outras histórias que atravessam esses pagos e que se inscrevem nas histórias da cidade. Muitas delas enquanto devir.

O único critério era a escolha de assuntos que normalmente passam à margem da “cultura oficial”, amplamente legitimada tanto pelo tradicionalismo gaúcho estereotipado quanto pelos meios oficiais de comunicação. A prioridade era desviar dos temas frequentemente tratados nos livros de história da cidade, livros que priorizam processos gerais, institucionais e grandes personalidades da elite bageense. (MOURA, 2012, p.79)

Bagé vem se constituindo na multiplicidade. “Uma multiplicidade não tem nem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que não podem crescer sem que mude de natureza”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.23) Entendo que essas composições ao longo da história possibilitam o processo de criação e retorno de novas urbanidades desse Corpo-Cidade na Campanha.

Algumas linhas, nessa composição tear, vêm à tona em nosso percurso. Um mapa por entre narrativas e histórias. Um corpo-cidade, num cenário que aponta essas composições, com alguns pontos e especificidades num devir urbano. “Urbanidade se refere ao urbano – como a experiência, encontro e reconhecimento do Outro em sua alteridade, como espécie de efervescência da interação livre de restrição, da comunicação e da conectividade da prática, ou mesmo “aconchego”” (NETTO, 2011 p. 16)

Bagé se coloca a espreita por debates entre as diversas linhas que a compõe de maneira que cada uma dessas conectividades se atentem a novos olhares e novas conexões. “as multiplicidades se definem pelo fora: pela linha abstrata, linha de fuga ou de desterritorialização segundo a qual elas mudam de natureza ao se conectarem às outras”. (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.25)

Fatores que devem se compor por “um espaço capaz de oferecer condições para a relacionalidade do social e interatividade das ações e atores ou fatores emergirem, e capaz de ser suporte dos meios técnicos e redes imateriais de comunicação que o complementam na integração de sistemas sociais”. (NETTO, 2011, p. 16)

Em outras palavras, não podemos descartar a condição espacial, e visualizar a condição de compor urbanidades diferentes do que vem sendo. Como aspectos da urbanidade, a experiência do Outro e a conectividade da prática tendem a não emergir em espaços dispersos; tendem a se rareficar em espacialidades rarefeitas. Quais seriam as características dos espaços da comunicabilidade e da alteridade? Sugiro que, assim como a urbanidade não pode ser induzida pelo espaço apenas, ela não emergiria em qualquer condição espacial. A definição de urbanidade passa pela convergência de socialidades em certas condições espaciais – mesmo que livre de relações absolutamente causais, um espaço capaz de ter papel ativo como meio (NETTO, 2011, p. 16)

Hoje, talvez não precisemos mais pensar na Pampa pobre, mas num Pampa que pode vir a se reinventar. A pobreza enquanto um processo de minorização que Bagé precisa se enxergar. Talvez, na imagem que o olhar reflete ao espelho, idealize-se, a partir da imagem de 1923, que continua se repetindo à frente dos olhos. Talvez aqui, aconteça a necessidade da cidade se reinventar, no sentido de pensar em quantas coisas potentes passam e produzem-se em Bagé e não tem à medida que poderiam ter; a cidade volta-se, ainda, para uma imagem/memória de um passado, uma imagem que não existe mais, para uma imagem morta.

Talvez a produção da vida em Bagé, tenha que se dar por uma atitude de simplicidade, de olhar para a cidade de uma maneira simples e então potencializar o que ela tem condição de vir a ser. Ressignificar-se enquanto corpo-coletivo que se reinventa, por dobra e redobras, que retornam a todo instante.

Um intercessor que possibilita a condição de retornar a um ponto de entrada que retorna a pesquisa como uma linha de vida. Potencializar-se e retornar à outros

espaços-tempos ao longo de todo o percurso. A pesquisa adentra pontos, a partir desse “caos”. De alguma maneira se ordena dentro desse caos, para que possamos aprender alguma significação.

As narrativas enquanto intercessores, analisadas na pesquisa, funcionam como um dos procedimentos do mapa cartográfico que intenta compor esse corpo-cidade vivo, que reinventa Bagé. Eles emergem para um processo distinto de criação desses conceitos citadinos, que muda sócio-historicamente, ao longo dos anos. Espaços desse corpo coletivo que nas urbanidades caracterizam a composição que constitui a cidade. A tentativa de narrar a cidade como um corpo.

Tentar narrar a cidade com as suas experiências advindas dos processos que a constituem se configura como um desafio. A busca por sua historicidade, suas experiências e seus lugares é o que possibilita essa escrita. Lugares que aqui atentam aos corpos coletivos, que compõem e vêm compondo a cidade e os desafios que a contemporaneidade promove nessa constituição. Olhares de um andarilho²⁷ sobre a cidade.

A caracterização dos cenários e das histórias emergem da literatura, da poesia, de manifestos andarilhos, de diálogos de quem se coloca a espreita por novas histórias que possam ser ouvidas e ressignificadas. Relatos de experiências, estudos e de seus olhares. Histórias contadas e atravessadas numa mesma história. O olhar atento de cada personagem, olhando Bagé de seu ângulo. Como um não-tecido que se entrelaça por entrelinhas e surge. Perceber que cada narrativa têm a possibilidade de organizar os materiais da história à sua maneira.

Se cada narrador organiza os materiais da história de maneira única, valendo-se de instrumentos socialmente criados e compartilhados, se as narrativas ocorrem em um meio social dinâmico, devemos ser cautelosos para não situá-los fora do indivíduo. Isso supõe lidar de maneira cuidados com a subjetividade de cada pessoa que narra e não trabalhar com subjetividade e objetividade como elementos estanques e dicotômicos. Supõe, também, atentar para dimensões imaginárias e simbólicas presentes em cada narrativa, como

²⁷ Andarilho: Aquele que anda muito. Que transita por várias esferas. Aquele que caminha. Andarilho, transeunte, viajante. Nosso Andarilho transita há mais de 30 anos pelo Brasil. Alguém que vive de maneira nômade. “A condição de viver em movimento, a provisoriedade de cada momento do cotidiano, o afastamento de referenciais fixos e estáveis e o distanciamento dos marcos de sua história e origem expõem o andarilho a uma possibilidade de desestabilização total de seu Eu” (Justo, José Sterza. *Errância e Delírio em Andarilhos de Estrada*, 2005)

realidades históricas, procurando avançar na decodificação de significados profundos das relações sociais vividas por essas pessoas; supõe, ainda, atentar para modos como dimensões presentes, passadas e futuras se cruzam e se relacionam nos enredos narrados, refletindo sobre os trabalhos da fala, da memória e da consciência na construção desses enredos e na constituição dos sujeitos sociais. (KHOURY, 2001 p.83)

“Produzir entrelaçamentos enquanto fluxos, movimentos e forças” (SOPEÑA, 2013, p. 33). Entre pontos de condensação e linhas que fogem dos padrões estabelecidos a priori e que contam a história da cidade, sob o foco das massas. Entre o plano de organização de histórias e “um plano com elementos díspares que entram em relação transversal, composição que acontece entre os espaços lisos e estriados” (SOPEÑA, 2013, p. 33), para compor um corpo-cidade vivo.

Nesse sentido, a “escrita acontece enquanto dispositivo que funciona em uma sucessão de processos de desterritorialização e de reterritorialização, onde o pesquisador exercita continuamente o abandono do seu ponto de vista para mergulha” (Idem, p. 33) em outras possibilidades, desfazendo as formas, criando novos limites. “Um dispositivo que permite deslocamentos a partir de referenciais teóricos que se agenciam com a pesquisa, não se convertendo em um círculo fechado, mas constituindo um movimento espiralado que se atravessa e retorna sobre todas as etapas”. (Idem, p. 33)

As tramas que trago para o debate, funcionam como linhas que emergem da composição de Bagé. Linhas de vida e de morte. Possibilidade de contar a história de Bagé, através de diferentes personagens, com o olhar que possuem ao cenário da cidade, e que se configuram pela possibilidade de eles nos contarem a sua versão da história, narrando os fatos, acontecimentos e afetos que percorrem a sua trajetória vivencial. (DUTRA, 2002)

Uma cidade se enreda num emaranhado de histórias. Algumas delas, que andarilham a cidade. Tramas que formam um não-tecido. Como as histórias em Bagé, através de algumas dessas linhas que contam a cidade sob outros olhares, outras possibilidades minoritárias, que não da história oficial.

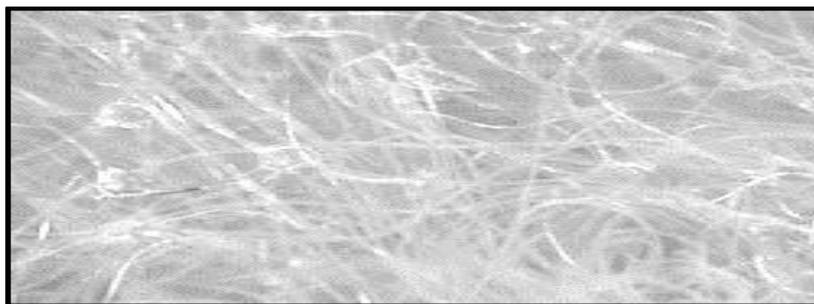


Figura 1: Tecido não-tecido.

(http://pt.wikipedia.org/wiki/N%C3%A3o_tecido#mediaviewer/File:Vliesstoff.jpeg)

[...] de modo geral, durante a realização de uma pesquisa algumas questões são colocadas de forma bem imediata, enquanto outras vão aparecendo no decorrer do trabalho de campo. A necessidade de dar conta dessas questões para poder encerrar as etapas da pesquisa frequentemente nos leva a um trabalho de reflexão em torno dos problemas enfrentados, erros cometidos, escolhas feitas e dificuldades descobertas. (DUTRA, 2002, p.01).

O processo narrativo nas investigações sociais vem sofrendo modificações ao longo dos anos. Atenta perceber que elas vêm se tornando um método bastante difundido como método de investigação. São narrativas como possibilidades de diversas histórias. “O uso de narrativas como forma de expressão, de narrar um fato ou contar uma história está presente em toda experiência humana”. (GOSS, 2010, p. 223-224)

Na busca por elementos que atentassem à possibilidade de compreender a composição dos corpos-coletivos que compõem a cidade de Bagé, em novas urbanidades, os caminhos nos apresentaram diferentes e aleatórios personagens, que intentam expor, a partir de seu ponto de vista, a cidade. Nossas perspectivas surgem ao longo do desenvolvimento do trabalho, na necessidade de buscar elementos que auxiliassem nessa construção.

Cada um dos fatos e histórias são importantes na composição da cidade. Como linhas que vem a tona, na tentativa de contar outras histórias da cidade e possibilidade de auxiliar na construção de algumas nuances: nessa composição enquanto possibilidade de desvelar nossos anseios em fazer apontamentos ao questionamento inicial: Quem Bagé pensa que é?

A história nos aponta que viemos “perdendo” nossas raízes. Mas se o processo de composição de uma nova modernidade se dá, a partir de uma crise, o processo que ocorre com Bagé, acaba se naturalizando. “Um tipo diferente de mudança estrutural está transformando as sociedades modernas” (HALL, 2011, p. 09) Bagé se desterritorializa para compor novos territórios. Cenário de “novas paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade, que, no passado, nos tinham fornecido sólidas localizações como indivíduos sociais” (Idem)

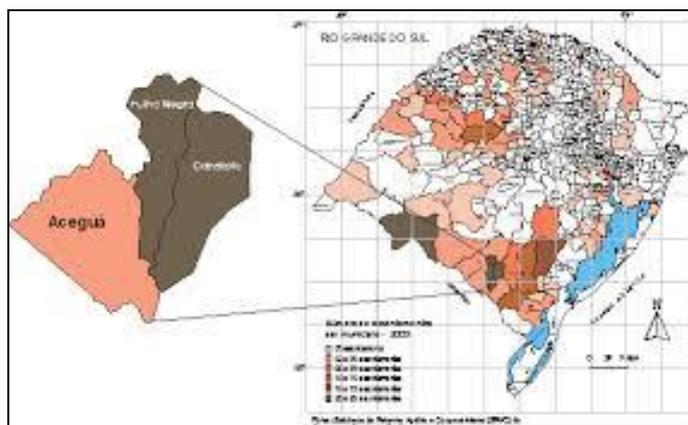


Figura 2- Região da Campanha (google Imagens)

Bagé até 1992, possuía ainda esses 3 distritos: de Aceguá e Colônia Nova, Hulha Negra e Candiota, que faziam parte de seu território e posteriormente originaram novos municípios. Após as emancipações, a cidade tem quase metade de seu espaço desterritorializado. Surge uma oportunidade de fazer uma história diferente, a partir do que se é.

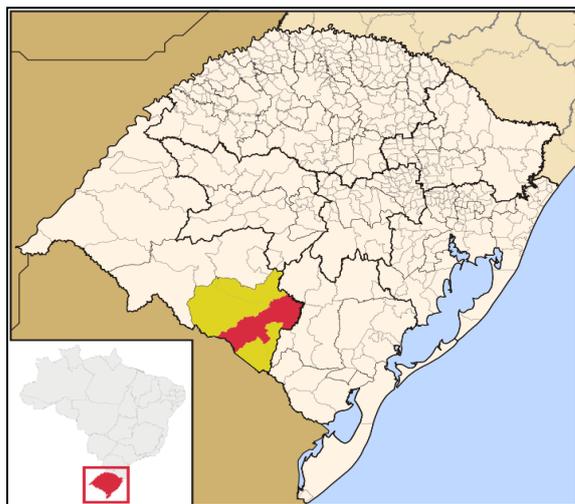


Figura 3- Bagé 2014
(Google imagens. Edição de Rafael R. Trommenschläger)

Espaços e alguns distritos que faziam parte do território de Bagé se desligam da cidade e se reterritorializam para compor novos cenários na Campanha. Até a década de 90, quase 50% do território passa a compor novos territórios, se desterritorializando a partir de anseios de cada lugar. Não uma perda, mas fios que se tramam e possibilitam criar novos espaços, dentro de um espaço consolidado.



Figura 4- Localização geográfica
(Alphorria, Revista, Ano 1 – nº. 2, 2000, p. 11)

Não foi “o progresso e o tempo novo mataram os rebanhos, os comparsas de esquila a martelo... O brete, o rodeio e as marcações porteira a fora. O rádio emudeceu as vitrolas e o caminhão matou o tropeiro. E o homem? E a mulher?” [...] (MATTOS, 2003, p. 3). O que ocorre é um processo de desfazer-se de si e recompor novas urbanidades. Isso foi importante naquele contexto. Hoje as necessidades apontam para novas composições. O pertencimento daqueles municípios, vinculados até então a Bagé, também precisaram se recompor. Cada qual produz com isso novos modos de ser. E a Rainha da fronteira, precisa recompor-se de novas maneiras.



Figura 5 - Rainha da Fronteira
(Alphorria, Revista, Ano 1 – nº 2, 2000)

Estranhamento em a cidade possuir mais de 120 mil habitantes e ser quase toda ela uma arquitetura horizontal, fato que hoje, na maioria das cidades ocorre a verticalização. De ser uma cidade com poucas indústrias, grandes propriedades rurais e que, positivamente na última década vem se transformando num grande centro universitário com a implantação de 3 universidades públicas: A Unipampa, Uergs e o IFSul Bagé, além de ter universidades particulares e pólos presencias de universidades a distância. É a cidade referência da região da Campanha, que compõem municípios: Bagé, Candiota, Hulha negra, Caçapava do sul, Dom Pedrito, Aceguá e Lavras do Sul. A rainha da fronteira não perde sua majestade. Transforma-se.

“Essas transformações, estão também mudando nossas identidades pessoais”, (HALL, 2011, p.09). É necessário deixar de ser o que se é, e experimentar a composição de novos/outros modos de ser. Talvez, inclusive, estejamos sendo praticamente forçados a assumir regimes de diferenciação, principalmente em função

da velocidade e da provisoriedade com que se compõem uma série acontecimentos que envolvem o dia a dia da sociedade contemporânea. “Esses processos de mudança, tomados em conjunto, representam um processo de transformação tão fundamental e abrangente que somos compelidos a perguntar se não é a própria modernidade que está sendo transformada” (Idem)

Estar firme “como cerne de guajuvira”, (MATTOS, 2003 p. 03) já não estamos mais. A desestabilização permeia o discurso. A identidade cultural não é biológica, “não há mais uma identidade fixa, essencial ou permanente” (HALL, 2011, p.13). Bagé é a multiplicidade “a medida que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante”. (Idem)

5. POSSIBILIDADES DE VIDA DE UM CORPO-CIDADE ANDARILHO

A discussão dessa temática na pesquisa se insere a partir de um encontro. Encontro com um andarilho popular, que conheci logo que cheguei nesse Pampa. Nos percursos para conhecer a cidade a pé, junto aos “pensamentos caminhantes” que Nietzsche conceitua, aconteceu. Chamou minha atenção, em um dos postes da cidade, um “manifesto” sobre o problema da seca. Em 2011/2012, a cidade passou pela pior seca dos últimos 20 anos. Na escrita do manifesto ali colado, uma assinatura: Andarilho Falcão e Sofia (cadela companheira do andarilho Falcão). Um texto escrito com propriedade de quem entendia muito bem o que esta querendo da cidade: solução para o problema que se estendia há muito.

Possibilidades que o “encantar-se” pela cidade ao longo dos tempos, nada mais que produza outros olhares de suas necessidades. Em meados de 2011 quando vim aqui morar, Bagé apresentava um cenário com uma das piores secas dos últimos tempos. Uma barragem que ainda não saiu do papel. Pede que seja “multado”.

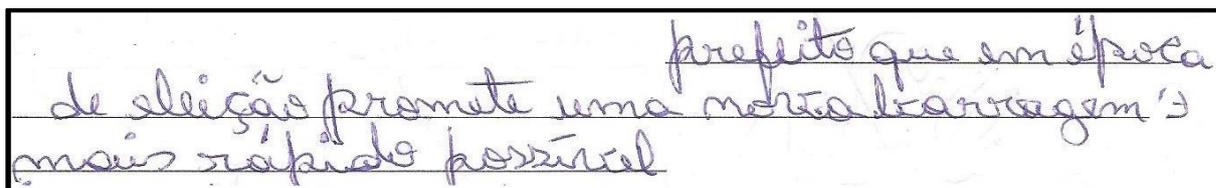


Figura 6 – Fragmentos do Manifesto 3
(Manifesto-3. Andarilho Falcão e Sofia, em anexo)

Assim com quem vê a cidade andarilhar, muitos deixam o seu olhar sobre essa questão. Uma delas sob o título: “PAMPA DE SECAS E ENCHENTES Finalmente foi autorizado o início das obras da Barragem da Arvorezinha em Bagé. Concluída, deve resolver o problema de abastecimento da cidade” (ADAUTO, 2014, p. 130). Desde 2012 está no papel. No papel. Penso que o andarilho tenha razão em “multar” o prefeito. Pois, inicia-se mais um ano e a máquina de estado, permanece com a indústria da seca em funcionamento.

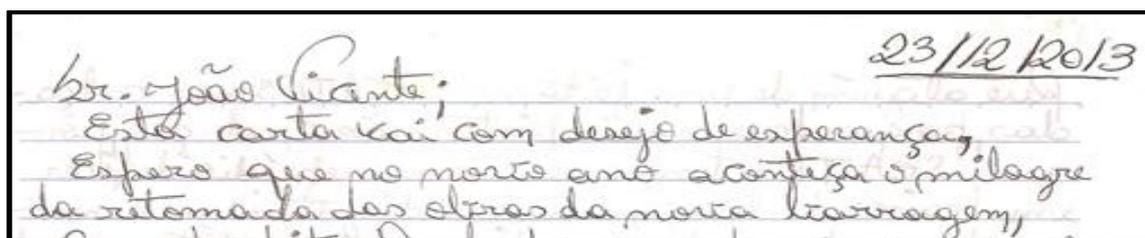


Figura 7 – Fragmentos manifesto 7
(Manifesto 7, andarilho Falcão e Sofia, em anexo)

Na escrita dele, um corpo-cidade adoecido. As histórias daqui, começam a me interessar. Passo a utilizar a rua que ele “mora” como ponto de passagem. Uma tentativa de iniciar conversas. Passo a acompanhar com frequência, os seus escritos. Num desses eis que surge esse fragmento:

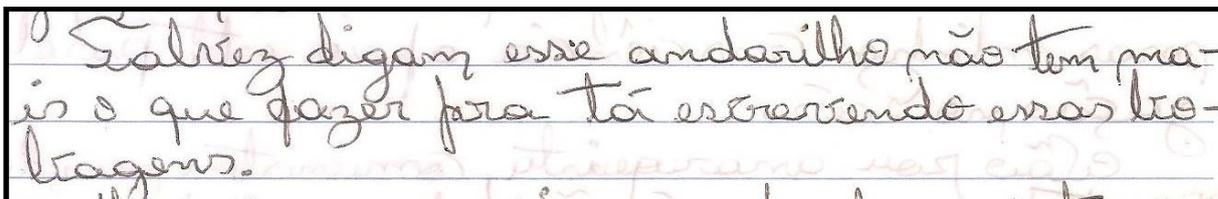


Figura – 8 Fragmentos manifesto 6
(Manifesto 6, andarilho Falcão e Sofia, em anexo)

Problemas que andarilham e que, ele visualiza nesse corpo-coletivo. Um olhar para além do que está instituído, um olhar de minoria. Percepção de que o andarilho, o nomade, são devir. O devir é para as minorias. Não temos dimensão exata do lugar que “pensamos viver, pois vivemos num mundo que ainda não aprendemos a olhar. Temos que reaprender a pensar os espaços” (AUGÉ, 2012, p. 37)

Olhar a cidade nômade que transita por diferentes pagos. Um processo de minorização nessa composição, que não está contada na história oficial. Mas que se permite. Um olhar que também aponta para uma crise.

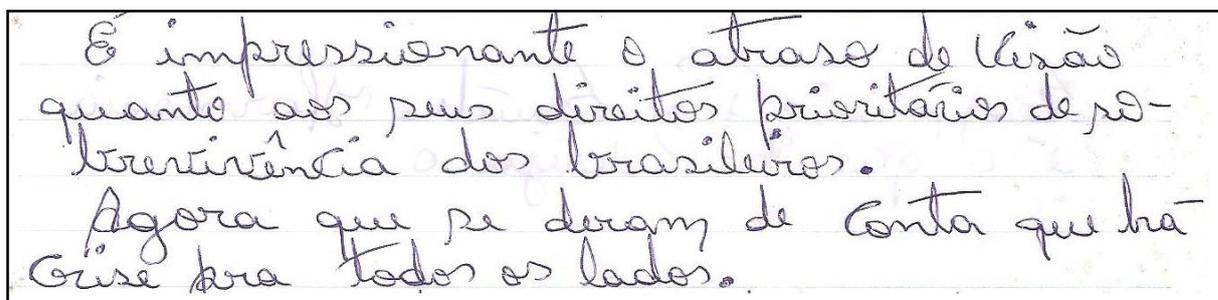


Figura – 9 Fragmentos manifesto 1
(Manifesto 1, andarilho Falcão e Sofia, em anexo)

Nuances de uma crise que emergem com a contemporaneidade para as novas urbanidades e que se aponta enquanto um devir caos. Não enquanto desordem sem caminho, mas enquanto a possibilidade de se permitir ser/fazer diferente. Mas que também apontam para o cuidado com problemas sociais que arrastam-se por anos. Problemas diretamente ligados à minorização.

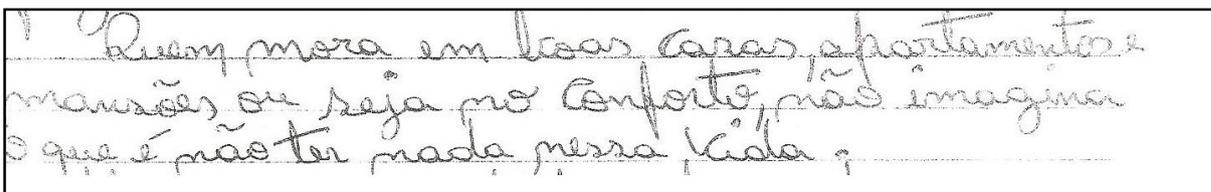


Figura 10 - Fragmentos manifesto 4
(Manifesto 4, Andarilho Falcão e Sofia, em anexo)

Um de nossos debates é que a cidade funciona como um corpo-coletivo. Corpo esse que educa, que pedagogicamente oferece possibilidades de compor novos caminhos. Trilhas de diferentes pontos de vista. Esse coletivo se institui nos corpos e os corpos nos coletivos. Uma relação de muitos atravessamentos. Fios de muitas tramas. Um corpo que se abre por subjetividades para se compor. Não deixa de estar “entrincheirado” na cidade. Num dos manifestos andarilhantes, o corpo se insere como corpo e alma. Mas que por contemporanizar-se, não deixa de ser um corpo vivo. Talvez sem essa dualidade. Numa única composição.

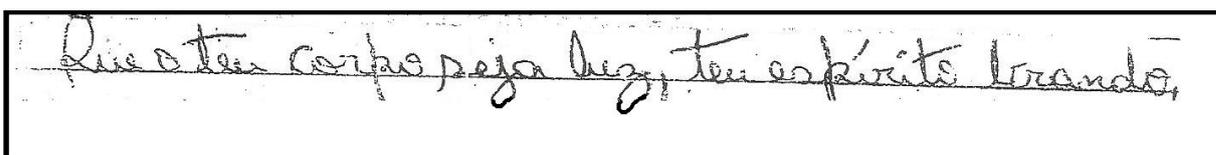


Figura 11 - Fragmentos manifesto 8
(Manifesto 8, Andarilho Falcão e Sofia, em anexo)

O corpo-cidade não funciona pela construção de um corpo dicotômico, que deseja ser pela imagem produzida pelo simulacro de um “ideal” de ser, mas que se aproveita de elementos preexistentes na cultura e na sociedade, utilizando-se do senso comum. Em ato, o corpo-cidade compõem-se aos pedaços, por fragmentos de peças de diferentes naturezas, de diferentes espécies de conhecimentos. Não é um “tecido uniforme”, homogêneo e coerente de ideias. Não age sem resistências por parte daqueles aos quais é dirigida. (SILVA, 2007)

A principal avenida da cidade, a Sete de setembro com a Tupy Silveira, funcionam enquanto composição viva. Ponto de encontro, desencontros, de transeuntes e de carros.

O centro da cidade é um lugar ativo, realmente; na concepção tradicional das cidades de províncias e dos vilarejos[...] é no centro da cidade que estão agrupados um certo número de bares, hotéis e

lojas, não longe da praça onde fica a feira, quando a praça da igreja e a do mercado não se confundem. Em intervalos semanais regulares (o domingo e o dia de feira), o centro se “anima e é uma reclamação frequentemente dirigida às cidades novas, originárias de projetos de urbanismo [...], não oferecerem um equivalente aos lugares de vida, produzidos por uma história antiga e mais lenta, onde itinerários singulares se cruzam e se misturam, onde se trocam palavras e se esquecem as solidões por um instante[...] o ritmo meio preguiçoso e a atmosfera propícia à conversa da manhã de domingo são sempre uma realidade contemporânea... (AUGÉ, 2012, p.63-64)



Figura 12 – Avenida Sete de Setembro em Bagé
(Alphorria, Revista, Ano 5 – nº 6, 2003)

Não apenas nas manhãs de domingo. Mas nas tardes e no anoitecer. Do bom mate na frente de casa, que agrega pessoas, que compartilham do chimarrão e da conversa. Uma cidade em que ainda se pode fazer isso. Ao mesmo passo que entrincheira, permite que se “saia de casa”. Compor um corpo-cidade vivo que possui em suas ruas, as artérias.

Não é nos grandes bosques nem nas veredas que a filosofia se elabora, mas nas cidades e nas ruas, inclusive no que há de mais factício nelas. O intempestivo se estabelece com relação ao mais longínquo passado, na reversão do platonismo, com relação ao presente, no simulacro concebido como ponto desta modernidade

crítica, com relação ao futuro no fantasma do eterno retorno como crença do futuro. (DELEUZE, 2000, p.13)

Bagé ainda é assim. Ela desestabiliza em novas práticas sociais e “toda prática social tem condições culturais ou discursivas de existência. As práticas sociais, na medida em que dependam do significado para funcionarem e produzirem efeitos, se situam “dentro do discurso”, são “discursivas””. (HALL, 1995, p.13)

Pensar a cidade como um território estanque é não reconhecer a complexidade da mesma. Erigida sob bases concretas, em sua concepção arquitetônica, abriga além de prédios, ruas, praças, etc., pessoas que formam uma teia heterogênea. Em meio ou através das “fronteiras” devem ser considerados os seus aspectos, sociológicos, ideológicos, antropológicos entre outros. (SANTOS E QUEIROZ, 2012, p.267)

Essa composição também é parte do que a cidade vem compondo historicamente. Um olhar de cada autor em busca de poder contar a historicidade de Bagé conforme a sua maneira de perceber. “[...] as histórias que vivemos em um lugar é sempre coletiva. Posso contar, partindo de várias histórias. As que eu mesma vivi se entrelaçam com outras” (AMARAL, 2013, p.55).

As questões que envolvem as histórias aqui contadas enquanto vida da cidade apontam o “interesse pelas estruturas processuais no curso da vida” (SCHUTZE, 2010, p.210). Proceder sobre os contos e a constituição da cidade enquanto um corpo coletivo e de múltiplos atravessamentos.

Questões que preocupam quem enxerga a cidade por lentes andarilhantes. Que sinaliza que o cuidado com a escola e o conhecimento, se expressa em vários manifestos e é uma constante nas falas.

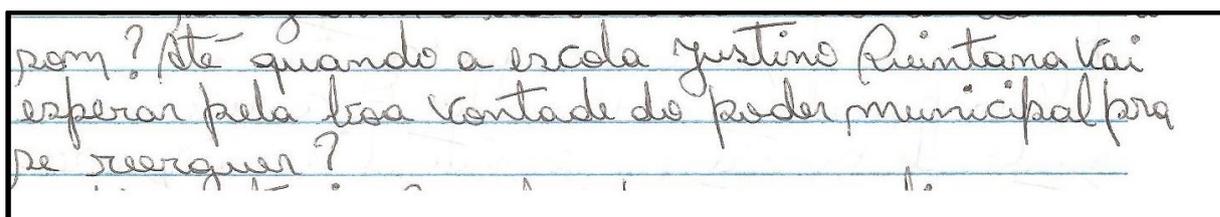


Figura 13 - Fragmentos manifesto 5

(Manifesto 5. Andarilho Falcão e Sofia, em anexo)

Uma esfera de debates que se contrapõem a uma máquina de guerra instalada nesse aparelho educativo de estado. Visualizações de que é necessário se reerguer.

Retomo ao foco de anúncio desta pesquisa: quem Bagé pensa que é? Enquanto uma tentativa de perceber a possibilidade de desvelar se a cidade é ou pensa que é ou ainda “engana-se sobre si mesmo; ela detém uma falsa consciência sobre sua situação de vida de fato?” (SCHUTZE, 2010, p.211). Surge enquanto tentativa de entender a experiência histórica de vida da cidade e de constituição de corpos individuais e coletivos que a compõem. Instigante o alerta para explorar outras formas de pensamento que envolvem o intelecto e a composição de lugares específicos, aqui possibilitados por entender a composição de vida da cidade. “Chamamos esses lugares de fronteiras, e ilustramos “a vida nas fronteiras” através de uma experiência da própria vida”. (CLANDINNIN e CONNELLY, 2011, p.53)

O andarilho da cidade, que resiste em ser nomeado mendigo, funciona como uma máquina de guerra, exterior ao aparelho de estado. Dentre as muitas vidas, existem vidas que se potencializam e buscam esse enfrentamento. Vidas que não veneram seu ex-presidente Médici, ou para mim, um ex-ditador, pois permite a captura de que as ditaduras se seguem contemporaneamente e ajudam a manter a cidade entrincheirada.

[...] o espaço sedentário é estriado, por muros, cercados e caminhos entre os cercados, enquanto o espaço nômade é liso, marcado apenas por "traços" que se apagam e se deslocam com o trajeto. Mesmo as lamínulas do deserto deslizam umas sobre as outras produzindo um som inimitável. O nômade se distribui num espaço liso, ele ocupa, habita, mantém esse espaço, e aí reside seu princípio territorial. Por isso é falso definir o nômade pelo movimento. (DELEUZE, 1997, p. 42)

A existência de uma cidade que se reinventa e que pode se reinventar de maneira nômade efetua necessariamente as condições da máquina de guerra no espaço que compõe a cidade.

O nômade tem um território, segue trajetos costumeiros, vai de um ponto a outro, não ignora os pontos (ponto de água, de habitação, de assembléia, etc.) Mas a questão é diferenciar o que é princípio do que é somente consequência na vida nômade. Em primeiro lugar, ainda que os pontos determinem trajetos, estão estritamente subordinados aos trajetos que eles determinam, ao contrário do que sucede no caso do sedentário. [...] goza de uma autonomia bem como de uma direção próprias. A vida do nômade é *intermezzo*. Até os elementos de seu hábitat estão concebidos em função do trajeto que não pára de

mobilizá-los. O nômade não é de modo algum o migrante, pois o migrante vai principalmente de um ponto a outro, ainda que este outro ponto seja incerto, imprevisto ou mal localizado. Mas o nômade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato; em princípio, os pontos são para ele alternâncias num trajeto.

Em segundo lugar, por mais que o trajeto nômade siga pistas ou caminhos costumeiros, não tem a função do caminho sedentário, que consiste em *distribuir aos homens um espaço fechado*, atribuindo a cada um sua parte, e regulando a comunicação entre as partes. O trajeto nômade faz o contrário, *distribui os homens (ou os animais) num espaço aberto*, indefinido, não comunicante. [...] uma distribuição muito especial, sem partilha, num espaço sem fronteiras, não cercado. (DELEUZE, 1997, p.42, 43)

É uma opção por uma vida diferente do que tradicionalmente se institui como premissa correta. A vida de um corpo-cidade que se abre para a “constituição nômade não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha. Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz depois” (DELEUZE, 1997, p. 43) [...] a desterritorialização funciona como processo. É a desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização.

E esse ponto é importante por ter uma profunda relação com minha questão sobre “como Bagé vem se compondo ou como ela pensa que é”? Nas composições de Bagé, em que medida os códigos morais aparecem, de que formas? Nas disputas pela constituição do corpo-cidade, em que medida as normas e regras pré-estabelecidas tem imperado? E a constituição de si mesmo, o cuidado de si, em que medida e de que formas aparecem nessa discussão?

Meu percurso de se “pôr a espreita” inda por outras histórias, para além das oficiais, é um movimento para o cuidado, a ética. O olhar andarilho, parece tomado por uma condução de vida para além do conjunto prescritivo, embora, claro, cada vida implemente e construa tantos outros conjuntos prescritivos. Um corpo-cidade para ser mais plural, múltiplo, precisa de mais cuidados de si, de processos que criem outros modos de condução, para além dos formalmente instituídos.

Os diversos caminhos traçados para tentar articular as ideias para a composição desse trabalho surgem todos na caminhada. Nietzsche já alertava que as ideias vinham com os passos, “O filósofo entende que os pensamentos que vêm com pés alígeros governam o mundo. O caminhar ocupou um lugar importante na vida de

Nietzsche.” (COSTA, GOMES DA SILVA e MENESES, 2011, p 120). E ocupa em meus percursos. Somos todos caminhantes. Andarilhos de nós mesmos.

Como estrangeira nessa terra distante, interessou-me buscar esse desvelamento na tentativa de melhor entender como a cidade vem se compondo. O trabalho inicial se baseava na composição dos espaços públicos enquanto corpos-coletivos. Ao caminho, outros autores nos auxiliaram a perceber que uma cidade se compõe também com os corpos-individuais, com um corpo-cidade, com uma história. Assim, o trabalho foi se modificando com a caminhada e vislumbrada a possibilidade de narrar essas composições através de olhares distintos.

Esses olhares dizem que Bagé precisa se reinventar enquanto devir. Ressignificar-se a cada desterritorialização e a cada reterritorialização. O processo de também compor esse corpo-cidade, me produz novos olhares. No manifesto 10, um conceito se cria a partir de um Devir. Um termo pouco comum no dia a dia. “*Razoabilidade*”²⁸. Termo utilizado no Direito, que volta-se para a proporcionalidade. Palavras fortes, que orientam ao bom senso em todas as camadas sociais, em face à minimização dos excessos. Considera-se a razoabilidade como “um conceito jurídico indeterminado, elástico e variável no tempo e no espaço. Consiste em agir com bom senso, prudência, moderação, tomar atitudes adequadas e coerentes, levando-se em conta a relação de proporcionalidade” (RESENDE, 2009, p. 01).

O princípio da razoabilidade é uma diretriz de senso comum, ou mais exatamente, de bom-senso, aplicada ao Direito. Esse bom-senso jurídico se faz necessário à medida que as exigências formais que decorrem do princípio da legalidade tendem a reforçar mais o texto das normas, a palavra da lei, que o seu espírito. Enuncia-se com este princípio que a Administração, ao atuar no exercício de discricção, terá de obedecer a critérios aceitáveis do ponto de vista racional, em sintonia com o senso normal de pessoas equilibradas e respeitadas das finalidades que presidiram a outorga da competência exercida. Vide princípio da proibição do excesso. Vide princípio da proporcionalidade. Vide princípio da razão suficiente. (<http://www.jusbrasil.com.br/topicos/292526/principio-da-razoabilidade>)

²⁸ Razoabilidade: Utilizaremos os termos assim como constam nos manifestos originais em anexo.

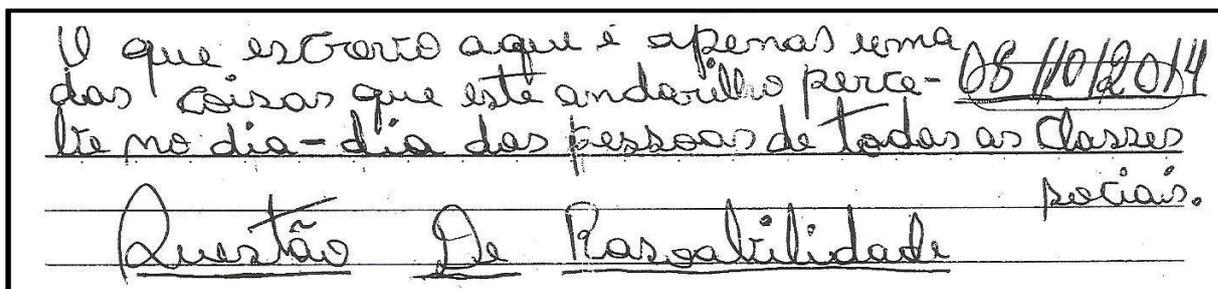


Figura 14 - Fragmentos manifesto 10
(Manifesto 10- andarilho Falcão e Sofia)

Uma possibilidade de que alguns pontos, algumas histórias, se orientem por outros caminhos. Que enxerguem outras possibilidades e que o corpo-cidade Bagé, se reinvente razoavelmente. Que possamos pensar em razoabilidade andarilhante.

Espanta-me o fato de ter nela relação tão grande com o serviço dos militares e que na tentativa de entender o que configurou esse cenário, deparei-me com uma cidade bastante estratégica para o Brasil, enquanto território que serviu de palco para grandes batalhas. Que ainda vive em 1923 em diversos momentos. Que o entrenchamento “paira no ar”. Mas que existem outras vidas, outros encontros possíveis. Existe uma máquina de guerra militar que se instalou aqui. Ela trabalha para um estado, para um modo de vir a ser específico. Trago isso como provocação para que pensamentos venham à tona sobre a questão.

Sempre que possível, continuo a me deslocar pela cidade caminhando, correndo ou pedalando, por ruas diferentes. Ruas essas que trazem no seu chão, em cada paralelepípedo, regular ou irregular, a história do negro no RS. Algumas ruas com ladrilhos coloridos, casas de pessoas mais “importantes” à época, com pedras especiais na frente, casa de gente simples, com pedraria irregular, mas que servem pra um bom mate num fim de tarde. Cidade de ruas largas construídas em uma época que circulavam apenas carros de boi. Ruas que expressam o silêncio que se traduz com o som do vento que sempre corre. Ruas que ensinam.

É conhecida como rainha da fronteira. Ao menos é essa a anunciação que ao longo do caminho da RS-153 nos apresenta. A majestade, antes econômica no cenário nacional, agora abre espaço para que novos territórios possam se compor nessa multiplicidade fronteiriça. A partir de Bagé, surgem ao longo dos tempos, várias cidades emancipadas dela; a Rainha da fronteira abre oportunidade de que novas histórias surjam.

Aqui, “ir pra fora” não é sair de dentro, não significa sair daqui, mas ir pra Campanha, pra fazenda, pros campos afora. De um bom mate que venho aprendendo a preparar e tomar. Possibilidade de me desfazer e refazer, num devir Campanha. Em cada encontro e a cada novo intercessor, possibilidades de acoplar novas histórias me surgem.

Bagé de um vento que é único. É o vento que vai até o dia das almas em novembro, como contam por aqui! Da fé de um povo que é católico, espírita, ateu, evangélico e muitas outras pessoas de religiões diversas, no dia 24/05, se unem num ato de fé com a cidade, na procissão de Nossa Senhora Auxiliadora. Surpresa com tamanha beleza. Um trajeto percorrido no qual vi quase todas as casas com velinhas na janela e me inquietou saber o que se passava, sendo no ano seguinte, me encorajei a cultivar a tradição local e colocar a vela na janela de casa também, sabendo que era algo muito além da tradição dos católicos da cidade. (MOURA, 2012)

elas dá ouvidos a leis, mandamentos, doutrinas e crenças feitas por homens imperfeitos eis que em tudo isso está a hipocrisia, ganância e destruições. Mas procura a sabedoria divina que está na sua palavra, ali há soluções para todos os problemas. Que o teu corpo seja luz para que andes no caminho da verdade e o maligno não te atinja e tu não troques.

Figura 15 - Fragmentos manifesto 2

(Manifesto 2- Andarilho falcão e Sofia)

Pensar de maneira andarilha que é também ressignificar crenças e procurar com sabedoria, na fé o que funciona como intercessor em cada individualidade.

Expressões da fala, descobertas apenas aqui nesse contexto, sempre remetendo à relação existente entre os animais e pessoas. Em descobrir que havia dentro de mim, uma relação muito forte com o campo e com a cultura gaúcha. Ouso dizer que o RS já não mais sai de mim. A cada nova história que me é relatada, transmitida, o encantamento, reencantamento, me convence de uma Bagé que não foi esquecida contemporaneamente. Uma abertura para além do visível. Colocar-se a espreita no sensível.

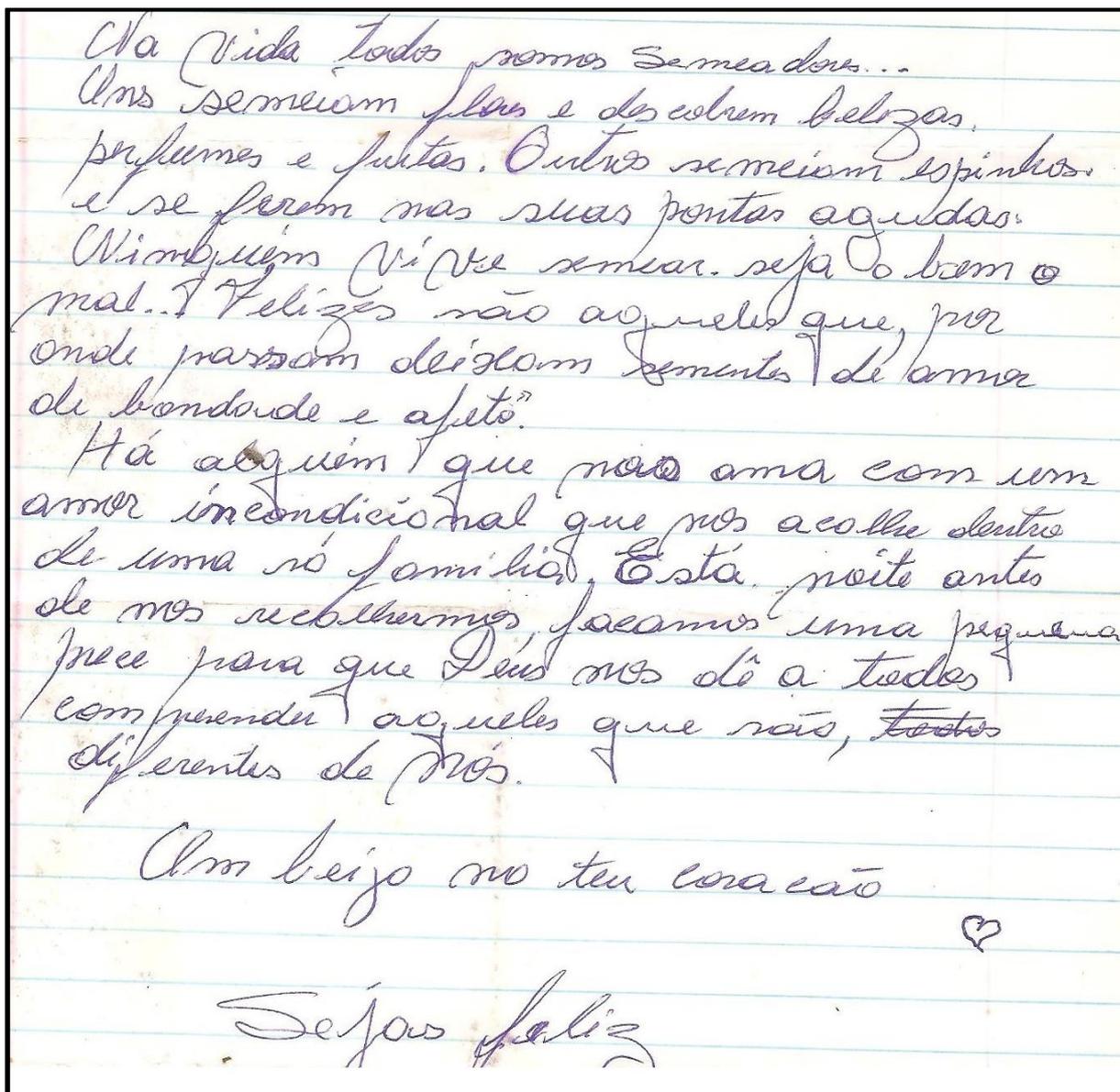


Figura 16 - Fragmentos manifesto 9
 (Manifesto 9, Andarilho Falcão e Sofia, em anexo)

É perceber que venho me desfazendo de mim com a cidade. Venho deixando de ser o que era e me reterritorializando. Um processo que constantemente me leva para dentro de mim e que vem também me compondo em Bagé.

Costumo utilizar um termo que desde que cheguei em Bagé até hoje, sempre saio mais gaúcha do que chego. Carrego comigo, numa mala de garupa talvez, as histórias que me encantam dessa terra, desse povo, da cidade, da campanha... de ir pra fora sem sair, um constante recomeço. Algo espiralado ir e vir. Devir constante.

O objetivo desse trabalho se desvela na tentativa de compor alguns cenários narrativos que compõem a cidade de Bagé na contemporaneidade. Não fazer crítica

ao passado que carrega consigo as tradições e nem ao presente, fruto dessas relações estabelecidas nesse espaço-tempo na Campanha. (MOURA, 2012)

A transformação provocada pelo deslocamento do olhar faz a gente rever a própria vida, a ponto de concluir que toda alma é uma paisagem. É necessário sempre partir, ir e voltar, permanentemente. O caminhar por estas ruas de pedras portuguesas, povoadas de histórias, os pensamentos voam longe até ceder lugar aos devaneios. As luzes amarelas pintam a noite e as horas da cidade com um tom melancólico e belo, convidando os habitantes para momentos constantes de introspecção. [...] Cidade de fronteira, duzentos anos de história por onde correm ventos ancestrais, cuja terra firme e seca sustenta o fardo dos antepassados. A lâmpada que espreita a rua é um refúgio para os pensamentos dos caminhantes solitários. (MOURA, 2012, p.36)

Pensar essas ações, enquanto devir, articulado com minha área de formação, a educação física, venho tentando estabelecer pontos que conectem outros canais de comunicação com a educação e num momento de incertezas tento me legitimar, pois “há algo a mais que forma um professor”. (MOURA, 2012, p. 53). Há algo mais que forma uma cidade.

6. CONSIDERAÇÕES E ENCAMINHAMENTOS

Os caminhos para a composição dessa pesquisa tomaram rumos diferentes, mas não menos importantes, do que inicialmente vimos propondo. A tentativa de articular alguns conceitos, que pudessem nos auxiliar nessa composição se deu a partir dos nossos caminhanes pensamentos, como proposta aos “pensamentos caminhanes” de Nietzsche. O cenário, que nos escolheu, oferece a oportunidade de se por à espreita na tentativa de desvelar alguns pontos que possibilitem entender outras histórias que também contam Bagé e que, por estar se configurar como devir, o andarilho não é percebido.

O trabalho tenta funcionar enquanto uma máquina de guerra. Não é nossa intenção violentar história alguma, mas através de pontos de captura fazer outros debates, “impedindo qualquer combate” (DELEUZE, 1997, p. 08). Apresentar outras histórias, funciona enquanto o jogo do xadrez e o do Go²⁹ (DELEUZE, 1997). O xadrez é o que está instituído, é a história que já foi dita, escrita e aceita como verdade. O Go, subverte, provoca, instiga a pensar é, a história que andarilha.

Funcionam enquanto alguns elementos de um agenciamento maquínico. Assim como nas partidas de xadrez ou de Go, as relações se manifestam de maneira bem diferentes. O GO é o devir. São possibilidades que cada história, fato ou acontecimento tem para se reterritorializar. Já o “xadrez é efetivamente uma guerra, porém uma guerra institucionalizada, regrada, codificada, com um fronte, uma retaguarda, batalhas” (DELEUZE, 2012, p. 09). Go enquanto devir e Xadrez enquanto simulacro.

Considero que nenhuma história é contada em absoluto, ocupando um espaço de totalidade, de verdades. As histórias aqui apontadas atentam à possibilidade de surgir em qualquer ponto, a partir de diferentes linhas que surgem desse tecido não-tecido que compõe o corpo-cidade Bagé. O movimento já não vai de um ponto a outro, mas torna-se perpétuo, sem alvo nem destino, sem partida nem chegada. Histórias

²⁹ No jogo do Go, diferente do xadrez, cada uma das 180 peças no tabuleiro têm o mesmo peso. Nenhuma vale mais que a outra. O xadrez funciona para um estado, o Go, é exterior ao aparelho de estado. Subverte a lógica do jogo. O Go se organiza por estratégias de cercamento de peças. Há apenas duas regras iniciais de movimento, sendo as demais regras compostas no percurso do jogo.

contatadas por um andarilho que vê a cidade pela margem, por outros pontos e que escreve seus manifestos que me faz pensar em outras possibilidades.

Considero que as verdades que estão institucionalizadas codificam e descodificam uma mesma história. O corpo-cidade da Campanha funciona pelos procedimentos do Go, de maneira que “procede de modo inteiramente diferente, territorializa-o e desterritorializa” (DELEUZE, 1997, p. 10). Uma possibilidade de considerar os intercessores que ficam fora do território de certezas da cidade, possa se consolidar “mediante a construção de um segundo território adjacente, desterritorializar o inimigo através da ruptura interna de seu território, desterritorializar-se a si mesmo renunciando, indo a outra parte [...] Uma outra justiça, um outro movimento, um outro espaço-tempo” (DELEUZE, 1997, p11).

Nossos diálogos que tentam narrar a cidade a partir de diferentes pontos de vista, surgem durante a caminhada. Deleuze nos permite pensar em articular esses diferentes pontos de vista, não para um juízo final, mas como possibilidade de traçar rumos na contemporaneidade que caracterizem como a cidade vem se tornando.

Na expectativa de tentar entender os rumos que uma sociedade permite, se constituir, advém considerar que os corpos – individuais e coletivos – são figuras que legitimam esse processo. Nesses agrupamentos, a relação que se instaura influencia os contemporâneos modos de ser na cidade. É uma cidade que educa. Um espaço que intercede na composição de individuais e coletivos.

As conexões que possibilitam adentrar na composição de um corpo-cidade trouxeram consigo o olhar de várias subjetividades, que vêm se produzindo com/no corpo, em marcas e sentidos, e que emergem na sociedade e na composição da cidade. São caminhos traçados enquanto disposição em entender como se dá essa relação de múltiplos atravessamentos.

Pontos de entrada no contexto histórico, moderno e contemporâneo, e personagens que intentam contar, sob a égide de diferentes pontos de vista, como emerge a composição da cidade com outras histórias. Dúvidas que permeiam nosso pensamento caminhante. Com intercessores que contribuem para essa escrita, junto aos seus olhares andarilhantes, que são atravessados por conceitos. Ao meio dia e a meia noite, na relação que a construção teórica e metodológica que esse trabalho

propõe, deseja-se que a diferença retorne na composição de outras histórias e de outra cidade de Bagé.

O olhar que essa pesquisa detém, talvez se configure como meu olhar de estrangeira. A curiosidade me aguça enquanto possibilidade de desnudar a composição dos corpos-individuais e corpos-coletivos e, como se dá a composição do corpo-cidade de Bagé na contemporaneidade. Um jogo de forças entre o Go e o xadrez permeiam essa busca.

Talvez, um dos indícios aponte ao que Augé (2012) refere-se em não-lugares: ruas, bairros, círculos militares, talvez nunca antes questionados, enquanto ótica de um militarismo sempre presente desde o primeiro acampamento, e que vêm se reproduzindo nas subjetividades, enquanto possibilidade de tornar-se militar, numa ótica instaurada na região. Um entrincheiramento que, assim como o xadrez, está institucionalizado.

Entender que atravessam a cidade, outras histórias, não apenas enaltecendo a versão europeia dos fatos provém a possibilidade de uma cidade que venha funcionar por um devir, enquanto possibilidade de desterritorializar-se e reterritorializar-se. A voz que é dada a outras vozes, constitui-se enquanto parte desse corpo-cidade de uma Campanha entrincheirada. Talvez, possa-se encontrar uma máquina de guerra que funcione para a cidade funcione como "um corpo sem órgãos. Esse corpo sem órgãos era atravessado por matérias instáveis não-formadas, fluxos em todos os sentidos, intensidades livres ou singularidades nômades, partículas loucas ou transitórias" (DELEUZE, 1995, p.51).

Nossos intercessores contribuem para outras possibilidades, pois, "ao mesmo tempo, produzia-se na terra um fenômeno muito importante, inevitável, benéfico sob certos aspectos, lamentável sob muitos outros: a estratificação" (DELEUZE, 1995, p. 52). Estratos de histórias que se juntam em camadas e que consistem em formar "matérias, aprisionar intensidades ou fixar singularidades em sistemas de ressonância e redundância, constituir moléculas maiores ou menores no corpo da terra e incluir essas moléculas em conjuntos molares" (idem). Histórias que se colocam a caminho para funcionar como devir.

Assim como o xadrez de regras definidas, há intencionalidade de se colocar em xeque essas verdades da história, que se produziram sob a égide de um ponto de vista só. Colocar-se em xeque, enquanto linha de morte. Não para por fim a vida e acabar com as verdades fixadas, mas para oferecer uma nova possibilidade de estranhamento e de entranhamento. Uma nova atualização.

Possibilidades que se colocam à espreita, pelas quais nem pesquisa e nem pesquisador são mais os mesmos. Encontram-se novos intercessores: ruas, o andarilho, a cultura, as histórias enxadreiradas, os pensamentos caminhantes, o que está inscrito e o que é velado e que paira sob a cidade. Tudo funciona como possibilidade de instauração de um intercessor. Isso oferece pontos de conexão com outras histórias e com outros acontecimentos. Isso opera “por codificação e territorialização” em Bagé, em códigos e territorialidades. Os estratos eram juízos de Deus, a estratificação geral era todo o sistema do juízo de Deus, mas a terra, ou o corpo sem órgãos, não parava de se esquivar ao juízo, de fugir e se desestratificar, se descodificar, se desterritorializar” (DELEUZE, 1995, p. 52).

Um corpo-coletivo que se transvalora em meio à pesquisa. A partir da filosofia modifiquei o caminho inicialmente traçado em compor espaços individuais e coletivos. Essa nova composição se dá, no acoplamento com diferentes pontos de vista e que se dobram nessa relação binária, para um recompor em um novo estrato. E a cada novo agenciamento, a cada novo acoplamento, permitiu repensar a composição da cidade de maneira não mais como o Xadrez, com aquilo que estava dito, mas pensar com Go. De maneira espiralada e inusitada.

A pesquisa e os percursos que se orientam no trabalho, funcionam como um plano de criação. Agora, sinto que pesquisa, pesquisador, intercessores, cada um, retorna ao seu plano para permitir que novos acontecimentos, novos agenciamentos, uma máquina de guerra nova a cada instante, se acople com outras histórias e outros acontecimentos e produzam novas narrativas, novas enunciações coletivas. Vozes que compõe a pesquisa, mas que não intentam formar novas verdades. Mas que assim como cada novo acoplamento, possa produzir outras verdades, outros planos de criação, outras linhas de vida e de morte.

A provocação com Deleuze, a partir da Geologia da Moral: “Quem a Terra

pensa que é?”,coloca-se em desvelar pontos que possibilitem novos olhares em “Quem Bagé pensa que é?”. Não espero uma reação, pois são micropolíticas que traçam novos pontos de fuga. Uma máquina de guerra que não se coloca a favor de um aparelho de Estado, e, sim, exterioriza-se por novos modos de ser na Campanha. Aproprio-me de um novo percurso que se preenche com a pesquisa e a pesquisadora e que permite desterritorializar, corporificar um novo conceito com a cidade, um novo devir. Necessita-se que novos pensamentos caminhem e acoplem-se em novas/outras histórias a cada meio-dia, a cada meia-noite e, que se produzam singulares ritornelos. Que pode nos tornar andarilhos. Andarilhos até de nós mesmos.

REFERÊNCIAS

ADAUTO, Fernando. **Tropeando 2**. Porto Alegre. Ed: Proletra, 2014.

ALPHORRIA. É preciso ser muito macho para ser gay em Bagé. Revista Experimental do curso de Comunicação Social. Ano 1- nº 2, 2000.

_____. Papai cadê a mamãe? Revista Experimental do curso de Comunicação Social. Ano 5 – nº6, 2003

_____. Diferentes faces do poder. Revista Experimental do curso de Comunicação Social. Ano 6- nº 8, 2005.

AMARAL, Janine Bosch do. **Histórias lidas, vividas e inventadas**: a formação da professora-poeta Therezinha Lucas Tusi. Tese de doutorado, UFSM, 2013.

AUGÉ, Marc. **Não lugares**: introdução a uma antropologia da supermodernidade [trad. Maria Lúcia Pereira] 9ª Ed. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

BAUMAN, Z. **O mal estar da pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

_____. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

BRASIL, Carlos Roberto Martins. **Sesmarias em são Sebastião de Bagé**: primórdios do povoamento. Porto Alegre: renascença, 2009.

CARVALHO, Carlos Rogério dos Santos. **Produção de Material Didático em EaD**: Uma possibilidade de diferenciação. 2013, 86p. Qualificação Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas, Pelotas – RS.

CARRETEIRO, Teresa Cristina. **Corpo e contemporaneidade. Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 62-76, jun. 2005

CASSIMIRO, Érica Silva; GALDINO, Francisco Flávio Sales; DE SÁ, Geraldo Mateus: As concepções construídas ao longo da história ocidental: da Grécia antiga à contemporaneidade. inL **Revista Eletrônica da Universidade Federal do Pará**- Print by <http://www.ufsj.edu.br/revistalable> Μετάνοια, São João del-Rei/MG, n.14, 2012

CARROL, Lewis. **Alice, edição comentada**. Rio de Janeiro. Zahar. 2002. p.63

CLANDININ, D. Jean. CONNELLY, F. Michel. **Pesquisa narrativa**: experiências e historia na pesquisa qualitativa – Uberlândia: EDUFU, 2011.

COSTA, Sandra Barbosa da. GOMES-DA-SILVA, Pierre Normando. MENESES, Maria Aparecida Ramos de. **O caminhar de Nietzsche e a educação do corpo nas**

montanhas. In: *Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá, LAPESAM, Ano 4, Vol VII, nº 2, jul-dez, 2011.*

COSTA, Jurandir Freire. **O vestígio e a aura:** corpo e consumismo na moral do espetáculo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

COSTA, Rogério da. **Sociedade de controle.** São Paulo em perspectiva,18(1): 161-167, 2004.

COUTO, Edvaldo Souza. **Corpos voláteis, corpos perfeitos:** estudos sobre estéticas, pedagogias e políticas do pós-humano. Salvador: UDUFBA, 2012.

DE ARAUJO, Róger Albernaz. **MÁQUINA-MÉTODO: imanência de uma metodologia do devir.** In: BARREIRO, Cristhianny; CASTRO, Beatriz Helena. **Narrativas de pesquisa em educação:** teoria e prática. Porto Alegre: Observatório da UFRGS, 2014. (PRELO)

DELEUZE, Gilles. A literatura e a vida. In: DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica.** São Paulo: Ed. 34, 2000; p. 11-16.

DELEUZE, Gilles. **Diferença e repetição.** Trad. De Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia.** vol. 1, Trad. de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

_____. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia 2,** vol.3. Rio de Janeiro: Editora 34, 2012.

_____. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia,** vol. 5. São Paulo: Ed. 34, 1997.

_____. **O que é filosofia.** Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DUTRA, Elza. **A narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica.** In: Estudos de Psicologia, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a18v07n2.pdf> acesso 20/01/2014.

EUZÉBIO, Carlos Augusto. ORTIGARA, Vidalcir. **Na teoria a prática é outra?** Análise do conhecimento esporte nos cursos de formação inicial de professores de educação física no sul catarinense. In: Rev. Bras. Ciênc. Esporte, Florianópolis, v. 33, n. 3, p. 653-669, jul./set. 2011

FAGUNDES, Elizabeth Macedo. **Bagé:** no caminho da História do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro-Editor, 1995.

FAGUNDES, Elizabeth Macedo. **Inventário Cultural de Bagé:** um passeio pela história-Porto Alegre: Praça Matriz/Vanguarda, 2012.

FILHO, Kleber Prado; TRISOTTO, Sabrina. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. **Revista Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 13, n. 1, p. 115-121, jan./mar. 2008

FORBES, Jorge; REALE JUNIOR, Miguel; FERRAZ JUNIOR, Tercio Sampaio. **A invenção do futuro**: um debate sobre a pós-modernidade e a hipermodernidade. Barueri, SP: Manole, 2005.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico**. Versão publicada no jornal argentino **Página/12**, 29-10-2010. A tradução: **Cepat**. 1966.

_____. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

_____. **História da Sexualidade 2** – o uso dos prazeres 1984.

_____. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987.

GALLO, Silvio. **Deleuze e a Educação**. Estética; Florianópolis 2007

GIDDENS, A. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

_____. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

_____. **Mundo em descontrole**. O que a globalização está fazendo de nós. 3 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

GOELLNER, Silvana Vilodre. A produção cultural do corpo. In: LOURO, Gaucira L.; NECKEL, Jane Felipe; GOELLER, Silvana Vilodre(org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

GOSS, Carine pereira. **Trajetórias militantes**; análise de entrevistas narrativas com professores e integrantes do movimento negro. In: Weller, Wivian e Pfaff, Nicolle. Metodologias das pesquisas qualitativas em educação- Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GUIMARÃES, Letícia Bandeira. **Criaturas, Rizomas, coisas...** E ainda outras coisas para pensar-planejar. Porto Alegre, 2010. Trabalho de Conclusão de curso – (Licenciatura em Pedagogia) Faculdade de Educação, UFRGS, 2010.

HALL, Stuart. **Media and Cultural Regulation**. Educação & Realidade, 1997

HERVEY, David. A condição pós-moderna: pesquisa sobre as origens da mudança. SP: Loyola, 2005.

KHOURY, Yara Aun. **Narrativas orais na investigação da história social**. Núcleo de estudos cultura, trabalho e cidade; I encontro Procad- Puc SP, 2001

LEMIESZEK, Cláudio de Leão. GARCIA, Elida Fernandes. **Guia incompleto das primazias de Bagé**. Bagé: Ediurcamp, 2013.

LESSA, Barbosa. **Nativismo, um fenômeno social gaúcho**. 2ª. ed. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 2008.

LYOTARD, J. F. **O pós-moderno**. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1986.

_____. **A condição pós-moderna**. 2ed. Lisboa:Gradiva, 1989.

LYPOVETSKY, Gilles. **A era do vazio**: ensaio sobre individualismo contemporâneo [trad. Therezinha Monteiro Deutsch] Barueri, SP: Manole, 2005

_____. **Os tempos hipermodernos** [trad. Mário Vilela] São Paulo: Ed. Barcarolla, 2004.

_____. **A sociedade da decepção** [trad.Armando Braio Ara] Barueri, SP: Manole, 2007.

LYPOVETSKY, Gilles. SERROY, Jean. **A cultura-mundo**: resposta a uma sociedade desorientada; [Trad.maria Lúcia Machado] São Paulo: Companhia das letras, 2011.

MATTOS, Eron Vaz. **Romance de estrada longa**: poemas – Edição: Martins Livreiro; 1995

_____. **Aqui: memorial em Olhos d'Água**. Ensaio etnográfico: Impressão: Cecom; URCAMP, 2003

MEDEIROS NETA, Olivia Morais de. É possível uma pedagogia da cidade? Artigo **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.40, p. 212-221, dez. 2010.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A Educação Física Cuida do Corpo e... Mente**. Campinas, SP: Papyrus, 1983.

MOURA, Carlos Alberto. **A invenção da crise**. In: NOVAES, Adauto (org.). A crise da razão. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

MOURA, Lisandro Lucas de Lima. **O imaginário como mística do ensino em sociologia** sobre a *atenção imaginante* nas narrativas visuais de Bagé. Dissertação de mestrado, 2012.

NETTO, Vinicius M. **Urbanidade como devir do urbano**. Universidade Federal Fluminense. Simpósio temático: Urbanidade, 2011.

PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2009

PEREIRA Marcos Villela. **O desafio da tolerância na cidade contemporânea**. Conferência em Pelotas (RS), 05 de julho de 2002.

RAGO, Margareth. ORLANDI, Luiz B. Lacerda. VEIGA-NETO, Alfredo. **Imagens de Foucault e Deleuze ressonâncias nietzschianas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

REIS, Jorge. **Apontamentos Históricos e Estatísticos de Bagé**. Bagé: Typ. Do Jornal do Povo, 1911.

RESENDE, Antonio José Calhau. **O princípio da Razoabilidade dos Atos do Poder Público**. Revista do Legislativo. Abril, 2009

SAGRADA, Bíblia. **Sociedade bíblica católica internacional**. São Paulo; Paulus, 1990

SALES, Alessandro Carvalho. **A causalidade em Deleuze**: diferença interna e produção de si. KRITERION, Belo Horizonte, nº 119, Jun./2009, p. 215-231

SALIS, Eurico Jacinto. **História de Bagé**. Porto Alegre: Globo, 1955

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. **Transformações do corpo controle de si e o uso dos prazeres**. In: Imagens de Foucault e deleuze: ressonâncias nietzschianas. Orgs: Margaret Rago, Luiz B. Lacerda Orlandi, Alfredo Veiga-Neto. Rio de Janeiro, 2002

SENNET, Richard. **The fall of public man**: on the Social Psychology os Capitalism; Nova York: Vintage Books, 1978.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**: corpo, subjetividades e tecnologias digitais. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

_____. **A desmaterialização do corpo**: da alma (analógica) à informação (digital). Comunicação, mídia e consumo São Paulo vol.3 n.6 p.105 - 119 mar. 2006.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O Currículo como fetiche**: a poética e a política do texto curricular. São Paulo: Editora Autêntica, 1999.

_____. **Documentos de identidade**: uma introdução às teorias do currículo. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo arquétipo da felicidade. Campina, SP: Autores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SCHUTZE, Fritz. In: WELLER, Wivian, PFAFF, Nicole. **Metodologia da pesquisa qualitativa em educação**. Organizadora - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

SOPEÑA, Marla Cristina da Silva. **Ambientes Virtuais de Aprendizagem**: possibilidades de espaços transversais e cooperativos. 2013. 71f. Qualificação Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia do Instituto Federal Sul-rio-grandense – Campus Pelotas, Pelotas – RS.

SOUZA, Nadia Geisa Silveira de. **Que corpo é esse?** O corpo na família, mídia, escola, saúde... Tese de doutorado, 2001.

SANTOS, Andreia da Silva. QUEIROZ, Rosângela. **A Desterritorialização dos Territórios:** A Cidade Subjetiva de Félix Guattari. Faculdade de Integração do Sertão (fis), Brasil in: Sobre Comunicação e Cultura: I Jornadas de Doutorandos em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais Universidade do Minho: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, 2012.

VEIGA-NETO, Alfredo. **A crise da modernidade e inovações curriculares:** da disciplina para o controle. Revista de ciências da educação, nº 7, set/dez 2008.

_____.VEIGA-NETO, Alfredo. In: Marisa Vorraber Costa, org. Estudos culturais em educação: mídia, arquitetura, brinquedo, biologia, literatura, cinema... Porto Alegre: Ed. Universidade/ UFRGS, 2000.

VIEIRA, Marcus André: **A (hiper) modernidade lacaniana.** In: Latusa n. 9, Rio de Janeiro EBP-Rio e Contra Capa, 2004.

VON ZUBEN, Marcos de Camargo. **Entre história e liberdade:** a ontologia do presente em Michel Foucault. Campinas, SP : [s. n.], 2010.

ANEXOS
Manifesto 1 -

Prezado João Vicente.

Alão adianta chorar sobre o leite
destramado.

É impressionante o atraso de Alão
quanto aos seus direitos prioritários de re-
tribuição dos brasileiros.

Agora que se deram de conta que há
crise por todos os lados.

Eu pergunto; porque todas estas ma-
nifestações de desgosto contra o governo do
PT e suas extravagâncias, corrupções e gas-
tos monumentais de dinheiro público não foram
feitos quando da primeira vez que o ex-presi-
dente Lula anunciou que iria tentar trazer
a Copa do Mundo para o Brasil?

Pergunto isso porque há 30 anos atrás, mais
exatamente em março de 1983, o então presiden-
te João Figueiredo rejeitou que a Copa de 1986
fosse realizada aqui devido a grave crise que
havia naquela época no país.

Alão, o seu Lula foi aplaudido e com a Gra-
ças dessas libras esmoladas, ele garantiu a con-
tinuação do governo do PT com ele governando
por laivos dos panes.

Sim porque não é preciso ser cientista po-
lítico, e até um João ninguém como eu sabe
que a Dona Dilma Rosset não passa de maris-
mete manipulada pelo Lula.

Tomara que nas próximas eleições o
povo brasileiro realmente acorde não só
agora e acabe com esse contínuo,

porque senão eles continuariam com aquele
gostoso choroar na gronja do torto re-
gado a gostosas gargalhadas a custo
da inércia do cérebro brasileiro.

sem mais Paz, Saúde e Harmonia
é o que lhe deseja.

Machado
Palmas e a Julia

Que o Paz De Deus

06/08/2013

Esteja Comigo.
Assim falou o Senhor: "Eu lembrarei de ti no dia do julgamento deste mundo iníquo e seu governante, pois estava nu e me vestiste, estava com fome e me paciaste, estava doente e forte me confortar, estava preso e forte me libertar. E eles dirão naquele dia, Senhor, quando te fizemos tais coisas? Em verdade vos digo que quando fizerdes uma destas coisas a um destes pequenos irmãos que mim fizestes e eu te confirmarei perante o Pai Celestial".

elas juntas tesouros aqui na terra onde a braga consume e o ladrão leva, mas sim nos céus junto ao Pai, e onde estiver o teu tesouro ali estará o teu coração.

elas dá surtidas a leis, mandamentos, doutrinas e benças feitas por homens imperfeitos eis que em tudo isso está a hipocrisia, ganância e destruições. Mas procura a sabedoria divina que está na sua palavra, ali há soluções para todos os problemas. Que o teu corpo seja luz para que andes no caminho da verdade e o maligno não te atinja e tu não tropeces.

Paz, Saúde e Glorificação é o que lhes Amém
desejam o

Andarilho
Valdas

e a Paz

D S T Q Q S S

Sr. João Vicente

10/9/2013

O assunto desta vez é sobre

Multas

Desde ter acontecido um dia desses de eu estar dando palavras de pão para um casal de pomelos e pordais e um senhor chegar e me dizer que eu poderia ser multado, andei analisando e resolvi fazer uma pequena lista de que eu acho que poderia ser multado.

Vamos lá: motoristas que dirigem com uma mão no volante e a outra no celular, Skatistas e ciclistas que fazem manobras nas calçadas e até na porta do supermercado, motorista e colador deônites mal educados, motorista de patrula que deixa uma brata bracia de frente de creche como a da promotor da fricoruzinha, a SMAU que sempre deixa porvirgo pela metade como a simples retirada da sujeira capinada de contêineres como daqui da Felix da Cunha, prefeito que em época de eleição promete uma morte barbaçagem o mais rápido possível, Vereadores que ao invés de apresentarem projetos para o bem-estar do povo passam brigando entre si, quem achata salários de professores e funcionários públicos em geral, o TRILEGAL que quando dá um gembador daqui saem em caravana largando boquete a torto e a direito, posto de saúde que se nega a atender mesmo sendo uma emergência, donos de animais mortos pelas ruas e os que cortam tela de colégio,

□□□

DSTQQSS

Carros de publicidade com som alto, motoristas que param em cima da faixa (Ópa, desculpe, se em Bage elas não podem ser pintadas), pedestres que passam em diagonal nas ruas e por trás dos carros, os preguiçosos aqui no Centro que tem preguiça de levantar a tampa dos Containers e deixam o lixo ao lado, e por último os das câmeras e laíres que constroem Verdadeiros lixeiras.

Por falar em lixeira não daria para construir um aterro sanitário há poucos metros de Brasília para depositar aquela camada de políticos inúteis? (Ópa, desculpe e erre, eles não muito úteis..... pra eles mesmos.

Bem, sem mais por enquanto agradeço e que Deus abençoe.

Wladimir
e
Rafael

Manifesto 4-

Sr. João Vicente;

20/02/2014

Ultra vez Valtó a escrever para este formal diário e primoroso.

Puro destacar a morte do cinegrafista da Band. Pode parecer exaltacionismo da minha parte mas quando entramos no século 21 e com minhas andanças por este mundo de Deus, eu já previa acontecimentos polemicos, desastrosos neste País, mas não esperaria tamanha selvageria e bárbarie regadas a tanta corrupção que contaminou à gregos e troianos, à polacos, milhões e riles e cada vez mais eu liro fiem estas palavras da Bíblia:

"Eis que pte pela sua imperfeição, amor à riqueza e sede^{de} poder, jamais conseguirá ter a verdadeira paz e segurança, pois o conhecimento da verdade e o amor ao próximo não está nele. Eis é de homem o andar dos seus passos.

Bem, voltando à minha Bage, eu pergunto, até quando as sinalizas dos esquinas de Sup. Cláccional, Mar. Samuel, Praça de Esportes e Ultra Tríplice ficarão apagadas e também parte do Colégio Espírito Santo?

E também se a prefeitura pode construir outra quadra de esportes na praça de esportes já que a atual está ocupada com rampas e obstáculos para os SKATISTAS impedindo a prática de hóquei e futebol por outra parcela da quiza-da?

Tenho a petulância por morar na rua,

que dizem eu e a minha cachera dormirem
paz.

Quem mora em boas casas, apartamentos e
mansões, ou seja no conforto, não imagina
o que é não ter nada nessa vida.

Me ameaçar e tentar colocar fogo na minha
cama durante à noite ou madrugada, não
vai adiantar nada.

A esses que nos perseguem já faz tempo eu
peço que Deus os abençoe junto aos seus
lares e suas famílias já que eu a muito tempo
não peço o que é ter uma.

Sem mais por enquanto Vou finalizar
desse modo:

Paz, Saúde e Harmonia para todos.

André Vitor
e a
Rafael

Dr. João Vicente;

24/02/2014

Em 1.º lugar quero agradecer à todos aqueles que me prestaram solidariedade quanto à reportagem da Folha de São Paulo sobre os últimos acontecimentos no nosso acampamento, foi o primeiro fim de semana que eu e Sofia conseguimos dormir em paz e assim esperamos que continue.

Meus parabéns ao Vereador Fúca que mesmo sendo do partido governista, disse não, no seu íntimo, ao autoritarismo do seu partido em favor do funcionalismo público.

Um incurrível contraste político, porque a oposição a meu ver quase todos, ~~ou quase~~, se eu desse quase todos se calam ou remitem ~~quanto~~ quanto aos problemas em geral de Bagé.

Eu pergunto; será que a frotas de lixo chamado imposto não está grande demais para os cargos de comissão? Que dinheiro gasto com asfaltamentos que acabam se deteriorando não daria para ser economizado e usado para funcionalismo público?

Outra coisa, projeto faraônico como o do Vereador e Belinho de ampliação da pista de SKATE na zona de Braderes, deveria ser um projeto educacional de como se comportarem nas calçadas, nas vias públicas e na frente de casas de comércio como supermercados.

Quanto a sujeira na cidade inteira e já

que estamos na era da lixa deste, lixa daquele,
lixa - empréstimo para serviços gerais por contra-
to para os desempregados de Bagé?

Bem, volta a bater na mesma tecla, até quan-
do as sinalizas, ficarão apagadas? Até quando con-
tinuara o comércio de fichas no INSS? Até quan-
do vai se aguentar o trabalho excessivo dos Carros de
pom? Até quando a escola Justino Riantoma vai
esperar pela boa vontade do poder municipal para
se reerguer?

Meus atuais 2 filhos para se realizarem: a
licenciatura da Prisciezinha ficar pronta antes dos meus
60 anos, e nas próximas eleições em 2016 entrar
vereador.

Com mais Paz, Saúde e Harmonia
para todos é o que desejam o

Andarilha
e a
Lidia

10/07/2013

Em primeiro lugar me desculpem, mas minha consciência apesar esta paralisada no país.

Eu sou por anarquista, comunista e nem de partido nenhum, só não esperaria chegar tão cedo para ver esse momento.

É óbvio que vamos ter um verdadeiro caos, mas desde que me conheço por gente em 30 anos andando por esse Brasil, governos municipais, estaduais e federais tem massacrado o país que sempre aceita tudo de cabeça fria e quieto.

Convenhamos ninguém é de ferro e nesta Demonstração em que vivemos, nos últimos 10 anos nunca se viu tanta corrupção e roubo, com uma saúde de gente, educação falida e uma segurança que deixa muito a desejar.

Aqui mesmo em Bagé já aconteceu de a própria Brigada Militar literalmente ter que cortar e remendar uma via-tura do POE para poder trabalhar.

Como colégio GETECO, a direção, alunos e professores, tiveram que esperar pela boa vontade de alguém para solucionar o problema que tiveram com aquele temporal que os ~~deixou~~ deixou sem telhado e na saúde agora pouco, um filho não desespero de tomar

os vidros do frente - por isso pela morte da mãe
devido atraso no atendimento, e a travessagem
da avioezinha, ah! sim, desculpem já che-
ga sem comentários.

Sabiez digam esse andarilho não tem ma-
is o que fazer pra tá escrevendo essas lio-
tragens.

Mas é o que eu vejo, acompanho e sinto, o
perito cansou de lançar o bodeiro pra ser
deitado pelos lados lá de cima, do meio e da-
qui de baixo.

Sem mais desculpem a extensa carta.

Paz, Saúde e Harmonia Para todos e
o que lhes desejam

Andarilho
Cato

o a
Rodrig

Sr. João Vicente;

23/12/2013

Esta carta vai com desejo de esperança,
Espero que no norte ano aconteça o milagre
da retomada das obras da nova travessia,
que o prefeito Ludo pare um pouco com essas o-
bras de asfalto e dê um jeito na burocracia dos tra-
ços,

Que Vereadores em geral formem uma Comissão
para ir a Porto Alegre pressionar o governo para
que solucione de uma vez por todos os problemas do
Colégio Justino Quintana (15 de novembro),

Que os Vereadores parem de estar quase sempre brigan-
do entre si e partidos e deixem a sujeira que está Ba-
gé em geral e porque a prefeitura não paga hora ex-
tra aos funcionários da limpeza.

Que ao invés de se gastar uma alta quantia
com o Sangue do Gaúcho, fazer uma operação de res-
tauração da Av. Visconde Riberio de Magalhães, assim
como a obra de Sombra que eu considero uma das
piores obras de asfaltamento já feitas em Bagé, uma ver-
gonha.

Que um dia seja feito um verdadeiro serviço de pa-
neamento nos traços,

Que um dia todos os postos de saúde consigam aten-
der com decência as pessoas que os procuram,

Que os moradores da Arrizozinha (pró-morais) parem
de jogar de lixo entre o Colégio e a sacada da quadra
poliesportiva e alguém dê um jeito no muro da creche,

Que parem de largar carroças de lixo e restos de me-
veis no terreno que fica na entrada da Cerâmica AP
(Bairro Fenix),

que alguém de um jeito nos SKATES nas calçadas, porque fazer mais pistas não é solução porque SKATES tem aversão ou repúdio de ficar em beirais de ruas, e não adianta ir me ameaçar de madrugada como fizeram 4 Skateístas no mês passado, quando ainda estava no efacional.

"Barge" cada vez melhor" que triste ilusão, o que tem é cada vez mais discar com quem paga os seus impostos e não vê retorno, as entradas de interior pedem por isso, os bairros e vilas pedem por isso.

Enquanto isso o prefeito quer R\$ 30 milhões pra fazer duas em um lugar somente. Eu pergunto: Com esse valor não daria pra comprar mais maquinário, tipo mais 2 ou 3 patrôas, retroescavadeira, caçambas, contratar em caráter emergencial boa parte de desempregados e fazer uma limpeza geral nos bairros e vilas?

Bem vou finalizandinho por enquanto dizendo que estamos em meio endosso já que fomos expulsos do efacional, estamos aqui no muro do Salate Pedro Urbino.

Que todos vocês da Rádio e toda a Barge tenham paz, saúde e glória em mais este ano que se aproxima.

Andarilho
Falcão e Zéfira

Manifesto - 8

Rue A Raz De Deus

Esteja Contigo 07/07/201

Servir; Você está sendo filmado lá
de cima por Deus e Jesus Cristo

Assim falou o Senhor; Bem aventurados os que
têm sede de justiça, porque serão saciados,
bem aventurados os misericordiosos, porque os
confortará misericórdia.

Este mundo de hoje cheio de malícia e insinua-
ja te desafia daquele que fala contigo de cabeça
baixa, eis que desta lhe passar a consciência por se-
us pensamentos maus que advêm de um espírito pra-
ce.

Quando deves esmola, não faças como os hipócritas,
que fazem empurrões para se engrandecer, mas
dimpayas impiedoso, e lá de cima o Senhor que vê
em segredo te recompensará.

E não julgues o malfeitor que seulta para matar
a fome, eis que o filho de Deus morrerá entre 2 mal-
feitores e a um deles perderei.

Que o teu corpo seja luz, teu espírito brando,
e seja da ira e se prolongarás os dias de tua vida.
Paz, saúde e harmonia é que lhes desejamos

André (113) e a Sofia

libre

Rogé, 24 de Dezembro 2011

Sonho em Louco

Na vida todos somos semeadores...
 Uns semeiam flores e descobrem belezas,
 perfumes e frutos. Outros semeiam espinhos
 e se ferem nas suas pontas agudas.
 Ninguém vive semear, seja o bom
 ou mal... Felizes são aqueles que, por
 onde passam deixam semente de amor
 de bondade e afeto.

Há alguém que nos ama com um
 amor incondicional que nos acolhe dentro
 de uma só família. Esta noite antes
 de nos separarmos, fazemos uma pequena
 prece para que Deus nos dê a todos
 compreensão aqueles que não, todos
 diferentes de nós.

Um beijo no teu coração



Sejas feliz

Manifesto - 10.

O que escrevo aqui é apenas uma
das coisas que este andarilho percebe - 08/10/2014
no dia-dia das pessoas de todas as classes
sociais.

Questão De Respeitabilidade

Em tempos atuais em que o capitalismo
se espalhou sobre o mundo, nota-se que há diferen-
ças nas maneiras de viver e se tratar,
tanto nas famílias em suas casas como em qual-
quer outro lugar em que haja mais de uma pes-
soa.

Pode parecer estranho o que escrevo aqui, mas
como está escrito na palavra de Deus, nos últimos
tempos o amor ao próximo iria esfriar, o homem
iria ser amante do dinheiro, riqueza e poder, homem
governaria homem e ele se afastaria de seu Cri-
ador, sendo que há um provérbio que diz: "O cão
é do homem e o andarilho dos seu passos".

Portanto, por razão de um familiar, vizin-
ho ou até com um estranho às vezes em uma de-
sua questão, pode, melhor nessa estíma e trazer
conforto espiritual.

Até o início da década de 1980 quando termi-
nei o 1.º grau me lembro que no colégio nada era
perfeito, mas existia respeito entre alunos e profes-
sor e vice-versa, respeito entre pais e filhos,
menor de idade não circulava altas horas da
noite nas ruas, ainda havia muitas famílias
que se reuniam nos fins de semana em casa.

Me lembro que havia o perigo de um estranho
arrediar uma criança com más intenções e eu
dizera uma pessoa estranha, hoje em dia, o.

tilibra

perigo está dentro de casa, com pais, tios, irmãs e primos com o pomposo nome de pedófilo e que para mim não passam de marginais.

Com a aproximação do século 21 parecia que tudo iria tomar outro rumo, mas o que aconteceu foi um retrocesso familiar, educacional e cultural.

Elas adianta eu frequentar templos e gritar aos 4 ventos que sou cristão e não perco razão de tel nem com um cachorro e o meu coração estirar longe de Deus e Jesus.

Por isso acho que se fossemos as menores raças - Veis um? Com os outros desde criança, teríamos uma juventude mais tolerante e assim adultos com mais perspicácia para analisar situações de risco.

Eu ainda vejo uma luz no fim do túnel. Questões de Razoabilidade é uma de minhas filosofias de vida mesmo que me procurem o contrário. Paz, Saúde e Harmonia para todos é o que desejo o

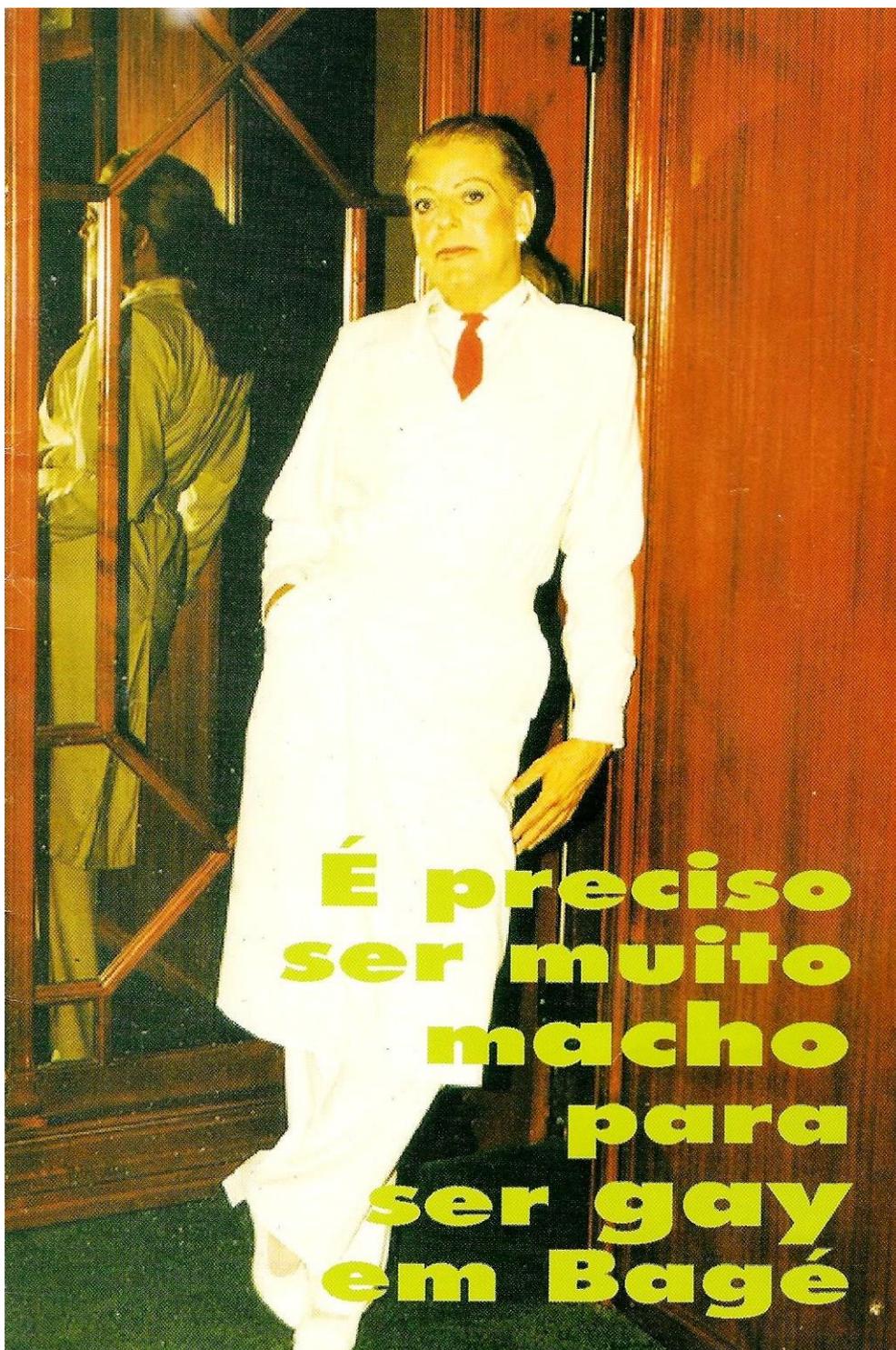
Andarilhos e a Ropia

AUTORIZAÇÃO

Eu, aqui denominado apenas como Andarilho Falcão e sua cachorra Sofia autorizo a acadêmica Jaqueline Lidorio de Mattia, cédula de identidade nº _____, CPF nº _____ utilizar os “manifestos” escritos e assinados por este Andarilho, para pesquisa com fins acadêmicos.

Bagé, _____ de _____ de 2014.

Ass.: _____



Economia

A Rainha da Fronteira perde a majestade

Camila Côrtes

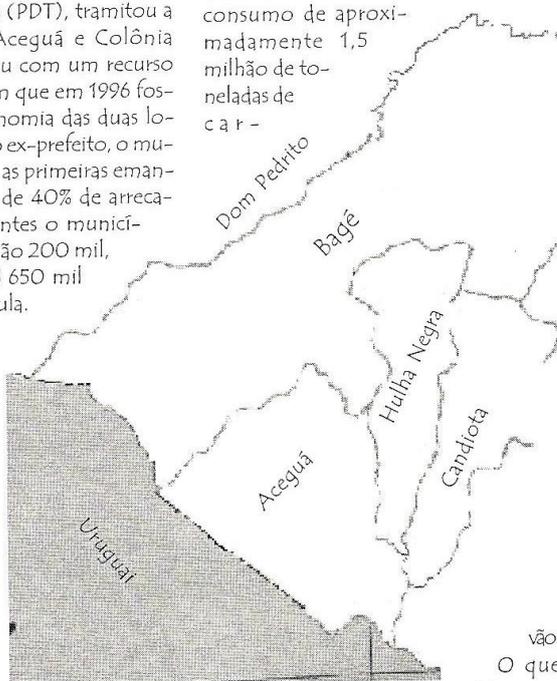
Bagê deixou de ser a Rainha da Fronteira com as emancipações dos distritos de Candiota, Hulha Negra, Colônia Nova e Aceguã? Mesmo que o município não seja privado do título, cerca de 50% da linha de fronteira que separava o Brasil do Uruguai a sudoeste do estado não pertence mais a Bagé. O processo de emancipação sempre gera polêmica entre políticos e a comunidade. Candiota e Hulha Negra desligaram-se do município mãe no período de 1989 a 1992. No segundo mandato do ex-prefeito de Bagé, Luiz Alberto Vargas (PDT), tramitou a emancipação de Aceguã e Colônia Nova. Vargas entrou com um recurso judicial fazendo com que em 1996 fosse impedida a autonomia das duas localidades. Segundo o ex-prefeito, o município perdeu com as primeiras emancipações em torno de 40% de arrecadação de ICMS. "Antes o município recebia R\$ 1 milhão 200 mil, hoje arrecada de R\$ 650 mil a R\$ 700 mil", calcula.

Em relação ao fundo de participação do município que inclui a perda populacional e a área territorial, Vargas afirma que com 115 mil habitantes, Bagé ainda está dentro do número determinado. "Não há perda significativa considerando o número de habitantes", declara.

O município de Hulha Negra tem como o maior gerador de impostos, o Frigorífico Pampeano, que produz 122

mil 400 enlatados de carne de ovinos e legumes por dia. Além disso, o município é o segundo maior produtor de sementes olerícolas do país. Em contrapartida, herdou de Bagé 18 assentamentos, totalizando uma área de 15.144 hectares. Abrigando 634 famílias integrantes do Movimento dos Sem Terra (MST).

A base econômica de Candiota é a exploração do carvão, para gerar energia termelétrica. Conforme dados da Companhia Riograndense de Mineração (CRM) houve em 1992 um consumo de aproximadamente 1,5 milhão de toneladas de car-



vão. O que dá uma perspectiva de fornecimento para quase mil anos de consumo.

Outra possibilidade de rendimento para Bagé seria a extração de calcário e a produção de argila existente nas mi-

nas de carvão. O rio Jaguarão banha o município, sendo um dos seus afluentes o Arroio Candiota. No seu percurso está localizada a Barragem I que abastece a Usina Termelétrica Presidente Médici e a Vila Residencial da CEEE. Em 1974 foi inaugurada a Usina Termelétrica Candiota II fase A, com uma potência de duas vezes 65 mil watts.

Fatores da autonomia

Se Candiota não fosse emancipada, Bagé teria posse do maior complexo Termelétrico do Brasil e da América Latina. Em 1986 construiu-se a Usina II fase B, com uma potência a duas vezes 160 mil watts. Os níveis de carvão passaram a ter uma média de 150 mil toneladas.

O plebiscito para a emancipação de Candiota aconteceu em 1991. O resultado foi de 1.810 votos a favor e 71 contra. A emancipação do município foi efetivada em março de 1992, através da lei nº 9574. O primeiro prefeito de Candiota foi Odilo José Dal Molin (PMDB).

Desde 16 de abril de 1996 Aceguã e Colônia Nova tornaram-se um único município. O secretário da comissão de emancipação, Júlio César Pintos, assegura que a localidade passa a arrecadar ao redor de 22% na economia. "O setor que pesa mais é a lavoura de arroz, com cerca de 30% de produção, na pecuária de corte vai ficar com 20% do rebanho e 5% de ovinos", constata. Outra perda econômica para Bagé é a Cooperativa Agrícola Mista Aceguã Ltda, fundada em 29 de outubro de 1959, na localidade de Colônia Nova que possui a maior

Alphorria

Dados Estatísticos de Colônia Nova Julho/ 99

- Produção/ leite por família: 23%
- Empregados: 15, 97%
- Profissionais liberais: 13, 15%
- Produtores de arroz: 6, 11%
- Pecuária de corte: 5, 17%
- Agricultura(exceto arroz): 4,23%

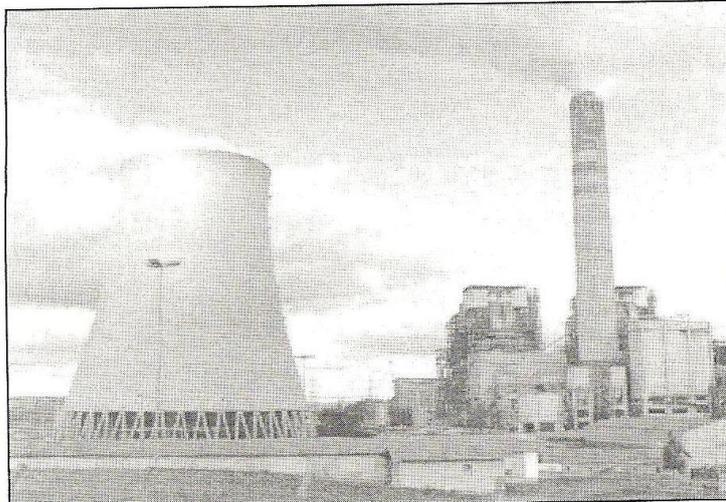
bacia leiteira da região. A Cooperativa processa 2.500 litros/ hora de leite. Em 1999 teve uma produção anual de 20 milhões de litros. A Colônia de alemães representa 40 % da receita de Bagé. O faturamento previsto para 2000 é de R\$ 25 milhões com a arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS) estimada em R\$ 1,7 milhão.

Produção em alta

A indústria de laticínios comercializa todos os produtos com o leite produzido na região. Com o nome Iba-jé são vendidos leite, iogurtes, creme-de-leite, queijos, nata e manteiga. Com a marca Camal são comercializados trigo, arroz, milho, soja e rações.

Pintos salienta que o município foi criado, mas devido à ação movida pelo ex-prefeito Vargas em 1996, ele não foi implantado. "O julgamento teve um resultado de 23 a zero em favor da emancipação", acrescenta. Depois da aprovação do judiciário a competência passa para a justiça eleitoral, relata. A lei foi aprovada pela justiça comum, só que perante a legislação eleitoral não foi possível efetivar as eleições em outubro de 1996.

Alphorria



Usina Presidente Médici representa o maior potencial gerador de energia elétrica de carvão do país

Localização geográfica dos municípios

Hulha Negra conquistou sua independência em março de 1992, hoje tem uma população de cinco mil habitantes e possui uma área territorial de 835 km². Com 3.337 eleitores, e está localizada a 35 quilômetros de Bagé. Candiota tem 10 mil habitantes e uma área de 580 Km². Aceguá possui uma área territorial de 1.551 Km², 7.300 habitantes e 3.200 eleitores. Colônia Nova possui três mil habitantes e fica a 25 quilômetros de Bagé. A comunidade é de etnia alemã, 43% vive no interior e 53% na cidade.



Bagé
Extensão territorial inicial: 6.100 Km ²
Bagé
Atual: 3.100 Km ²
População: 115 mil habitantes

Perdas que ameaçam o desenvolvimento

Em Bagé, na localidade de São Martim, está o armazém da Camal que beneficia sementes de trigo, soja, arroz, avevêm, aveia e cevada. Com a emancipação metade da arrecadação vai para Aceguá. A indústria possui 50% de associações de Bagé e todo rendimento da empresa a partir de janeiro de 2001 será para o desenvolvimento econômico do novo município. Bagé perdeu 24% com Candiota e Hulha, com Aceguá diminuiu 20% de sua renda.

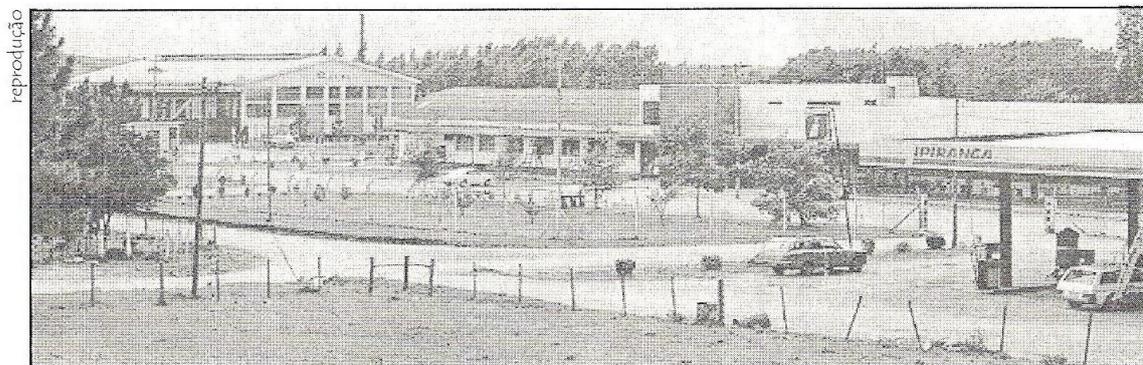
As perdas continuam com os haras que abrangem aquele distrito. Bagé possuía 16 haras situados na BR 153 que dá acesso a Aceguá e ao Uruguai. Com a separação perde-se Santa Maria de Araras, de Júlio Rafael de Aragão Bozano, Mondesir, de Antônio Joaquim Peixoto de Castro Palhares, Sant'Ana do Rio Grande, de José Fragoso Pires, Doce Vale, de Alfredo Grunger, Bagé do Sul, de Alberto Levi e Condomínio HarasEspantoso, de Milco Nunes Flores e Haras Castelo, de Pedro Hartmann. Consagrando o município como o maior centro de cavalos puro sangue inglês (PSI) do país, cerca de 1.400 cavalos da raça. Dos dez haras de PSI vencedores do Grande Prêmio Brasil de corridas clássicas, seis estão em Bagé. Os campeões que se destacaram



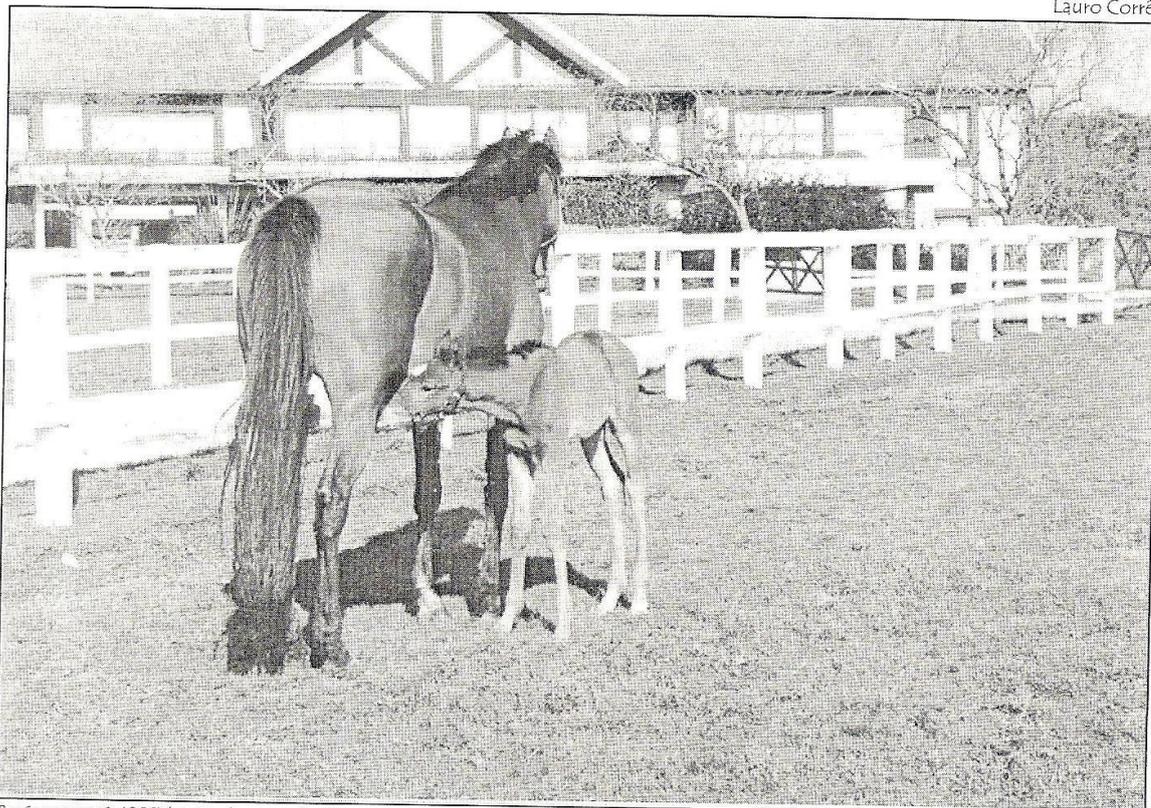
Colônia Nova possui a maior base leiteira da região com aproximadamente 5 mil bovinos de leite

PRODUÇÃO DE CEREAIS DA CAMAL/ 99

Arroz em casca:	19. 121, 185 Kg
Sorgo:	10. 780, 966 Kg
Trigo:	862. 549 Kg
Milho:	1. 208, 211 Kg
Soja:	829. 173 Kg
Cevada:	283. 374 Kg
Outros produtos:	804. 865 Kg



Complexo industrial da Cooperativa Agrícola Mista Aceguá, localizada em Colônia Nova, a 25 quilômetros de Bagé



Bagé que possuía 100% dos grandes campeões da raça puro sangue inglês, a partir do ano que vem fica com 45,75% da criação de eqüinos reconhecidos nacionalmente

foram Anilitê, Bowling, Carteziano, Flying Finn, Villach King, Ghadeer e Falcon Jet.

Entre os bageenses mais revoltados com essa avalanche de emancipações que retiraram metade do território e comprometeram a economia do município está o prefeito de Bagé, o economista Carlos Sâ Azambuja (PPB). Para Azambuja a lei das emancipações era ultrapassada, não permitia que o município atingido votasse para definir o processo de independência. A nova lei proporciona a participação do município que vai ser desmembrado. "Com Candiota perdemos a fábrica de cimento e o potencial da Usina Presidente Médici, de onde saía uma das maiores parcelas de arrecadação para Bagé", ob-

serva Azambuja.

Segundo o prefeito, a Camal representa outra grande perda para o setor industrial. "A economia de Bagé dificilmente vai recuperar-se disso", desabafa. Conforme Azambuja os encargos continuam os

mos e a receita muito menor. " Tudo

foi feito de forma desmensurada, o governo que permitiu essas emancipações foi omissivo e incompetente", declara. Para Azambuja as emancipações não têm nenhum lado positivo, o município perderá 40% de sua renda. "Isto é uma tragédia para nossa cidade, o futuro de Bagé está comprometido", projeta o economista.

Apesar das perdas significativas no território, na economia e na auto-estima, talvez os bageenses ainda prefiram acreditar que o velho dito popular continua valendo: "Quem foi rei, nunca perde a majestade". Será?



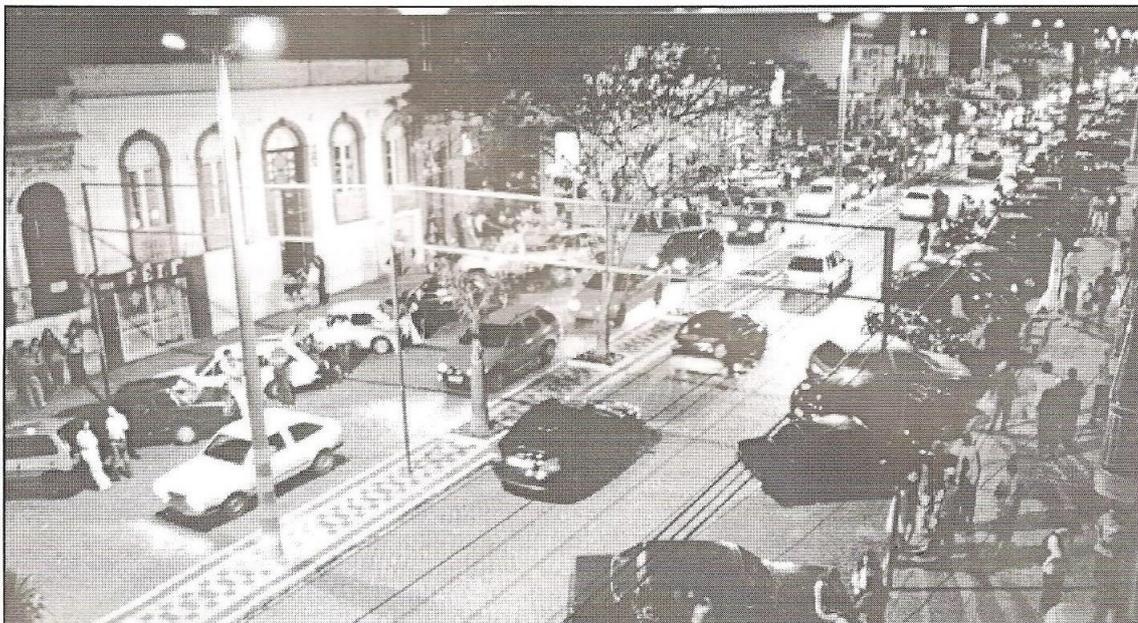
Alphorria

Dora Beledo

Uma volta na Sete...

O ritual sagrado do fim de semana

Francisco Bosco



Milhares de veículos na principal avenida da cidade como se fosse um grande autorama

A Sete é o local de encontro, onde os mais novos fazem amigos e os mais velhos reencontram conhecidos. O movimento é intenso, começa ao entardecer. Gente de todas as idades, todas as classes, todas as cores. Não tem quem resista a uma voltinha pela avenida Sete de Setembro no domingo.

Ali surgem paqueras e grandes amores porque, na verdade, é considerada uma grande vitrine. Para a universitária Mariane Cremonese, 18 anos, a Sete sempre vai ser lembrada como o lugar em que encontrou seu grande amor. Mariane conta que estava na avenida com um grupo de amigas quando percebeu que um veículo passava muitas vezes e o motorista não parava de olhar para ela.

A universitária lembra que não o conhecia, mas quando o carro parou e o estudante a convidou para dar uma volta, teve certeza que aquele dia seria inesquecível.

“Estamos namorando desde aquele domingo e até hoje não dispensamos uma voltinha pela Sete”, revela Mariane.

E quem pensa que somente os mais novos aproveitam as vantagens oferecidas pela grande avenida, engana-se. Famílias inteiras esperam o entardecer para estacionar o carro, ou simplesmente percorrer a principal rua da cidade a pé. O comerciante Eduardo Alves, 51 anos, conta que não consegue ficar em casa aos domingos. “É aqui que eu encontro meus amigos”, enfatiza.

Alves, que passou grande parte de sua adolescência na avenida, não vai para a Sete sozinho. Acompanhado da esposa Valnir, 51 anos, e da filha Valesca, 21 anos, o comerciante espera que anoiteça para estacionar no lugar mais movimentado da cidade. “Não sou o único a manter o hábito, e mesmo que fosse, não me importaria”, ressalta Alves.

E quem pensa que a avenida é ponto de encontro somente nos finais de semana, está enganado mais uma vez. A Sete é cenário das principais comemorações e manifestações populares. As lojas mais badaladas se estendem por quase 10 quarteirões e disputam cada milímetro das calçadas.

Manias

Uma das maiores características da avenida é a mania das pessoas em se encostar nos carros. Não importa de quem, se estiver livre, a traseira de algum dos veículos que estacionam na Sete vai parecer ter outro dono até que o verdadeiro proprietário decida retirá-lo da disputada vaga.

A outra singularidade é o hábito dos motoristas ficarem horas desfilando seus carrões pelas mesmas quadras, fazendo com que a Sete se pareça com uma pista de autorama. Para o universitário Cláudio Ribeiro, 21 anos, a mania de rodar pelas mesmas ruas é intrigante. Ele revela que é quase um ato compulsivo, como uma obsessão. "Parece que quem vem de carro tem que fazer isso.", salienta o universitário.

Vaivém

Mas não é somente o vaivém dos automóveis na Sete que atrai a atenção dos que chegam a Bagé. A carioca Patrícia Melo, 25 anos, conta que ao descer a Sete pela primeira vez percebeu nitidamente a linha imaginária que divide as classes. Na verdade, Patrícia relata sobre as "tribos" dos motoqueiros, playboys, patys, gauchinhos e outros grupos que escolhem determinado local para se reunir aos finais de semana.

Outras curiosidades observadas na avenida é que as pessoas levam o chimarrão, a cerveja, a sogra, e até os cães para passear. E quem disser que nunca presenciou uma história engraçada na Sete, com certeza nunca esteve em Bagé.

A cara do domingo

Francisco Bosco



A simpática Tia Gorda

Comunicativa e extrovertida, a comerciante Lisete Laci Severo, mais conhecida como Tia Gorda, alegra-se em conhecer a história da maioria das pessoas que passeiam pela avenida.

Lisete conta que o trabalho de 25 anos vendendo churros na esquina da Sete de Setembro trouxe amizades com pessoas de diferentes classes e que a convivência respeitosa com todos permitiu a intimidade de ser chamada pelo apelido.

Aos 44 anos, Lisete revela que encontra os vizinhos com mais frequência na Sete do que na própria rua onde mora. Para a comerciante, que chega a trabalhar 12 horas no inverno e mais de 16 horas seguidas no verão, a avenida é um aprendizado. Ela conta que consegue adivinhar se em determinada data terá tempo bom ou ruim. "É fato! Se choveu no dia 10 de maio, no próximo ano vai ter o mesmo clima dois dias antes ou depois", esclarece Lisete.

Tia Gorda confessa que o maior fluxo de pessoas na avenida acontece aos domingos, perdendo apenas para festas comemorativas. Lisete destaca que as vendas de churros, o carro-chefe dos salgados vendidos em seu ponto, chega a triplicar nesse dia. "Tem vezes que eu vendo quase 150 churros em um só dia", salienta acrescentando que somente a morte poderá afastá-la do contato com o público.